

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Aroldo de Lara Cardoso Jr.

Corpos Líquidos:

circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o psicodrama junguiano

Mestrado em Psicologia Clínica

São Paulo

2021

Aroldo de Lara Cardoso Jr.

Corpos Líquidos:

circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o psicodrama junguiano

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da Profa. Dra. Líliliana Liviano Wahba.

São Paulo

2021

Aroldo de Lara Cardoso Jr.

Corpos Líquidos:

circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o psicodrama junguiano

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob orientação da profa. Dra. Liliana Liviano Wahba.

Aprovada em: ____ / ____ / _____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Marcia Almeida Batista
(Professora da PUC-SP)

Profa. Dra. Nadir da Glória Hagiara
Cervellini (Suplente da PUC-SP)

Dra. Maria Paula Magalhães Tavares de
Oliveira (Convidada externa)

Profa. Dra. Leila Maria Vieira Kim
(Suplente externa)

A todos aqueles que me apoiaram, com seu amor e dedicação,
nesta jornada de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha família, especialmente minha mãe, Nilva Tedeschi, por todo apoio durante a realização desse Mestrado. Sem o seu apoio, realizar esse trabalho não teria sido possível. Agradeço a orientação precisa da querida Liliana Wahba que me contribuiu para a descoberta do meu potencial como pesquisador e como psicólogo clínico. Sua companhia nesta caminhada fez com que eu descobrisse outros aspectos dessa profissão que não haviam sido ainda por mim explorados e me deu a confiança necessária para chegar ao seu fim. Um especial agradecimento a todos os alunos do Núcleo de Estudos Junguianos – especialmente os que participaram do grupo de orientação de pesquisa da Liliana Wahba – pelas contribuições dadas durante esse percurso. Sua compreensão e companheirismo definitivamente tornaram esse trabalho melhor e deixaram o percurso mais agradável! Um agradecimento aos professores do Mestrado em Psicologia Clínica, especialmente Rosane Mantilla e Durval Faria, pela contribuição para meu pensamento sobre a pesquisa na Internet e sobre questões de gênero, respectivamente, os quais, junto da orientação precisa de Liliana Wahba, contribuíram para que eu me encontrasse constantemente instigado pela reflexão em questões importantes que permaneceram comigo durante a realização deste trabalho. Agradeço a querida Cybele Ramalho pela leitura carinhosa do artigo sobre psicodrama junguiano e Amanda Castro pela sua editoração cuidadosa na Revista Brasileira de Psicodrama. Agradeço também os companheiros de percurso Tiago Rocha, Mateus Martinez, Denise Braz, Johann Klaus Brown, Amauri Silva Prates e Henrique G. de Oliveira pelas contribuições e companhia de sempre.

Mas, se um dia
Eu te encontrar
Do jeito que sonhei
Quem sabe ser seu par perfeito
E te amar do jeito que eu imaginei
(Tribalistas, *Aliança*)

RESUMO

CARDOSO JR., Aroldo de Lara. **Corpos líquidos**: circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o psicodrama junguiano. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

Os nudes têm se transformado em práticas na Internet, denominadas amplamente *sexting*, que estão inseridas nos relacionamentos amorosos. Esta pesquisa tem como objetivo investigar estas práticas e seus possíveis sofrimentos, relacionando o Uso Problemático de Internet com a circulação de nudes como ponto de partida para investigação de possíveis sofrimentos. O recrutamento para a pesquisa foi realizado pela Internet com jovens de 18-26 anos. Utilizaram-se as redes sociais (Facebook, Instagram) e apps de relacionamento (Grindr, Her). Foi utilizado o método de Creswell (2010) na construção de pesquisa de métodos mistos. Foi aplicado on-line um questionário e o Teste de Dependência de Internet em 94 participantes. Seguiu-se uma sessão de psicodrama junguiano on-line com dois participantes e um ego auxiliar. Os dados quantitativos foram analisados pelo software SPSS da IBM, as informações qualitativas oriundas do questionário on-line foram submetidas a categorização e a sessão de psicodrama junguiano foi submetida a análise temática e simbólica. Os resultados mostraram correlação negativa entre o resultado do Teste de Dependência de Internet com a satisfação com os próprios nudes, correlação positiva entre frequência de acesso à pornografia e frequências de envio, recebimento e recebimento não solicitado e correlações negativas entre a percepção de risco e frequência de envio de nudes e percepção de risco e satisfação com o próprio nude. Os discursos apontam para erotismo como uma motivação para a prática, para uma relação dos nudes com a satisfação corporal, para riscos de exposição na Internet, sendo apontada sensação de pressão no comportamento de envio de nudes e relatados indícios de sofrimento como sensação de pressão pela aprovação do outro, condição de sociabilidade, adequação aos padrões corporais e medo de exposição indevida. Indica-se a continuidade de pesquisas sobre o tema no Brasil.

Palavras-chave: Sexting, Uso Problemático de Internet, Redes sociais, Psicodrama, Psicologia Analítica.

ABSTRACT

CARDOSO JR., Aroldo de Lara. **Liquid bodies**: nudes' circulation in young social network users and jungian psychodrama. 2021. Dissertation (Masters in Clinical Psychology) – Pontificia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021

Nudes have become Internet practices, widely called sexting, which are embedded in love relationships. This research aims to investigate these practices and their possible sufferings, relating Problematic Internet Use with the circulation of nudes as a starting point for the investigation of possible suffering. Recruitment for the survey was conducted over the Internet with young people aged 18-26. Social networks (Facebook, Instagram) and relationship apps (Grindr, Her) were used. Creswell's (2010) method was used in the construction of mixed methods research. An online questionnaire and the Internet Addiction Test were applied to 94 participants. An online jungian psychodrama session with two participants and an auxiliary ego followed. Quantitative data were analyzed using IBM's SPSS software, qualitative information from the online questionnaire was subject to categorization, and the jungian psychodrama session was subject to thematic and symbolic analysis. The results showed a negative correlation between the result of the Internet Addiction Test and satisfaction with one's nudes, a positive correlation between frequency of access to pornography and frequencies of sending, receiving and unsolicited receiving, and negative correlations between risk perception and the frequency of sending nudes and between risk perception and satisfaction with one's nudes. The discourses point to eroticism as a motivation for practice, to the relationship between nudes and body satisfaction, to risks of exposure over the Internet, with a feeling of pressure in the behavior of sending nudes, and reporting of suffering such as the feeling of pressure for the approval of the other, condition of sociability, adequacy to bodily standards and fear of undue exposure. The continuity of research on the subject in Brazil is indicated.

Keywords: Sexting, Problematic Internet Use, Social Media, Psychodrama, Analytical Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 ARTIGO 1 - REVISÃO DE PESQUISAS: ESTADO DA ARTE	14
2.1 Método de revisão de pesquisas	14
2.2 Frequência do Sexting	17
2.3 Compartilhamento de imagens e possibilidade de abuso digital	17
2.3.1 Apresentação das pesquisas.....	18
2.3.2 Articulação dos resultados.....	27
2.4 Associação do sexting com comportamentos de risco	30
2.4.1 Apresentação das pesquisas.....	30
2.4.2 Articulação dos Resultados	34
2.5 Questões específicas de gênero e orientação sexual	36
2.6 Relação do Sexting com o Corpo	42
2.7 Considerações sobre as pesquisas encontradas	45
Referências Bibliográficas	46
3 ARTIGO 2 – UM ENCONTRO ENTRE PSICODRAMA E PSICOLOGIA ANALÍTICA: RITUAL E MITOPOESE	50
3.1 Origens do psicodrama junguiano	50
3.2 Método de revisão	51
3.3 O psicodrama junguiano na América Latina e no mundo	52
3.3.1 Argentina	52
3.3.2 Brasil.....	53
3.3.3 Suíça	55
3.3.4 Espanha.....	56
3.3.5 Itália.....	57
3.3.6 Alemanha.....	58
3.3.7 França	58
3.3.8 Estados Unidos	58
3.4 Modos de aproximação entre Jung e Moreno: uma leitura crítica da produção escrita no psicodrama junguiano	59
3.5 Psicodrama e simbolização	61
3.5.1 Ritual	62

3.5.2 Mitopoese	63
3.6 Considerações sobre a influência da psicologia analítica no psicodrama	64
Referências Bibliográficas	66
4 ARTIGO 3 - Circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o Uso Problemático de Internet.....	70
4.1 Introdução	70
4.2 Objetivos geral e específicos	74
4.3 Método	74
4.4 Resultados	77
4.4.1 Resultados quantitativos.....	77
4.4.2 Resultados qualitativos das respostas abertas do questionário on-line	83
4.4.3 Sessão de psicodrama junguiano	91
4.4.4 Síntese dos resultados.....	96
4.5 Discussão	97
4.5.1 Motivações para a prática: a função erótica dos nudes na cultura ou em Busca de Eros.....	98
4.5.2 Motivações para a prática: relação com a satisfação corporal	100
4.5.3 Riscos e benefícios na circulação de nudes: sensação de anonimato vs. exposição na Internet	101
4.5.4 Riscos e benefícios na circulação de nudes: o papel dos grupos na circulação de nudes	102
4.5.5 Riscos e benefícios na circulação de nudes: Indícios de sofrimento associados às práticas de circulação de nudes.....	103
4.6 Considerações finais	105
Referências Bibliográficas	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
ANEXO 1: Questionário Online	112
ANEXO 2: Teste de Dependência de Internet (TDI)	125
ANEXO 3: Teste de normalidade das variáveis numéricas e ordinais	129
APÊNDICE 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Etapa Quantitativa	150
APÊNDICE 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Etapa Qualitativa	152

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa estudar um comportamento na Internet denominado sexting e, especificamente, o uso de nudes no sexting. Neste trabalho, o termo sexting refere-se à prática de envio, recebimento e/ou compartilhamento de texto, imagem, vídeo e/ou áudio com conteúdo sexual por meio das redes sociais. O termo nudes refere-se especificamente a estas imagens. Nos estudos sobre esse assunto, encontram-se diversas definições, constituindo esta uma dificuldade para uma padronização dos resultados.

A respeito de uso de Internet no Brasil, a pesquisa TIC Domicílio 2018 apontou que 70% da população tem acesso domiciliar à Internet. São 126,9 milhões de usuários apenas no Brasil. Destes, 97% acessam a Internet pelo celular e 56% apenas por ele (excluindo outras formas de acesso como computadores). Entre a faixa etária de 16 a 24 anos, são 54% acessando apenas pelo celular e, entre 25 a 34 anos, 52%, totalizando 98% entre ambas as faixas que utilizam apenas o celular ou o celular e o computador para acessar a Internet. Embora não haja dados sobre a população adulta nesta pesquisa, entre adolescentes com 15 a 17 anos, de acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018, 97% dos usuários têm perfil em redes sociais. Não existem dados de frequência do compartilhamento de nudes no Brasil. Entretanto, a pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018 apontou que, para adolescentes entre 15 e 17 anos, as redes sociais são o principal meio de contato com desconhecidos, seguida de mensagens instantâneas, sites de jogos e salas de bate-papo; 15% enviaram uma foto para alguém que não conheceram pessoalmente, 38% adicionaram pessoas que nunca conheceram pessoalmente a sua lista de contatos ou amigos e somente 36% nunca tiveram contato com um desconhecido na Internet. Das redes sociais mais utilizadas, o WhatsApp e o Facebook estão no topo, seguidos de Instagram, Snapchat e Twitter. Pode-se assim imaginar o alcance deste comportamento na população jovem - definindo a relevância deste estudo.

O construto do Uso Problemático de Internet é utilizado neste trabalho para uma identificação de potenciais usuários com problemáticas associadas ao envio, recebimento e/ou compartilhamento de nudes, utilizando a sensibilidade deste instrumento para detectar aqueles que têm potencialmente mais dificuldades. Reconhece-se o sofrimento relacionado ao uso de Internet como uma problemática contemporânea - que inclui os usuários como problemas no sexting, especificamente, nas práticas de nudes. O psicodrama junguiano foi uma ferramenta de coleta de informações qualitativas ao

mesmo tempo em que se buscou uma compreensão simbólica das cenas criadas pelos participantes da pesquisa.

Tal escolha decorre da formação do pesquisador em Psicodrama pelo Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae, com aprimoramento feito via oficina em Psicodrama Junguiano, conduzido por Maurizio Gasseau, fundador de curso de formação em Psicodrama Junguiano em Turim (Itália), em Porto Alegre, no ano de 2018. Além disso, trabalhos internacionais têm validado o psicodrama como intervenção possível em Uso Problemático de Internet¹.

No presente estudo, foi utilizado o instrumento de ampla aplicação Internet Addiction Test - na sua versão em português traduzida e validada para a população brasileira para aferir Uso Problemático de Internet.

A sexualidade tem sido desenvolvida de modo distinto no mundo atual. Considerando que a Internet tem aberto novas possibilidades para a busca de relacionamentos, entende-se que pode ser usada como uma forma de mediação da sexualidade. Eventualmente, uma pesquisa sobre os padrões de uso e eventuais problemas relacionados a este uso específico de Internet adquire uma relevância na educação para os eventuais riscos associados a essas práticas. Desenvolvendo intervenções para o uso consciente de Internet - tendo como base os direitos humanos -, pode-se criar um lugar mais seguro no ambiente digital para o desenvolvimento das pessoas. Assim, é importante criarmos dados sobre nossa realidade brasileira, que são quase inexistentes, bem como investigar o fenômeno de modo compreensivo para aferir subjetividades.

Dada a importância e atualidade do fenômeno exposto, a pesquisa proposta objetiva investigar práticas de circulação de nudes e possíveis sofrimentos considerando adultos brasileiros de 18 até 26 anos. São objetivos específicos: (a) mapear as práticas de circulação de nudes e suas motivações em amostra brasileira de 18 até 26 anos, (b) identificar se existe relação do Uso Problemático de Internet com esta prática, (c) a partir de um grupo on-line de psicodrama junguiano, identificar atribuições de sentido e possíveis sofrimentos nestas práticas.

¹ Kooraki, M., Yazdkhasti, F., Ebrahimi, A., & Oreizi, Hamid Reza. (2012). Effectiveness of Psychodrama in Improving Social Skills and Reducing Internet Addiction in Female Students. *ijpcp*, 17(4), 279–288.
Ge, Y., Hu, Y.-Y., Zhang, Z., & Zhang, J.-F. (2014). Effects of psychodrama group counseling on internet addiction and social avoidance in urban left-behind children. *Chinese Mental Health Journal*, 28(6), 458–465.
Zhong, X., Zu, S., Sha, S., Tao, R., Zhao, C., Yang, F., Li, M., & Sha, P. (2011). The Effect of a Family-based Intervention Model On Internet-addicted Chinese Adolescents. *Social Behavior and Personality: An International Journal*, 39(8), 1021–1034. <https://doi.org/10.2224/sbp.2011.39.8.1021>

A apresentação segue a seguinte organização: após a Introdução geral, é apresentado o capítulo 2 de revisão de pesquisas em formato de artigo; segue o capítulo 3 em formato de artigo teórico sobre psicodrama junguiano; a seguir o capítulo 4 em formato de artigo que expõe a pesquisa propriamente dita, com detalhamento de objetivos, método, instrumentos, procedimento, procedimento ético, resultados, discussão e considerações finais com os respectivos Anexos e Apêndices. O capítulo 5 fecha o trabalho com uma Consideração Final.

2 ARTIGO 1 - REVISÃO DE PESQUISAS: ESTADO DA ARTE

Neste item apresentam-se as principais informações encontradas na literatura sobre nudes. Utiliza-se o termo sexting como referência ao fenômeno independente da mídia (texto, imagem, vídeo ou áudio), aplicativo (Facebook, Instagram, Tinder etc.) e/ou dispositivo (computador, smartphone, etc.) utilizados.

2.1 Método de revisão de pesquisas

Foi conduzida uma revisão de pesquisas. Esta revisão foi feita usando as plataformas de indexação de pesquisas: entre as pesquisas internacionais PubMed e PsycInfo e, nacionais, Portal CAPES, ScieLo e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS). Foram incluídas pesquisas publicadas entre 2016 e 2020 (cinco anos). O termo utilizado foi apenas “sexting”. Utilizou-se apenas um termo, pois a especificidade do fenômeno a ser pesquisado não faz com que a eleição de artigos relevantes fique prejudicada pela limitação do termo. Foram testados outros termos como “nude”, obtendo poucos resultados ou resultados não relevantes para essa pesquisa, “selfie”, obtendo resultados relativos a fenômenos diferentes dos que temos intenção de pesquisar. Outros sinônimos foram levantados no Thesaurus da APA - não havendo indicação de novos termos. Assim, foi mantido o termo como apenas “sexting”. A pesquisa foi refinada com restrição de idade para jovens adultos de 18-24 anos e humanos (PubMed) e idade 18-29 anos (PsycInfo), considerando a definição da UNESCO (até 29 anos) e as possibilidades destas plataformas. Foram excluídas (1) pesquisas com amostras de idade média inferior a 18 anos e (2) pesquisas não-experimentais (como artigos de diretrizes clínicas, desenvolvimento de escalas, e outros). Procurou-se responder à seguinte pergunta relativa ao problema da pesquisa proposta: “Quais problemas na prática de sexting - particularmente, nudes - são mais frequentes em jovens usuários (18 a 29 anos) de redes sociais?”. Não foi restrito o levantamento de pesquisas ao Uso Problemático de Internet, por entender como um objetivo específico desta pesquisa.

No PubMed foram encontrados 34 artigos usando a restrição de faixa etária Jovem Adulto (18-24 anos). Depois de restrito os artigos conforme idade e relevância para a pesquisa e excluídos os artigos não encontrados, o resultado foi de oito artigos.

Na CAPES, foram encontradas duas dissertações - restringindo a área de concentração a Psicologia -, mas ambos relativos a adolescentes abaixo de 18 anos de idade. O resultado então foi de 0 (zero) trabalhos.

No SciELO, foi encontrado um artigo em espanhol. Como não era um artigo relacionado com a faixa etária do estudo, foi excluído, resultando 0 trabalhos.

No BVS, não foram encontrados artigos com o termo pesquisado.

No PsycInfo, foram encontrados 85 artigos usando a restrição de faixa etária de Jovem Adulto (18-29 anos). Seis artigos resultantes da busca nestas bases de dados não foram encontrados por não estarem disponíveis na Internet:

- [Autores desconhecidos] The influence of parental and romantic relationships on risk behavior: Parental attachment, adult attachment, sexting, sexual communication, and HIV risk behavior in African-American young adults.

- Smiley, S. L., Elmasry, H., Hooper, M. W., Niaura, R. S., Hamilton, A. B., & Milburn, N. G. (2017). Feasibility of ecological momentary assessment of daily sexting and substance use among young adult African American gay and bisexual men: A pilot study. *Journal of Medical Internet Research*, 19(2).

- Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Walrave, M., Ponnet, K., & Peeters, E. (2017). Sexting: Adolescents' perceptions of the applications used for, motives for, and consequences of sexting. *Journal of Youth Studies*, 20(4), 446-470.

- Bianchi, D., Morelli, M., Baiocco, R., & Chirumbolo, A. (2016). Psychometric properties of the Sexting Motivations Questionnaire for adolescents and young adults. *Rassegna di Psicologia*, 35(3), 5-18.

- Atwood, R. (2017). The relationship between adolescents' use of Internet-enabled mobile devices and engaging in problematic digital behaviors. *Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences*, 77(9-A(E)).

- Morelli, M., Bianchi, D., Cattelino, E., Nappa, M. R., Baiocco, R., & Chirumbolo, A. (2017). Quando il Sexting diventa una forma di violenza? Motivazioni al sexting e dating violence nei giovani adulti. [When sexting becomes a kind of violence? Sexting motivations and dating violence among young adults.]. *Maltrattamento e Abuso All'Infanzia: Rivista Interdisciplinare*, 19(3), 49-68. <https://doi.org/10.3280/MAL2017-003004>

Buscando por artigos duplicados foram excluídos 19 artigos do total encontrado em todas as bases de dados.

O resultado final do levantamento em todas as bases de dados foi de 30 artigos em cinco anos de estudos sobre o tema. A seguir apresentam-se os principais resultados destes artigos organizados em temas.

Foram encontrados cinco subtemas: (1) Frequência do sexting, em que serão abordadas duas revisões de literatura importantes, (2) Compartilhamento de imagens e possibilidade de abuso digital, revisando as principais questões relacionadas com a circulação de sexts, compreendendo circulação como envio, recebimento e compartilhamento de sexts, (3) Associação do sexting com comportamentos de risco, esclarecendo quais os principais comportamentos de risco associados com o sexting, (4) Questões específicas de gênero e orientação sexual, apresentando as pesquisas diretamente relacionadas com dimensões de gênero e orientação sexual, e (5) Relação com o corpo, apresentando pesquisas relacionando o sexting principalmente com a satisfação corporal.

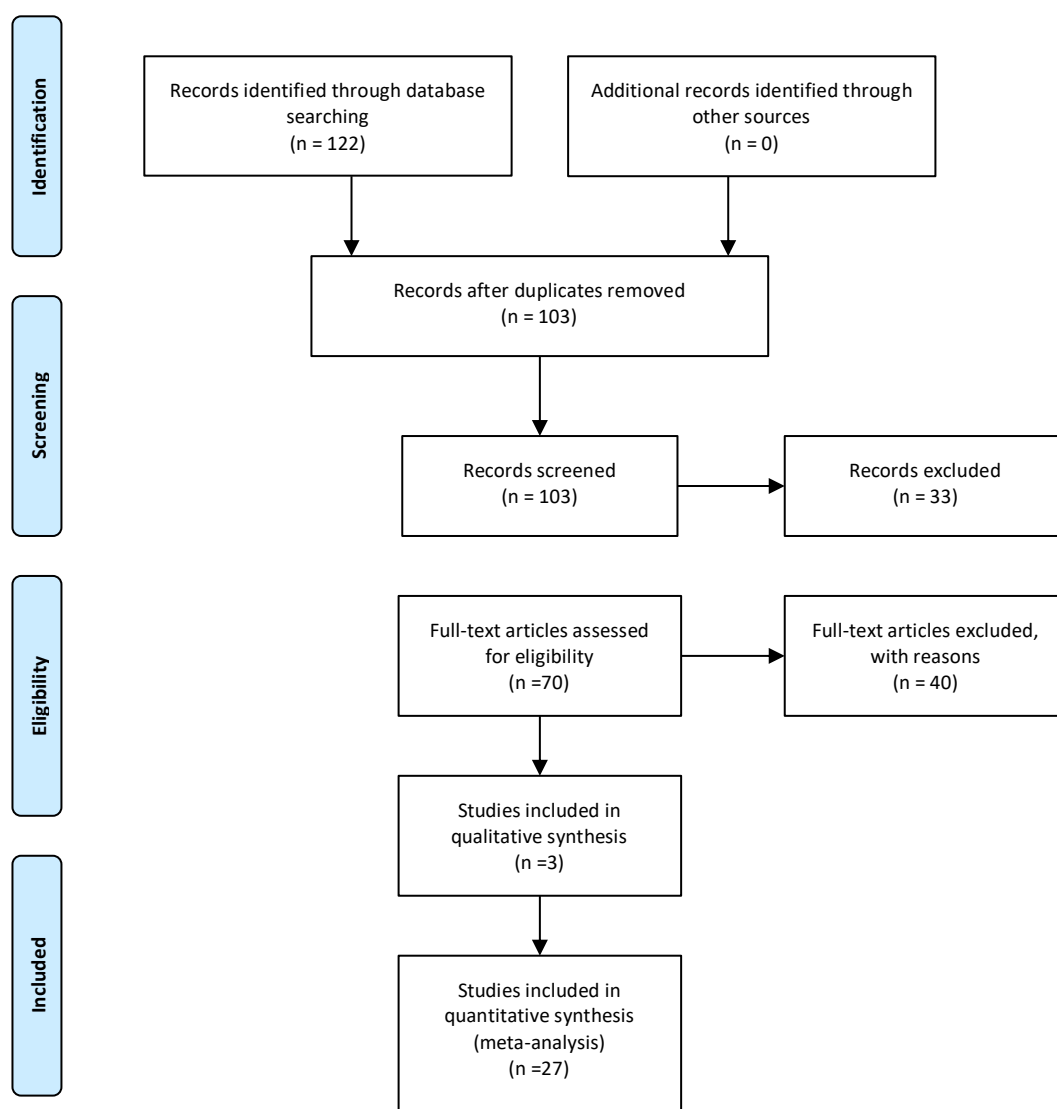


Figura 1: Fluxo da revisão de pesquisas baseado em Moher *et al.* (2009)

2.2 Frequência do Sexting

Duas revisões de literatura são importantes nos estudos do sexting: Mori, Cooke, Temple, Ly, Lu, Anderson, Rash e Madigan (2020) e Klettke, Hallford e Mellor (2014). Revisaram os principais métodos utilizados nestas pesquisas e as frequências encontradas para este comportamento. Mori *et al.* (2020) realizaram estudo mais recente especificamente com adultos entre 18-29 anos. Encontraram as seguintes prevalências para o comportamento de sexting: para envio, 38.3% (k = 41; IC 32.0-44.6), recebimento, 41.5% (k = 19; IC 31.9-51.2) e, sexting recíproco, 47.7% (k = 16; IC 37.6-57.8). Quando considerados apenas nus, as prevalências foram: envio, 30.4%, recebimento, 40.8% e, recíproco, 40.7%; de modo não consentido, o compartilhamento de imagens foi 15% (k = 7; IC 6.9-23.2) e ter compartilhada a sua imagem de modo não consentido foi 7.6% (k=6; IC 3.7-11.5). Os resultados indicaram que quanto menos homens no estudo, menor a vitimização, evidenciando que, se mulheres são mais vítimas, atribuições de gênero são determinantes para a explicação do compartilhamento não consentido. Outra questão importante pode ser localizada na diferença entre o compartilhar de imagens e o ter compartilhadas imagens de modo não consentido: com uma proporção de aproximadamente 2:1, pode ser inferido que metade dos compartilhamentos não consentidos nunca chegam ao conhecimento das vítimas. Como comparação, Klettke *et al.* (2014) encontraram os seguintes dados sobre frequência do sexting entre adultos: entre 12 estudos, a frequência média estimada foi 53.31% (IC 49.57%-57.07%) e, quando considerados apenas os nus, a frequência média estimada foi 48.56% (IC 46.21%-50.92%). Somente um estudo teve uma amostra representativa da população em geral. Neste estudo houve frequência menor para o envio de nus (33%). Em todos os outros houve amostras de conveniência ou autoselecionadas e, portanto, não se pode generalizar os resultados para a população em geral. Lembrando que, no Brasil, não existem dados estimando a frequência deste comportamento na população, pois são escassas as pesquisas sobre o tema.

2.3 Compartilhamento de imagens e possibilidade de abuso digital

Abaixo se apresentam as principais pesquisas encontradas neste levantamento. Segue uma descrição e articulação dos seus principais resultados.

2.3.1 Apresentação das pesquisas

Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti e Chirumbolo (2016a) buscaram entender a relação entre o compartilhamento não-consentido de sexts e *dating violence* em perpetradores. Foram estudados 715 italianos entre 13-30 anos ($M = 22.01$ anos, $DP = 4.01$), em que 71.7% da amostra são mulheres. Foi aplicado um questionário com as medidas: (1) dados sociodemográficos, (2) comportamentos sexuais, sendo aplicada a *Sexting Behavior Scale*, (3) abuso em relacionamento, sendo aplicado o *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* e (4) sexismo ambivalente, sendo aplicado o *Ambivalent Sexism Inventory*. O resultado foi que o sexismo benevolente pode ser um fator protetor, enquanto o sexismo hostil pode ser um fator de risco para abuso em relacionamento.

Choi, Van Ouytsel e Temple (2016) buscaram descobrir se existe associação entre a experiência on-line do sexting e experiências off-line de coerção sexual. Estudaram 450 adolescentes mulheres de escolas públicas no sudoeste do estado do Texas, Estados Unidos ($M = 19.02$ anos, $DP = 0.74$). Foram utilizados dois itens do questionário em inglês *Sexual Experience Survey* (Koss & Oros, 1982, *apud* Choi *et al.*, 2016): “Você alguma vez cedeu para brincadeiras sexuais (carícias, beijos, carinho, mas não penetração) quando você não queria ou porque você foi sobrecarregada pela pressão ou argumentação contínua de um homem?” e “Você alguma vez cedeu para penetração sexual quando você não queria ou porque você foi sobrecarregada pela pressão ou argumentação contínua de um homem?”. Como definição, foi utilizada a idade mínima de 14 anos, evitando cair em relatos de abuso sexual de menores, e a definição de penetração como qualquer penetração da vagina pelo pênis, não importando quão pequena, sem necessidade de ter ejaculação. Os dados foram analisados em regressão estatística. Como resultado, foi encontrado que mulheres com histórico de coerção sexual têm mais chances de engajar em comportamentos de sexting e que a coerção sexual se associa significativamente com enviar sexts, receber um pedido de enviar sexts e receber sexts sem permissão.

Weisskirch, Drouin e Delevi (2016) estudaram 459 estudantes de graduação heterossexuais e não casados (Mulheres = 328, Homens = 131), entre 18-25 anos ($M = 20.02$ anos, $DP = 1.75$). Houve a exclusão de participantes casados ($N = 40$), não-heterossexuais ($N = 29$), e acima de 25 anos ($N = 54$), não sendo estas três categorias mutuamente excludentes. A composição étnica foi: 59% Branco, 24% Latino, 6%

Americano Asiático, 5% Afroamericano e 6% Etnias Mistas/Outros, o que refletiu a distribuição étnica das três universidades que participaram do estudo. Quanto ao status relacional 50% estavam solteiros, 18% em relacionamento amoroso de menos de um ano e 32% em relacionamento amoroso de mais de um ano. O procedimento utilizado foi um questionário on-line, solicitado aos estudantes que estavam inscritos no outono de 2014 em disciplinas de desenvolvimento humano, desenvolvimento infantil e família e de Introdução à Psicologia em três universidades públicas nos Estados Unidos (uma grande universidade no Oeste, uma média no Meio Oeste e uma pequena no Oeste). O questionário levava entre 30 e 45 minutos para ser completado. Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) Dados demográficos, levantando (a) gênero, (b) idade, (c) etnia, (d) identidade sexual, (e) status relacional, (f) duração do relacionamento, (2) Sexting, utilizando medida desenvolvida pelos autores em estudo anterior com perguntas sobre qual a frequência com que os participantes (a) enviam fotos ou vídeos sexualmente sugestivos de si mesmos, (b) fotos ou vídeos de si mesmos em roupas íntimas ou lingerie, (c) uma foto ou vídeo nu, (d) um texto sexualmente sugestivo, ou (d) um texto propondo atividade sexual pelos seus telefones celulares; (3) Comprometimento no relacionamento e Sexting, usando medida desenvolvida pelos autores em estudo anterior em que os participantes avaliavam em relação a todos os quatro comportamentos descritos em (2) Sexting o nível de comprometimento necessário para engajarem em sexting, compreendendo as respostas (a) 1 = Eu nunca faria isso, (b) 2 = Alguém que eu recentemente conheci mas quero conhecer melhor, (c) 3 = Alguém que eu conheci há 24-72 horas, (d) 4 = Alguém que estou saindo regularmente e (e) 5 = Alguém com quem eu estou num relacionamento compromissado; (4) Escala de Medo de Estar Solteiro (SPIELMANN *et al.*, 2013, *apud* WEISSKIRCH *et al.*, 2016), com perguntas sobre o medo de estar solteiro, como “Me dá medo pensar que pode não ter ninguém lá fora para mim”, compreendendo respostas em escala de 5 pontos, sendo 1 = Não é verdade, até 5 = Muito verdade; (5) Ansiedade em Encontros, utilizando a escala em inglês *Dating Anxiety Scale* (GLICKMAN; LA GRECA, 2004, *apud* WEISSKIRCH *et al.*, 2016), composta de três subescalas: (a) medo de avaliação negativa (10 itens), que avalia a preocupação em ser julgado por um par ou membro do sexo oposto (e.g., “Eu tenho medo que a pessoa com quem estou saindo vai achar falhas em mim”), (b) estresse social - encontro (7 itens), avaliando sentimentos de inibição e estresse enquanto interage com um potencial parceiro (e.g., “Eu frequentemente me sinto nervoso quando converso com um membro atrativo do sexo oposto”), e (c) estresse social - grupo (4 itens), avaliando

sentimentos de estresse em situações de grupo (e.g., “Eu levo um longo tempo para me sentir confortável quando estou em um grupo tanto de homens quanto de mulheres”), com as respostas feitas em cinco pontos (1 = Nada como eu, até 5 = Extremamente como eu); e (6) Ansiedade e Evitação no Apego, utilizando a escala em inglês *Experiences in Close Relationships Scale – Short Form* (WEI; RUSSELL; MALLINCKRODT; VOGEL, 2007, *apud* WEISSKIRCH *et al.* (2016)), composta de 2 subescalas, sendo uma de 6 itens sobre ansiedade (e.g., “Meu desejo de estar muito perto algumas vezes assusta as pessoas”) e outra de 6 itens sobre evitação (e.g., “Eu tento evitar chegar muito perto do meu parceiro”), total 12 itens, com respostas em 7 pontos (1 = Fortemente discordo, até 7 = Fortemente concordo).

Silva, Teixeira, Vasconcelos-Raposo e Bessa (2016) realizaram um estudo exploratório, de caráter nomotético e com corte transversal. Foi o primeiro estudo sobre sexting em Portugal. Havia 301 participantes; quanto ao gênero, 132 (43.9%) eram homens e 169 (56.1%) eram mulheres; quanto à idade, 158 (52.5%) estavam entre 18 e 24 anos e 143 (47.5%) estavam entre 25 e 52 anos; e, quanto a status relacional, 176 (58.5%) estavam em relacionamento estável e 125 (41.5%) não estavam em relacionamento estável. Os participantes foram recrutados na Internet por questionário on-line. Foram utilizadas como medidas: (1) treze variáveis independentes: (a) Sexo, diferenciando Masculino ou Feminino, (b) Idade, diferenciando Jovens Adultos ou Adultos, (c) Qualificações, diferenciando Ensino Médio (High School) e Ensino Superior (Higher Education), (d) Status de emprego, diferenciando Estudante/Desempregado ou Empregado/Estudante empregado, (e) Residência, diferenciando Urbano/Cidade ou Rural/Cidade Pequena, (f) Status Marital, diferenciando Solteiro ou Casado, (g) Relacionamento Estável, diferenciando Sim ou Não, (h) Mídias mais frequentemente utilizadas, diferenciando Internet ou Televisão/Rádio, (i) Lugar onde as mídias são mais frequentemente utilizadas, diferenciando Casa, Trabalho ou Lugares Públicos, (j) Aparelho tecnológico mais frequentemente utilizado, diferenciando Computador/Laptop, Tablet ou Celular/Smartphone, (l) Comunicação tecnológica segura, diferenciando Sim ou Não, (m) Quantidade de mensagens de textos enviadas, com intervalos de 1-15, 16-30, 31-45, 46-60, 61-75, 76-90, 91-105, 106-120 e >120, e (n) Receptor das mensagens, diferenciando Namorado(a), Amigos, Familiares, Colegas de Trabalho ou Outros; (2) sete variáveis dependentes: (a) exposição ambiental, (b) atitude positiva, (c) atitude negativa, (d) emoções positivas, (e) emoções negativas, (f) alto interesse e (g) baixo interesse; (3) doze questões sociais e demográficas e nove questões sobre uso cotidiano de mídia e

tecnologia; e, (4) para os dados sobre sexting, cinco questões do instrumento *Sex and Tech Inquiry* (NCPTUP, 2008, *apud* SILVA *et al.*, 2016), como “Qual sua opinião sobre a prática de enviar mensagens sexualmente sugestivas ou fotos/vídeos com imagens parcialmente ou totalmente nuas de você mesmo?” ou “Quais emoções você sentiria atualmente se você recebesse mensagens de texto sexualmente sugestivas, fotos ou vídeos com nudez parcial ou total?”, com respostas Sim/Não ou em escala Likert de 4 pontos (1 = incomum, 2 = não muito comum, 3 = um pouco comum e 4 = bastante comum) ou de 5 pontos (1 = Eu fortemente discordo, 2 = Eu levemente discordo, 3 = Eu nem discordo e nem concordo, 4 = Eu levemente concordo e 5 = Eu fortemente concordo). Os resultados foram descritos estatisticamente.

Dekker e Koops (2017) descreveram o sexting em jovens adultos na Alemanha com base em uma amostra grande e representativa de universitários. Foram utilizados dados de um estudo nacional feito em 2012 com estudantes de 15 universidades. Foi encontrado como resultado que mais de metade da amostra enviou mensagens de texto eróticas, 26.8% das mulheres e 16.8% dos homens enviaram imagens eróticas (normalmente para seu parceiro) e que, do total, apenas 2% mencionaram que suas imagens foram encaminhadas para outra pessoa sem o seu consentimento. Entendem o sexting na Alemanha como sendo praticado mais no contexto de um relacionamento romântico e que apenas umas pequenas proporções têm suas imagens encaminhadas de modo não-consentido. Consequências negativas não são reportadas em todos os incidentes de compartilhamento não-consentido.

Kričkić e Babić Čike (2017) fizeram estudo com 202 universitários (graduação e pós-graduação) entre 18 e 27 anos da Faculdade de Agricultura em Osijek, Croácia. Os dados foram coletados na primavera do ano acadêmico de 2015 a 2016. Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) Dados sociodemográficos, compostos por (a) Gênero, 88 (43.6%) homens e 114 (56.4%) mulheres, (b) Idade, estando entre 18 e 27 anos (M=20.96, DP=1.572), (c) Status relacional, aferindo que 107 (53%) dos participantes estavam em relacionamento sério, 15 (7.4%) em relacionamento não comprometido, 22 (10.89%) solteiros, ocasionalmente havendo penetração com parceiros temporários, 7 (3.5%) em relacionamento sexual, não-romântico e, adicionalmente, dois participantes casados, um noivo e um em relacionamento aberto, (d) Dispositivos com acesso a Internet, os participantes em geral tinham quatro (M=3.96, DP=2.104) e 156 (77.2%) participantes com acesso ilimitado pra Internet, recebendo suas mensagens em tempo real, e (e) Tempo de tela, em dias de semana, passavam quase cinco horas por dia na Internet (M=4.74,

DP=5.629) e mais tempos nos fins de semana (M=5.63, DP=3.466); (2) o instrumento *Committing and Experiencing Cyber Violence Scale* - CECVS (ŠINCEK *et al.*, 2015, *apud* KRIČKIĆ; BABIĆ ČIKE, 2017), composta de duas subescalas, uma com 21 perguntas sobre cometer ciberviolência e outra com 22 pergunta sobre experienciar ciberviolência, com respostas em escala Likert de 5 pontos (1 = Nunca, até 5 = Sempre), e escores mais altos indicando maior frequência em ter cometido/experienciado ciberviolência, respectivamente; (3) o instrumento *Sex and Tech Survey Questionnaire* - STSQ (NCPTUP, 2008, *apud* KRIČKIĆ; BABIĆ ČIKE, 2017), que explora o sexting no último ano e tem três partes: (a) experiência pessoal com sexting, (b) atitudes sobre o sexting e (c) percepções da experiência com sexting de outros, com os participantes sendo perguntados a frequência que enviaram/receberam material explícito no último ano, com respostas em escala Likert de 5 pontos (1 = Nunca, até 5 = Diariamente); e (4) Comportamento Sexual de Risco, utilizando a subescala de comportamento sexual de risco do instrumento *Youth Self-Reported Delinquency and Risk Behaviours Questionnaire* - SRDP-2007 (RUČEVIĆ; AJDUKOVIĆ; ŠINCEK, 2009, *apud* KRIČKIĆ; BABIĆ ČIKE, 2017), composta de quatro itens que têm a finalidade de avaliar o envolvimento em comportamentos sexuais de risco no último ano, com respostas em escala de 4 pontos (0 vezes, 1-2 vezes, 3-4 vezes ou 5 vezes ou mais). Os dados foram descritos estatisticamente.

Hudson e Marshall (2018) realizaram um estudo exploratório utilizando um desenho de pesquisa descritivo, com corte transversal e correlacional. Foi estudada uma amostra de conveniência (não randomizada) composta de alunos entre 18-26 anos da graduação de uma Universidade no sul dos Estados Unidos. Foram utilizados as medidas: (1) Variáveis demográficas, incluindo (a) gênero, (b) idade, (c) raça, (d) orientação sexual, (e) status relacional, (f) quantidade de parceiros sexuais na vida e atualmente e (g) quantidade de parceiros de sexting na vida e atualmente; (2) Comportamentos de sexting, incluindo perguntas sobre (a) se os participantes enviaram, postaram na Internet ou encaminharam / compartilharam uma mensagem sexy (e.g., mensagem sexualmente sugestiva), uma imagem sexy (e.g., vídeo ou foto nua/seminua), ou ambos, e (b) utilizando a mesma pergunta, se os participantes tiveram esses comportamentos nos últimos 30 dias; e (3) Consequências do sexting, utilizando uma lista de consequências potenciais desenvolvida pelos pesquisadores e submetida a um painel de especialistas em saúde educacional para compilar uma lista de consequências potenciais positivas e negativas, que foram: para as consequências positivas, (a) excitação sexual, (b) melhoria

no relacionamento com o crush/outro significativo, (c) crush/outro significativo se sentiu mais confortável expressando emoções e sentimentos amorosos, (d) ficou mais perto emocionalmente do seu outro significativo, (e) teve mais aceitação do corpo e (f) poder comunicar sobre questões/emoções que normalmente se sentiria desconfortável em discutir pessoalmente, e, para as consequências negativas, (a) ficou mais autoconsciente do seu corpo, (b) fiquei inusualmente ciumento, (c) tive problemas importantes com meu outro significativo, (d) ter sido sexualmente ativo antes do que gostaria, (e) tentou suicídio (2%), (f) teve problemas com a lei e (g) teve problemas com um empregador.

Medrano, Lopez Rosales e Gámez-Guadix (2018) buscaram analisar as correlações entre sexting, cibervitimização, sintomas depressivos e ideação suicida. Participaram do estudo 303 universitários mexicanos de 18-24 anos ($M = 19.73$ anos, $DP = 1.73$). Foram aplicados os seguintes instrumentos para cada uma das correlações intencionadas: (1) para sexting, *Sexting Questionnaire* (Gámez-Guadix *et al.*, 2015, *apud* Medrano *et al.*, 2018), (2) para cibervitimização, *Cyberbullying Victimization Questionnaire* (Estévez, Villardón, Calvete, Padilla & Orue, 2012, *apud* Medrano *et al.*, 2018), (3) para sintomas depressivos, *Center for Epidemiologic Studies Depression Scale* em versão curta (Miller, Anton & Townson, 2008, *apud* Medrano *et al.*, 2018) e (4) para ideação suicida, *Inventory of Positive and Negative Suicide Ideation* (Osman, Gutierrez, Kopper, Barrios & Chiro, 1998, *apud* Medrano *et al.*, 2018). Os dados foram estatisticamente analisados usando modelagem estrutural. Foi encontrado que o sexting implica maior chance de cibervitimização, que por sua vez implica maior chance de depressão. Ademais, sexting, cibervitimização e sintomas depressivos ficaram todos associados a ideação suicida.

Valiukas, Pickering, Hall, Seneviratne, Aitken, John-Leader e Pit (2019) estudaram os frequentadores de um grande festival musical com quatro dias de duração em New South Wales, Austrália. OS pesquisadores abordaram frequentadores deste festival que pareciam estar na idade-alvo e foi assim realizada amostra de conveniência. Os seguintes dados foram coletados: (1) Dados sociodemográficos, sendo coletados dados sobre (a) gênero, (b) idade, (c) ruralidade, (d) status relacional, (e) orientação sexual, (f) status educacional, (g) situação de emprego e (h) comportamentos de sexting nos últimos 12 meses, (2) Comportamentos de sexting, que foram categorizados em quatro subgrupos: (a) enviar mensagens sexualmente explícitas, (b) receber mensagens sexualmente explícitas, (c) enviar imagens sexualmente explícitas e (d) receber imagens sexualmente explícitas, (3) Consumo de álcool, utilizando o instrumento Audit-C, e (4)

Estresse psicológico, utilizando a escala Kessler 6 (K6), usada amplamente, o que permite a sua comparação com resultados de outros estudos, com um ponto de corte de 12 pontos, sendo classificados os escores 6-11 como "Não estressado" e 12-30 como "Estressado". Os autores alertam para a necessidade de considerar a especificidade da população estudada - que pode ser diferente de outras populações, como estudantes universitários ou jovens na Internet.

Klettke, Hallford, Clancy, Mellor e Toumbourou (2019) testaram a hipótese de que o sexting se associa a pior saúde mental. Participaram do estudo 444 adultos entre 18-21 anos ($M = 20$ anos, $DP = 1$), em sua maioria da Austrália (97%). Utilizou-se as medidas: (1) comportamento de sexting, com perguntas sobre a frequência dos comportamentos, (2) depressão, ansiedade e stress, sendo aplicada a *Depression, Anxiety and Stress Scale* (Lovibond & Lovibond, 1995, *apud* Klettke *et al.*, 2019), e (3) autoestima, sendo aplicada a *Rosenberg Self-Esteem Scale* (Rosenberg, 1965, *apud* Klettke *et al.*, 2019). O resultado foi que tanto o recebimento de sexts não-solicitados quanto o envio de sexts sob pressão são preditores de menor saúde mental e que essa relação tem moderação do gênero, sendo os piores desfechos em homens que recebem sexts não-solicitados.

Clancy, Klettke e Hallford (2019) fizeram um estudo com 505 adultos entre 18-55 anos ($M = 20.6$, $SD = 3.1$), dos quais 66.9% eram mulheres ($M = 20.6$, $SD = 3.6$) e 31.5% eram homens ($M = 20.7$, $SD = 2.1$). A maioria era australiana (92.1%). 1.4% não informaram o gênero. Quanto à orientação sexual, 78% se identificaram como heterossexuais, 4.2% como homossexuais, 12.7% como bissexuais, 4.4% como outros e 0.8% não informaram. A maior parte da amostra reportou estar ativa sexualmente (82%) e a idade média da primeira penetração sexual foi de 16.5 anos ($SD = 1.9$). Foram inclusas as seguintes medidas: (1) Comportamento de sexting, avaliada por questionário elaborado especificamente para a pesquisa, com perguntas de (a) avaliação da frequência de receber, enviar e disseminar imagens sexualmente explícitas via mensagens de texto ou apps, utilizando "Alguém já encaminhou a você uma imagem sexualmente explícita via mensagem de texto ou app que não foi originalmente intencionada para você?" (Sim/Não), "Você já recebeu uma imagem sexualmente explícita enviada via mensagem de texto ou app intencionada para você que você subsequentemente mostrou/enviou para outra pessoa?" (Sim/Não), (b) se isto aconteceu, motivações - "Se sim, quais foram as razões pelas quais você decidiu compartilhar a mensagem de sext com outros?", com respostas múltiplas, incluindo "Como uma piada, para ser engraçado", "Para ter atenção",

“Porque você se sentiu pressionado”, “Porque a outra pessoa pediu”, “Para melhorar o seu status social entre pares”, “Para colocar o recipiente em problemas”, “Eu não achei que era algo importante” e “Outro (não especificado) -, (c) normas e atitudes para a disseminação de sexts, com as perguntas “Você está ciente de quaisquer consequências negativas que podem surgir como resultado de enviar/receber imagens sexualmente explícitas via mensagens de texto ou app?”, com respostas múltiplas, incluindo “Bullying/assédio”, “Chantagem”, “Consequências legais”, “Afetar os atuais relacionamentos românticos”, “Afetou relacionamento com os pais”, “Mostrar/enviar imagens sem o seu consentimento”, “Afetar perspectivas de trabalho” e “Outro (não especificado), (d) atitudes e normas subjetivas concernentes aos comportamentos de sexting, utilizando sete itens adaptados de Hudson; Fetro; Ogletree (2014), *apud* Clancy *et al.* (2019), sendo adaptadas as palavras para refletirem comportamentos de disseminação de sexting, por exemplo, “Enviar imagens sexualmente explícitas via mensagens de texto ou apps de outras pessoas pode aumentar o status social” foi modificado para “Compartilhar imagens sexualmente explícitas via mensagens de texto ou apps de outras pessoas pode aumentar o status social”, com respostas em escala Likert de 5 pontos e itens avaliados separadamente, sendo inclusas duas perguntas sobre se os participantes tiveram consequências negativas como resultado do sexting ou se conheceram alguém que teve (Sim/Não); (2) traços de personalidade Tríade Negra, utilizando uma medida breve dos traços Tríade Negra (JONASON; WEBSTER, 2010, *apud* CLANCY *et al.*, 2019), um instrumento de autopreenchimento com 12 itens e três subescalas: (a) Psicopatia, (b) Maquiavelianismo e (c) Narcisismo. O recrutamento foi realizado via anúncios de Facebook, distribuição de e-mails, anúncios em campus universitário e depois destas aproximações foi realizado o recrutamento bola de neve. Estes anúncios traziam as informações que o questionário tinha a intenção de explorar: os fatores que influenciam os comportamentos de sexting, que qualquer um entre 18-21 anos poderia participar, independente de se fizeram sexting ou não, e enfatizaram que respostas são anônimas. O questionário levou 20-25 minutos para ser completado. A participação foi voluntária e confidencial.

Johansen, Pedersen e Tjørnhøj-Thomsen (2019) conduziram uma pesquisa qualitativa etnográfica com o intuito de explorar a percepção e compreensão de jovens acerca de experiências sexuais não desejadas e como essas experiências estão relacionadas com outras experiências cotidianas. Foram realizados em escolas dinamarquesas 74 dias de observação participativa com o objetivo de estabelecer o

vínculo com estudantes, que foram convidados para 23 grupos focais e 14 entrevistas individuais. Os estudantes tinham entre 15-27 anos. Foi encontrado que comentários sobre nudes são feitos com intenção de construir relacionamentos e que a prática está sujeita a normas de gênero. Também são exploradas as consequências da perda de controle sobre os nudes e o constrangimento social decorrente da exposição.

Brodie, Wilson e Scott (2019) estudaram 244 adultos que foram recrutados via Internet (Facebook e Twitter) pela metodologia Bola de Neve. Os dados foram coletados online utilizando a ferramenta QuestionPro. Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) Dados demográficos: (a) Idade, com faixa de idade entre 17-58 anos ($M = 28$, $DP = 8.22$), (b) Gênero, com 64.5% mulheres, 33.3% homens e 1% que se identificou como sendo gênero neutro (houve exclusão dos participantes gênero neutro da regressão estatística para considerar a variável gênero como covariante), (c) Orientação sexual, com 82.9% reportando serem heterossexuais, 5.2% homossexuais, 2.9% bissexuais e 2.9% Outros e (d) Status relacional, dos quais 33.3% eram solteiros e 66.7% em relacionamento; (2) Comportamentos de sexting, que iniciou com a pergunta se o participante fez sexting com alguém com quem ele estava em relacionamento romântico ou com alguém com quem ele não estava em relacionamento romântico e, baseado nessa resposta, seguiu-se um questionário para determinar a frequência de comportamentos relacionados ao sexting nos últimos 6 meses (VAN OUYTSEL *et al.*, 2017), com respostas em escala Likert de 5 pontos (0 = Nunca até 4 = Sim, diariamente); (3) Fatores Social-Cognitivos, utilizando a escala de Van Ouytsel *et al.* (2017) com 6 subescalas: (a) Definições, e.g., “Sexting é uma parte normal de um relacionamento romântico/amizade”, (b) Reforço diferencial, e.g., “Fazer sexting com meu parceiro romântico/outra pessoa me dá uma emoção”, (c) Associação diferencial - Pai, e.g., “Como sua mãe/pai geralmente julga aqueles que engajam em sexting com seu parceiro romântico/outra pessoa?”, (d) Associação diferencial - Par, e.g., “Como seus pares geralmente julgam aqueles que engajam em sexting com seu parceiro romântico/outra pessoa?”, (e) Imitação - Famoso, e.g., “Você já observou um ator/atriz que você gosta postando uma foto em seu biquíni on-line?”, e (f) Imitação - Amigos, e.g., “Algum amigo que você admira engajou em comportamento de sexting?”, com as subescalas (a) e (b) avaliadas em escala Likert de 6 pontos (1 = fortemente discordo, até 6 = concordo), subescalas (c) e (d) avaliadas em escala Likert de 4 pontos (1 = fortemente desaprova, até 4 = muito frequentemente) e subescalas (e) e (f) avaliadas em escala Likert de 4 pontos (1 = nunca, até 4 = muito frequentemente). As subescalas (a), (b) e (c) foram adaptadas para diferenciar relacionamentos românticos de

outras pessoas e as outras subescalas permaneceram sem esta diferença; (4) Satisfação sexual, utilizando o instrumento *Sexual Satisfaction Scale* (NOMEJKO; DOLIŃSKA-ZYGMUNT, 2014, *apud* BRODIE *et al.*, 2019), o qual avalia qual a extensão em que um indivíduo está satisfeito com as suas experiências sexuais atuais (e.g., “Eu não tenho problemas com a minha vida sexual”), com respostas em escala Likert de 4 pontos (1 = fortemente discordo, até 4 = fortemente concordo), em que um escore mais alto reflete uma satisfação sexual mais alta; (5) Satisfação Relacional, utilizando o instrumento *Relationship Assessment Scale* (HENDRICK; DICKE; HENDRICK, 1998, *apud* BRODIE *et al.*, 2019), que avalia qual a extensão que eles estão satisfeitos com diversos aspectos do seu relacionamento romântico atual (e.g., “Quão bem o seu parceiro corresponde a suas necessidades?”), com respostas em escala Likert de 5 pontos (1 = Mal, até 5 = Extremamente bem), em que um escore mais alto reflete uma maior satisfação no relacionamento; e (6) Avaliação de Comportamento Sexual de Risco, utilizando a subescala de 6 itens *Risky Sexual Behavior* do instrumento *Cognitive Appraisal of Risk Questionnaire* (FROMME; KATZ; RIVET, 1997, *apud* BRODIE *et al.*, 2019), composta de itens que refletem a percepção das chances de haverem consequências positivas ou negativas em diversos comportamentos sexuais de risco realizados na vida real (e.g., sexo desprotegido, promiscuidade, sexo com estranhos), com respostas em escala Likert de 7 pontos (1 = não é provável, até 7 = extremamente provável), em que um escore mais alto reflete maior risco ou benefício percebidos. As respostas foram analisadas em regressão estatística.

2.3.2 Articulação dos resultados

A seguir realiza-se uma articulação dos principais resultados das pesquisas apresentadas neste subitem.

O compartilhamento de imagens no sexting tem sido associado a uma possibilidade de abuso digital. Alguns fatores de risco e de proteção estão presentes quando consideradas as possibilidades de abuso digital.

São fatores de risco:

a) O principal fator de risco é a pressão de enviar nudes. Valiukas *et al.* (2019) descobrem que os usuários que receberam muitos sexts de modo não solicitado relatam mais stress, sendo que, considerando os últimos 12 meses: (1) aqueles que receberam de três a cinco sexts de modo não solicitado tiveram duas vezes mais chances de reportar stress e (2) aqueles que receberam mais de cinco sexts de modo não solicitado

tiveram 2.4 maiores chances de reportarem stress. Klettke *et al.* (2019) também encontra correlação entre recebimento de sexts não solicitados e envio sob pressão com piores resultados em indicadores de depressão, ansiedade, stress e autoestima.

b) A frequência do sexting pode ser um fator de risco para a ciberviolência. Kričkić e Babić Čike (2017) mostram esta correlação quando dizem que no momento em que existe maior envolvimento com o sexting existe maior envolvimento em ciberviolência e que o comportamento sexual de risco faz uma mediação entre ciberviolência e o sexting. Os comportamentos sexuais de risco serão apresentados no item seguinte desta revisão.

São fatores de proteção:

c) O status relacional tem sido apontado como o principal fator de proteção. Dentro de relacionamento amoroso, há menos chances de compartilhamento não-consentido. Dekker e Koops (2017) têm resultado de prevalência de 2% no compartilhamento não consentido em amostra universitária na Alemanha. Atribui esta taxa ao fato que o sexting na Alemanha seja praticado principalmente dentro de relacionamento amoroso. Valiukas *et al.* (2019) evidenciam que estar dentro de um relacionamento amoroso tem correlação positiva com o envio de nudes.

Um aspecto importante abordado pela literatura consiste no estudo das percepções de risco do sexting. O sexting tem sido recebido com uma percepção positiva. Para Valiukas *et al.* (2019) predomina uma percepção positiva quanto ao sexting (73,1%). Weisskirch *et al.* (2016) descrevem que o sexting sofreu um *cultural shift*, ou seja, o sexting deixou de ser somente considerado como uma prática de risco para ser evidenciado como parte integrante dos relacionamentos amorosos. Descubrem que o principal fator de influência sobre o engajamento no sexting foi medo de receber uma avaliação negativa do parceiro (ansiedade relacional). Entende que o sexting acontece, geralmente, quando há maior percepção de compromisso entre parceiros - com eles estando mais seguros e sintônicos - e com baixa evitação (considerando o apego evitativo). Importante na avaliação do risco desta prática estar atento para as características de cada relacionamento amoroso.

A frequência do sexting, um dos principais fatores de risco, tem influência de percepções, como visto por Hudson e Marshall (2017). Uma percepção positiva foi reportada por 79% dos participantes deste estudo (56% de algum modo positivo e 23% muito positivo). São as principais: excitação sexual (60.5%), melhoria no relacionamento com o crush/outro significativo (48.4%), crush/outro significativo se sentiu mais

confortável expressando emoções e sentimentos amorosos (39.8%), ficou mais perto emocionalmente do seu outro significativo (37.2%), teve mais aceitação do corpo (21.8%) e poder comunicar sobre questões/emoções que normalmente se sentiria desconfortável em discutir pessoalmente (21.8%). Uma percepção negativa foi reportada por 20.7% dos participantes (13.5% de algum modo negativo e 7.2% muito negativo). São as principais: ficou mais autoconsciente do seu corpo (17.8%), ficou inusualmente ciumento (11.5%), teve problemas importantes com meu outro significativo (11.5%), ter sido sexualmente ativo antes do que gostaria (11.2%), tentou suicídio (2%), teve problemas com a lei (1.4%) e teve problemas com um empregador (1.4%). Concluem que as percepções positiva ou negativa - mais que a experiência em si ser positiva ou negativa - atuam na motivação para continuar praticando o sexting. Para Hudson e Marshall (2017), o segundo principal fator de influência sobre a frequência do sexting é a atual quantidade de parceiros sexuais. Provavelmente, com a finalidade de manutenção das parcerias sexuais.

As consequências negativas de envio de sexts têm sido apontadas como fator para diminuição da frequência deste comportamento. Clancy (2019) *et al.*² viram que aqueles que tiveram consequências negativas sobre o envio de sexts têm menos chances de enviar (4%) do que aqueles que não tiveram consequências negativas (14.6%). Essa tendência parece ser inversa quando considerado o compartilhamento não consentido. O recebimento de sexts compartilhados de modo não consentido aumenta as chances de compartilhar sexts de modo não consentido. Aqueles que receberam sexts compartilhados de modo não-consentido têm maiores chances de compartilharem sexts de modo não-consentido (29.4%) do que aqueles que não os receberam (12.8%). Talvez ao ocorrer consequências negativas exista uma maior sensibilidade aos riscos - o que, considerando o compartilhamento não-consentido, acaba funcionando de modo inverso, ou seja, como muitas vezes não existem consequências, poderia ser percebido como tendo menos riscos. Silva *et al.* (2016, p 753) *definem* a maior exposição como: “[...] enviar, compartilhar ou postar imagens ou mensagens de texto sexualmente sugestivas [...]”³ - deixa a percepção mais negativa sobre esta prática de sexting, mas igualmente aumenta o interesse em receber esse conteúdo. Brodie *et al.* (2018) entenderam o sexting como um comportamento normativo, definindo comportamento normativo como aquele praticado

² Os autores estudam uma amostra em que 18.6% dos participantes do estudo realizado compartilharam sexts enviados a eles de modo não-consentido. (N. do A.)

³ “(...) sending, sharing or posting sexually suggestive text messages or images (...)” (SILVA *et al.*, 2016, p. 753)

pela observação do comportamento dos outros e a compreensão dessa prática como normal. Para eles as percepções são distintas sobre o sexting quando consideramos o status relacional de participantes que estão dentro de relacionamento vs. fora de relacionamento: dentro de relacionamento, o sexting faz manutenção do relacionamento e, fora de relacionamento, acaba sendo percebido como apropriado, justificado ou prazeroso, adquirindo um valor internalizado positivo, pela observação de pares. Citam ainda que, quando fora de relacionamento, a falta de consequências concretas pode dessensibilizar para riscos de eventuais situações face a face, e que as piores avaliações de risco são feitas por homens solteiros.

As consequências negativas do sexting, impactando a percepção de risco, diminuem a frequência desse comportamento. Essas consequências negativas e suas influências foram discutidas por Medrano *et al.* (2018), que apontam que a maior frequência de sexting implica maior chance de ciberviolência, a qual, por sua vez, aumenta a chance de sintomas depressivos; ademais, todas essas três variáveis se correlacionam positivamente com ideação suicida. Choi *et al.* (2016) discutem que mulheres com histórico de coerção sexual têm mais chances de se envolverem com sexting. Johansen *et al.* (2019) indicam que o compartilhamento não-consentido se conforma a regras de gênero e são fonte de comentários que servem para o reconhecimento social e a manutenção de vínculos sociais.

2.4 Associação do sexting com comportamentos de risco

Dois comportamentos de risco têm sido associados ao sexting: (1) uso de substâncias e (2) comportamento sexual de risco (uso de camisinhas, uso de substâncias, etc.). Abaixo estão as principais pesquisas sobre o tema.

2.4.1 Apresentação das pesquisas

Carrotte, Vella, Hellard e Lim (2016) fizeram estudo com 1345 australianos entre 15 e 29 anos, participantes do festival musical Big Day Out music em Melbourne, Austrália, no mês de Janeiro entre os anos de 2012 e 2014. Os participantes tinham entre 15 e 29 anos ($M = 19.0$ anos, $IC = 17.0-23.0$) e foram captados através de uma tenda no festival. Foi aplicado questionário de autopreenchimento com dados gerais sobre: (1) dados sociodemográficos (gênero e idade, país de nascimento, maior nível educacional completado e identidade sexual), (2) saúde geral, mental e sexual, onde foram realizadas duas perguntas sobre saúde mental: "Nos últimos seis meses, você teve algum problema

de saúde mental? Isso inclui qualquer questão sobre que você não tenha falado com um profissional de saúde”, com resposta Sim/Não, e uma pergunta sobre o estado geral de saúde mental, com resposta em 5 pontos (excelente, muito bom, bom, neutro e ruim), resultando que um nível baixo de saúde mental foi considerado como resposta Sim na primeira pergunta e resposta "neutro" ou “ruim” na segunda pergunta, e, para avaliação da saúde sexual, definiu-se sexo como penetração anal ou vaginal, sendo registrados: quantidade de parceiros sexuais na vida, idade na primeira relação sexual, ter relação sexual resultando gravidez não planejada (Sim/Não), ter realizado teste de DST excluindo papanicolau (Sim/Não), ter realizado teste de DST nos últimos seis meses (Sim/Não), e seis perguntas para avaliação do conhecimento de DSTs, como se usou camisinha ou contraceptivo, qual contraceptivo utilizado no último ato sexual, se teve parceiros casuais e/ou novos parceiros (sendo criada uma variável indicando risco para caso o participante não tenha usado camisinha e tenha tido parceiros novos, casuais ou múltiplos), incluindo apenas em 2014 a pergunta sobre sexting: "Você já enviou ou recebeu foto sexualmente explícitas on-line ou por celular?", e (3) uso de álcool e drogas, sendo perguntado se os participantes usaram drogas ilegais (Sim/Não) e se usaram drogas ilegais no último mês (Sim/Não), com a aplicação do AUDIT-C (BUSH *et al.*, 1998, *apud* CARROTTE *et al.*, 2016) e, em 2014, pergunta se os participantes sofreram bullying nos últimos 6 meses (Sim/Não). Foram oferecidas água, camisinhas e informações sobre serviços de saúde em troca do questionário completo. Apenas houve dados sobre sexting em 2014.

Davis, Powell, Gordon e Kershaw (2016), em um estudo com 119 adultos emergentes, homens e heterossexuais, pertencentes a minorias (afroamericanos, hispânicos, etc.), em que 54% dos participantes enviaram um sext e 70% receberam um sext, tiveram como objetivo compreender os fatores associados ao sexting para avaliar se existe associação entre o comportamento de sexting e comportamentos sexuais de risco. Foi feito um estudo com 119 homens adultos emergentes de New Haven, Connecticut, Estados Unidos, definida como “[...] uma pequena cidade no nordeste dos Estados Unidos com altos níveis de vulnerabilidade (e.g, alta pobreza, crime)” (Davis *et al.*, 2016, p. 140). O recrutamento foi feito via Internet, com uma combinação de amostras tempo-lugar (*time-location*) e bola de neve (*snowball*), realizado como parte de um estudo maior sobre redes sociais, celulares e comportamentos de saúde. Para fazer o recrutamento tempo-lugar, foram (1) conduzidas avaliações epidemiológicas usando dados do censo e do departamento de saúde pública para identificar vizinhanças na cidade-alvo com alto risco (eg., altas taxas de DSTs, pobreza), e (2) assistentes de pesquisa conduziram um

mapeamento etnográfico das áreas para detalhar lugares e tempos específicos nas vizinhanças onde homens adultos emergentes estão (i.e., quadras de basquete, esquinas, bares, centros comunitários). Os assistentes de pesquisa então se aproximaram destes homens e contaram a eles sobre o estudo. Quando o participante concordava com a sua participação, uma amostra bola de neve era usada para recrutamento dos amigos dos participantes. Os critérios de inclusão foram: (1) gênero masculino, (b) idade entre 18-25 anos, (c) falante do idioma inglês, (d) heterossexual e (e) posse de um celular com capacidades de envio de mensagens (*texting*) e habilidade de manutenção do serviço celular de dados. As medidas utilizadas foram: (1) Sexting, com 12 questões sobre comportamentos de sexting ao longo da vida envolvendo quatro variáveis desenvolvidas sistematicamente: desenvolvidas sistematicamente quatro variáveis: (a) sexts enviados para parceiros estáveis, (b) sexts recebidos de parceiros estáveis, (c) sexts enviados para ficantes e (d) sexts recebidos de ficantes; (2) Risco sexual, com duas perguntas, validadas em estudos prévios: (a) quantos parceiros sexuais nos últimos três meses, (b) quantas fizeram sexo vaginal nos últimos 30 dias e, destas vezes, quantas vezes usaram camisinhas, sendo esta repetida para (c) sexo oral, (d) uso de álcool e drogas pelo participantes e (e) uso de álcool e drogas pelo parceiro; e (3) Características sociodemográficas, sendo consideradas (a) idade, (b) renda, (c) raça/etnia, (d) educação, (e) quão religiosos eles eram e (d) se estavam em relacionamento amoroso através da pergunta: “Você está atualmente em um relacionamento amoroso (um relacionamento que você considera seu parceiro como seu parceiro principal, namorada ou sua menina)?”. Alguns preditores para sexting foram estabelecidos: (1) Comportamento de risco e arriscado, (2) Busca de sensação sexual positiva, (3) Atitudes sexuais, (4) Comunicar com amigos sobre HIV/AIDS, (5) Comunicar com amigos sobre sexo, (6) Normas de masculinidade, (7) Exposição a Pornografia e clubes de Strip, (8) Religião, e (9) Autoestima.

Trub e Starks (2017) sugerem que o sexting se relaciona a um estilo de apego ansioso e surge como modo de enfrentamento para a solidão e o estresse. Realizou estudo com amostra de 92 mulheres entre 18-29 anos nos Estados Unidos que estão dentro de relacionamento heteroafetivo e são sexualmente ativas com o parceiro (aferidas por terem uma instância de sexo vaginal ou anal com seu parceiro nos 30 últimos dias). As participantes foram recrutadas exclusivamente on-line (por e-mail, Facebook e através de post em site sobre mindfulness). Foram aferidas as seguintes dimensões: (1) Apego, utilizando o questionário *Experiences of Close Relationships-Relationships Structures*

(Fraley *et al.*, 2011, *apud* Trub; Starks, 2017), (2) Regulação emocional, utilizando as subescalas *Lack of emotional awareness* e *Impulse control difficulties* da escala *Difficulties in Emotional Regulation Scale* (GRATZ; ROEMER, 2004, *apud* TRUB; STARKS, 2017), (3) Sexting, utilizando escala desenvolvida especificamente para o estudo com as seguintes perguntas: "Quantas vezes você usou o seu telefone para enviar uma foto nua ou quase nua de você mesmo(a)?", "Quantas vezes você usou o seu telefone para enviar uma imagem ou mensagem sexualmente explícita ou provocativa?" e "Quantas vezes você engajou em uma conversa em texto sexualmente sugestiva ou com flerte?", sendo as respostas aferidas em escala de cinco pontos (zero, 1 ou 2, 3-10, 11-19 e 20+) e nos últimos 30 dias, e (4) Sexo sem camisinha (SSC) com parceiros homens, utilizando indicação simples de se as participantes fizeram sexo oral ou vaginal com seu parceiro nos 30 últimos dias.

Castañeda (2017) realizou estudo com 114 adultos latinos entre 18-29 anos: mulheres, 92 (80.7%), e homens, 22 (19.29%), em relacionamento heteroafetivo, entre eles, 16 (14.03%) casados e 98 (85.96%) solteiros. Os participantes foram recrutados dentro de uma universidade californiana (EUA) e todos se identificaram como latinos. Idade média foi de 23.49 anos (DP=2.66) e os relacionamentos tinham duração de 1-3 anos. Foram medidas 7 dimensões: (1) Sexting, (2) Permissividade sexual, (3) Prazer sexual, (4) Satisfação sexual, (5) Experiência sexual, (6) Conforto no sexting e (7) Aculturação. Foram utilizados os seguintes instrumentos: (1) para o Sexting, duas perguntas: "Quantas vezes você enviou uma mensagem / foto / texto / e-mail sexual nos últimos 6 meses?" e "Quantas vezes você recebeu uma mensagem / foto / texto / e-mail sexual nos últimos 6 meses?", utilizando escala de quatro pontos ("Nunca", "Uma vez", "Uma vez por semana" e "Uma vez por dia ou mais"), (2) para a Permissividade sexual, subescala *Sexual Permissiveness* do *Brief Sexual Attitudes Scale* (HENDRICK *et al.*, 2006, *apud* CASTAÑEDA, 2017), (3) para Prazer sexual, subescala *Instrumentality* do *Brief Sexual Attitudes Scale*, (4) para Satisfação sexual (THEISS, 2011, *apud* CASTAÑEDA, 2017) com seis itens, (5) para Experiência sexual, nove itens de comportamento sexual (ex.: masturbação, sexo oral/anal, etc.), com a pergunta "Nos últimos seis meses, quantas vezes você engajou em qualquer das seguintes atividades com seu parceiro romântico?" e as respostas organizadas em escala de 4 pontos (de 1 = nunca, até 4 = uma vez por dia ou mais), (6) para Conforto no sexting, duas perguntas: "Quão confortável você se sentiria enviando ou sendo pedido para enviar (a) mensagens ou (b) fotos nuas de você mesmo(a) por texto/e-mail?", com escala de 5 pontos (de 1 = muito

desconfortável, até 5 = muito confortável), e (7) para Aculturação, a escala *Acculturation Rating Scale for Mexican Americans-II* (ARSMA-II) (CUELLAR; ARNOLD; MALDONADO, 1995, *apud* CASTAÑEDA, 2017). Castañeda (2017) encontrou 63 participantes (55.26%) que praticavam sexting.

Florimbio, Brem, Garner, Grigorian e Stuart (2018) estudaram 534 estudantes de graduação (63.4% mulheres e 67.4% calouros) entre 18-30 anos ($M = 19.12$, $SD = 1.65$). A maioria desses participantes se autoidentificaram como Branco/Caucasiano (80.2%), seguido de Negro/Afroamericano (7.9%), Hispânico/Latino (2.6%), Asiático Americano (4.9%), Outros (2.1%), Indiano/Oriente Médio (1.5%), e Americano Nativo (0.8%). O status relacional foi: em relacionamento (97.4%), não se encontra em relacionamento (2.4%), casado (1.5%), e noivo (1.1%). As medidas utilizadas no estudo foram: (1) informações sociodemográficas (idade, gênero, raça/etnia, classe social e status relacional); (2) expectativas de álcool-sexo, usando as subescalas de seis itens cada Sexual Drive e Sexual Affect da Alcohol Expectancies Regarding Sex, Aggression, and Sexual Vulnerability - AESASVQ (ABBHEY *et al.*, 1999, *apud* FLORIMBIO *et al.*, 2018); (3) Sexting, definido como a troca de imagens nuas, utilizando duas perguntas para avaliar a frequência do sexting nos últimos 12 meses: “Quantas vezes você enviou imagens nuas de você para outro através de mensagens?” e “Quantas vezes você pediu para alguém enviar imagens nuas delas mesmas para você?”, aferida por uma escala Likert de 8 pontos (0 - Nunca aconteceu, 1 - Uma vez nos últimos 12 meses, 2 - Duas vezes nos últimos 12 meses, 3 - 3-5 vezes nos últimos 12 meses, 4 - 6-10 vezes nos últimos 12 meses, 5 - 11-20 vezes nos últimos 12 meses, 6 - mais que 20 vezes nos últimos 12 meses e 7 - Não nos últimos 12 meses mas aconteceu antes), codificando resultados sete como 0, resultando numa amplitude de 0-6 para cada item e considerando eles individualmente, e (4) Uso de álcool e problemas, utilizando o Alcohol Use Disorders Identification Test - AUDIT (BABOR *et al.* 2001; SAUNDERS *et al.*, 1993, *apud* FLORIMBIO *et al.*, 2018). O recrutamento aconteceu em cursos de introdução a psicologia em uma Universidade grande do sudeste dos Estados Unidos. Os participantes completaram formulários on-line, recebendo crédito acadêmico parcial pela sua participação.

Valiukas *et al.* (2019) e Clancy *et al.* (2019), relatados no item anterior, também contribuíram para este tema.

2.4.2 Articulação dos Resultados

O sexting tem sido correlacionado a estar sexualmente ativo (Clancy *et al.*, 2019), ter mais experiências sexuais (Castañeda, 2017) e fazer sexo sem camisinha (Trub & Starks, 2017). Para Clancy *et al.* (2019), existem maiores chances de envio de sexts quando os participantes estão sexualmente ativos e, para os que estão sexualmente ativos, o envio de sexts foi associado ao início mais cedo da vida sexual. Para Castañeda (2017), o sexting ficou apenas correlacionado a mais experiências sexuais e não a prazer ou satisfação sexual. Reconhece que para homens e mulheres latinas as expectativas de gênero talvez desempenhem um papel mais relevante que o considerado na literatura. Reconhece que o aumento na frequência do sexting pode estar relacionado com uma possibilidade de comunicação das fantasias ao parceiro sexual: “Em outras palavras, pelo menos para aqueles em relacionamento, maior envolvimento em comportamento sexual pode estar ao lado de maior comunicação sexual, ou, no caso do estudo, maior frequência de sexting.”⁴ (Castañeda, 2017, p. 10, tradução livre). Trub e Starks (2017) encontram uma relação direta em mulheres entre o sexting e o sexo sem camisinha, levando em consideração que, especialmente quando crêem haver uma expectativa do parceiro para que enviem esta imagens, o sexting aparece como um modo de enfrentamento do estresse entre mulheres com estilo de apego ansioso. Sugere como intervenção o desenvolvimento de estratégias internas e alternativas para o restabelecimento do controle emocional.

Quando considerado o status relacional, Davis *et al.* (2016) viram uma diferença nos comportamentos sexuais de risco: (1) homens que enviaram sexts a parceiras estáveis tiveram mais frequentemente penetração vaginal desprotegida ($\beta = .274, p < .01$) e sexo oral nos últimos 30 dias ($\beta = .289, p < .01$), (2) homens que enviaram sexts a parceiras casuais tiveram mais parceiras casuais nos últimos 3 meses ($\beta = .185, p < .05$); e (3) os homens que receberam sexts de parceiras casuais fizeram mais sexo oral desprotegido nos últimos 30 dias ($\beta = .188, p < .05$). Existe ainda mais frequência no recebimento de sexts de parceiras casuais que no envio de sexts a parceiras estáveis. O sexting em homens de minoria racial heterossexuais nos Estados Unidos pode então ter assim tanto uma função de iniciar encontros sexuais (em parceiras casuais) quanto de manter relacionamentos sexuais (em parceiras estáveis).

Resultados mistos têm sido encontrados sobre a relação do sexting com uso de álcool. Davis *et al.* (2016) encontraram que o sexting tem relação com o uso de álcool,

⁴ In other words, at least for those in a relationship, greater sexual behavior involvement may go along with more sexual communication, or, in the case of this study, more sexting behavior. (CASTAÑEDA, 2017, p. 10)

enquanto Valiukas *et al.* (2019) não encontraram relação entre o uso de álcool e a frequência do sexting. Davis *et al.* (2016), diferenciando parceiras estáveis de casuais, encontraram que homens que enviaram sexts para parceiras casuais tiveram mais sexo enquanto eles ($\beta = .252, p < .01$) ou sua parceira ($\beta = .247, p < .05$) usavam drogas ou álcool. Parece que existe variação no comportamento conforme a população estudada. Valiukas *et al.* (2019) alertam para a necessidade de considerar esta especificidade - considerando especialmente que o seu resultado contribuiu para resultados mistos que têm sido encontrados na literatura. A associação do uso de álcool com o sexting pode estar relacionada com as expectativas dos efeitos do álcool sobre o comportamento sexual (Florimbio *et al.*, 2018).

O uso de pornografia foi associado ao sexting. Davis *et al.* (2016) encontram como preditores da frequência do sexting, considerando tanto envio quanto recebimento de parceira estável: (a) exposição a pornografia (OR = 5.29, $p < .01$) e (b) conversar com amigos sobre sexo (OR = 1.96, $p < .05$); considerando somente envio a parceira casual: (a) maior nível educacional (OR = 1.63, $p < .05$), atitudes mais abertas sobre sexo (OR = 1.05, $p < .05$) e exposição a pornografia (OR = 6.31, $p < .05$); considerando somente recebimento de parceira casual: (a) comportamentos de risco e arriscados (OR = 1.15, $p < .05$) e (b) atitudes mais abertas sobre sexo (OR = 1.04, $p = .05$). Ressalta-se que exposição a pornografia (ter assistido a pornografia nos últimos três meses) foi o preditor mais fortemente correlacionado e ficou associado a três dos quatro comportamentos pesquisados: recebimento de parceiro estável (OR = 5.29, $p < .01$), envio para parceiro estável (OR = 5.42, $p < .01$) e envio para parceiro casual (OR = 6.31, $p < .05$). Outro preditor importante foi conversar com os amigos sobre sexo. A exploração destas relações com preditores poderia fornecer um insight sobre as motivações ligadas ao sexting.

Finalmente, Carrotte *et al.* (2016) identificaram 135 (37.5%) participantes do seu estudo reportando baixa saúde mental recente, e esse dado foi correlacionado de modo dependente com sexting, mas não de modo independente.

2.5 Questões específicas de gênero e orientação sexual

Abaixo se elencam as pesquisas que estão relacionadas especificamente com dimensões de gênero e orientação sexual. Apresentam-se os resultados logo depois da apresentação dos dados sobre a pesquisa.

Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti e Chirumbolo (2016b) buscaram entender a relação entre frequência de sexting, stress psicológico e abuso em relacionamento em

adolescentes e jovens adultos. Participaram do estudo 1334 italianos com entre 13-30 anos ($M = 20.8$ anos, $DP = 4.3$), sendo 68% mulheres e 87.4% exclusivamente heterossexuais. Os participantes foram recrutados em escolas secundárias de Roma (Itália). Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) dados sociodemográficos, (2) orientação sexual, sendo aplicada a *Escala Kinsey* (Kinsey, 1948, *apud* Morelli *et al.*, 2016b), (3) comportamentos de sexting, sendo aplicado o *Sexting Behavior Questionnaire* (Dir, 2012, *in* Morelli *et al.*, 2016b), (4) stress psicológico, sendo aplicado o *General Health Questionnaire* (Goldberg & Hiller, 1979, *apud* Morelli *et al.*, 2016b) e (5) *dating violence*, sendo aplicado o *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (Wolfe *et al.*, 2001, *apud* Morelli *et al.*, 2016b). Foi visto que existem diferenças considerando gênero e orientação sexual: homens têm maior envolvimento do que mulheres em sexting, enquanto não heterossexuais têm maior envolvimento do que heterossexuais em sexting; ademais, usuários com frequência alta ou moderada em sexting cometiam mais abuso online e off-line.

Reed, Tolman e Ward (2016) estudaram o abuso em relacionamentos em universitários do meio-oeste dos Estados Unidos. Participaram 365 alunos recrutados entre alunos de graduação que estavam inscritos em um curso de psicologia na universidade, com entre 17-22 anos ($M = 18.66$ anos). A amostra era composta por universitários em sua maioria entre 17-19 anos e 57% mulheres. Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) medidas de mídia, perguntando quantas horas os participantes usavam as redes sociais por semana e quão frequentemente eles usavam a Internet considerando vários propósitos (i.e., lição de casa, para comunicar com parceiros românticos, para comunicar com amigos), (2) digital dating abuse (DDA), sendo desenvolvido para esse estudo um questionário com 38 itens cobrindo 19 comportamentos sob a ótica da vitimização e da perpetração, (3) reações antecipadas a comportamentos de digital dating abuse, perguntando aos participantes como se sentiriam diante de quatro comportamentos presentes no contexto digital dos relacionamentos, e (4) abuso em relacionamento, sendo aplicados os instrumentos *Conflict Tactics Scale-2 Revised Short Form* (Straus & Douglas, 2004, *apud* Reed *et al.*, 2016) e *PMI-A* (Tolman, 1999, *apud* Reed *et al.*, 2016). Foi encontrado como resultado que as frequências de comportamentos em geral não diferem entre homens e mulheres; entretanto, comportamentos específicos, tanto perpetração (i.e., pressionar por imagens ou vídeos sexualmente sugestivos, ameaçar distribuir informações sobre o seu parceiro usando a Internet), quanto vitimização (ser vítima de abuso em relacionamento) são mais

frequentes em homens do que em mulheres. Homens têm mais reações positivas em receber ou enviar fotos sexualmente sugestivas do que mulheres. Mulheres têm mais vitimização de coerção sexual e de perpetração de violência física do que homens. Correlações positivas entre as variáveis de abuso mostram que os envolvidos em vitimização de abuso têm mais chances de se envolver em perpetração de abuso em relacionamento. Todos têm alta frequência de comportamentos de monitoramento do parceiro, o que pode acarretar repetições no abuso.

Salter (2016), com base em dados de grupos focais com jovens entre 18-20 anos, analisa impacto de desigualdades de gênero nas imagens de corpos que circulam no ambiente digital. Entende que a publicização do corpo feminino tem sido reconhecida mais em paralelo com pornografia, a publicização do corpo masculino adquire uma variedade de significados (positivos e negativos). Jovens tendem a ignorar homens perpetradores e têm as mulheres como responsáveis pelo gerenciamento dos riscos de abuso digital.

Liong e Cheng (2017) estudaram universitários inscritos em um curso introdutório de psicologia na China. Entraram em contato com 500 estudantes, dos quais 381 (em torno de 70%) responderam. Foi feito um questionário. Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) Demográficas: (a) Idade entre 17 e 24 anos ($M = 19.75$, $DP = 1.12$) e (2) Sexo ($M = 62.2\%$, $H = 37.8\%$); (2) Atitude, com 7 itens, e.g. “Eu acho que enviar minhas fotos sexy ou nuas pelo telefone celular ou pela Internet para alguém que eu conheço pessoal é prazeroso.”; (3) Norma subjetiva, com 3 itens, e.g. “Qual a chance de seus outros significativos [e.g. amigos, família, e parceiro] aprovarem a sua decisão de enviar suas fotos sexy ou nuas pelo telefone celular ou pela Internet para alguém que você conhece pessoalmente?”; (4) Auto-eficácia, com 3 itens, e.g. “Se eu quisesse, poderia facilmente enviar minhas fotos sexy ou nuas pelo telefone celular ou pela Internet para alguém que conheço pessoalmente.”; e (5) Controle percebido, com 2 itens, e.g. “Quanto controle você tem sobre se você envia fotos sexy ou nuas pelo telefone celular ou pela Internet para alguém que você conhece pessoalmente?”, todos com respostas medida em escala Likert de 7 pontos. Uma consideração importante realizada nessa pesquisa diz respeito ao contexto cultural da prática de sexting. Os resultados obtidos apontam que (2) Atitude, (3) Norma subjetiva (apenas em mulheres) e (4) Autoeficácia estão associadas ao sexting, mas não (5) Controle percebido, o que vai de encontro com estudos que têm como consideração que praticantes de sexting percebem essa prática de modo mais positivo e que a pressão social tem forte influência na decisão de praticar sexting. Homens

têm mais chances de praticar sexting, o que pode ser compreendido como uma avaliação mais positiva dessa prática quando efetuadas por homens. Uma consideração importante feita pelos autores se refere aos dados de outras culturas: enquanto os dados deste estudo são parecidos com dados da Bélgica, são diferentes de dados dos Estados Unidos. Expõem que tais discrepâncias podem estar relacionadas a diferenças culturais no modo como os chineses percebem o sexo. Sugerem como explicação que essas discrepâncias têm tanto uma influência do gênero - que faz uma mediação nesta prática -, quanto do contexto cultural.

Twist, Bergdall, Belous e Maier (2017) estudaram 61 universitários nos Estados Unidos em Universidade grande no Sudoeste durante o ano letivo de 2012-2013. A seleção desta população ocorreu porque outros estudos indicaram que universitários são usuários intensivos de Internet e tecnologia. O estudo foi parte de um estudo maior e foram reportados nele apenas: (1) Dados Demográficos, (a) Orientação sexual, incluindo 33 (54%) bissexuais e 28 (46%) homossexuais, (b) Idade, entre 18 e 41 ($M = 24.67$), (c) Gênero, com 23 (38%) homens, 38 (62%) mulheres e nenhum transgênero, (c) Raça, com 34 (55.7%) caucasianos, 16 (26.2%) hispânicos, 7 (11.5%) negros, 2 (3.3%) indígenas americanos / nativos do Alasca, 2 (3.3%) japoneses, 1 (1.6%) havaiano, 1 (1.16%) samoano e 3 (4.8%) multi-étnico; (2) Lesbian, Gay, Bisexual Identity Scale - LGBIS (MOHR; FASSINGER, n.d., MOHR; FASSINGER, 2000, MOHR; KENDRA, 2011, *apud* TWIST *et al.*, 2017), uma escala de 27 itens com 8 subescalas: (a) Preocupações de aceitação, (b) Motivação de Ocultamento, (b) Incerteza de Identidade, (c) Homonegatividade internalizada, (d) Processo Difícil, (e) Superioridade de Identidade, (f) Afirmação de Identidade e (g) Centralidade de Identidade; e (3) Same-Sexting Practices Questionnaire - SSPQ (Blumer, 2012, *apud* Twist *et al.*, 2017), questionário com 11 questões sobre gerenciamento de visibilidade eletrônica, com 1 resposta Sim/Não, sete respostas em escala Likert de seis pontos e três respostas abertas curtas. Os resultados indicaram que: (1) quanto ao LGBIS, a amostra tinha uma visão um pouco mais positiva de si mesma em relação a sua identidade LGBT, embora isto não tenha sido estatisticamente significativo, (2) quanto ao SSPQ, a maioria identifica sua orientação sexual online ($n = 32, 62.75\%$), principalmente no Facebook ($n = 23, 37.7\%$), onde quase todos revelam seu status relacional ($n = 22, 31.9\%$), sendo para maioria extremamente desimportante que seus parceiros estão "fora do armário" on-line ou off-line ($n = 23, 48.94\%$ e $n = 21, 44.68\%$, respectivamente), muito desimportante saber a orientação sexual de uma pessoa quando estão online ($n = 18, 39.13\%$) ou muito importante ($n = 13,$

28.26%) e têm reações negativas infrequentes on-line sobre a revelação da sua orientação sexual e/ou gênero (n = 33, 70.21%). Estar "fora do armário" on-line foi extremamente desimportante para a sua satisfação relacional (n = 23, 48.94%), mas, se estão em relacionamento off-line, ter um relacionamento on-line foi considerado inaceitável e ter sexo online ou fazer sexting fora do relacionamento principal foi considerado como emocionalmente e fisicamente danoso.

Johansen, Pedersen e Tjørnhøj-Thomsen (2017) buscaram entender o papel do gênero e da idade na relação entre apresentação online sensual e sexting. Estudaram adolescentes (13-17 anos, N = 953) e jovens adultos (18-25 anos, N = 899) holandeses. Foram aplicadas duas rodadas de um questionário com dois meses de intervalo entre cada rodada. O recrutamento foi realizado por uma agência holandesa que disponibiliza amostras randomizadas (chamada Veldkamp). Foram utilizadas as medidas: (1) autoapresentação on-line sensual, perguntando aos participantes que eram usuários de redes sociais quão frequentemente nos últimos dois meses eles carregaram uma imagem sua em perfil de rede social com (a) um olhar sensual, (b) aparência sensual, (c) pouco vestido (i.e., sunga ou roupas íntimas) e (d) em uma postura sexual, utilizando escala Likert de 7 pontos, (2) autoapresentação online sensual de outros, com as mesmas perguntas anteriores, referentes a se os participantes deliberadamente buscaram fotos de outras pessoas com essas características nos últimos dois meses, (3) disposição para engajar em sexting, perguntando aos participantes se existia chance de que enviariam fotos ou mensagem de texto pela Internet com nudez parcial ou total, caso lhes fosse requisitado por (a) seu parceiro, (b) alguém que estão saindo, (c) um amigo, (d) um desconhecido, ou (e) seu ex-parceiro, utilizando escala Likert de 7 pontos, e (5) variável de controle, perguntando se os participantes tiveram experiências com os seguintes comportamentos sexuais: (a) tocar os genitais um do outro, (b) dar ou receber sexo oral, (c) penetração vaginal (ou, para participantes gays, lésbicas, bi ou que estavam questionando sua orientação sexual, apenas se fizeram sexo), utilizando respostas Sim/Não. Os dados foram analisados estatisticamente. Os resultados encontrados foram que homens adolescentes e adultos têm maiores chances de engajar em sexting do que mulheres adolescentes; mulheres adultas têm menor chance de engajar em sexting do que homens adultos, mas semelhante a homens adolescentes. Mulheres têm menos exposição a autoapresentação sensual on-line de outros do que homens; mas adultos e adolescentes não têm diferenças. Quanto à existência de valor preditivo da autoapresentação sensual online para o sexting, foi significativamente diferente apenas

quando comparadas mulheres adolescentes com mulheres adultas, mas não quando comparadas mulheres e homens ou quando comparados homens adolescentes e adultos. Discute-se que a autopercepção influencia mais o engajamento no sexting do que a percepção dos outros e que para homens o engajamento no sexting tem menos estigma que para mulheres.

Matthews, Giuliano, Thomas, Straup e Martinez (2018) buscaram estudar a extensão que o gênero afeta a percepção individual no recebimento de sexts. Foram recrutados por amostra de conveniência 122 estudantes de graduação (61 homens e 61 mulheres) entre 18-26 anos ($M = 20.4$ anos, $DP = 1.42$) em universidade no estado do Texas (Estados Unidos), aos quais foi apresentada uma vinheta em que um homem ou uma mulher supostamente enviam sext solicitado ou não solicitado para conhecido. Mulheres que enviavam mensagens não solicitadas foram classificadas como mais apropriadas do que homens e o envio solicitado dessas mensagens foi classificado igualmente apropriado tanto por homens como mulheres. Discutiu-se a influência da masculinidade hegemônica na sensação de desconforto ou ameaça de mulheres recipientes dessas mensagens e na reação mais positiva de homens independente de solicitarem essas mensagens ou não.

Moran *et al.* (2018) estudaram 450 universitários do nordeste dos Estados Unidos. O objetivo foi entender as diferenças entre homens e mulheres no uso da rede social Snapchat. O procedimento foi um questionário on-line distribuído via software Qualtrics. Foram utilizadas as seguintes medidas: (1) Informações demográficas, sendo (a) Idade, entre 18 e 28 anos ($M = 19.71$, $DP = 3.87$), (b) sexo ($H = 126$, $M = 324$), (c) status relacional atual, com 67.2% solteiros e 32.4% em relacionamento, (d) orientação sexual, com 92% heterossexuais, e (e) e para mulheres, se tem controle de natalidade; (2) Snapchat, perguntado aos participantes se eles têm Snapchat e, caso a resposta seja sim, nove perguntas sobre o seu uso do Snapchat: (a) seção não sexual, com as perguntas “Com qual frequência você usa Snapchat por semana?”, “Com qual frequência você usa Snapchat por dia?”, “Com qual frequência você envia Snapchat para um amigo?” e “Com qual frequência você posta no seu MyStory?”, e (b) seção sexual, a qual, tendo como base resultados de pesquisas anteriores que encontraram uma frequência de 13-20% de usuários deste aplicativo que o usam para enviar sexts, tinha as perguntas: “Você já usou o Snapchat para ganhar acesso sexual de alguém que você estava atraído(a)?”, “Você já usou o Snapchat para ficar com alguém? I.e. pedir a alguém para vir e ficar com essa pessoa.”, “Você já usou o Snapchat para enviar fotos nuas de você mesmo(a) a alguém

que você estava interessado(a) sexualmente?”, “Você já pediu para alguém, em quem você estava sexualmente interessado, para enviar um Snapchat nu para você?” e “Você já continuou a enviar um Snapchat nu ou sexual para alguém em quem você estava sexualmente interessado(a) para mantê-lo(a) interessado(a) em você?”; e (3) o instrumento SOI-R (PENKE; ASENDORPF, 2008, *apud* MORAN *et al.*, 2018), com a finalidade de determinar quais participantes se comportam de um modo restrito ou não-restrito. Ao final do questionário, os participantes recebiam informações sobre o propósito do estudo e indicavam se eles gostariam de ter seus dados incluídos ou não. Os resultados foram: (1) Quanto aos dados da seção não sexual, sobre frequência de uso do Snapchat, houve poucas diferenças: (a) algumas mulheres têm mais chances de usar o aplicativo a cada hora do que homens e (b) algumas mulheres têm mais chances de entrar no MyStory a cada 6h ou 9h, comparado a 12h nos homens; (2) Quanto aos dados da seção sexual, homens, como se esperava, têm mais chance de usar o Snapchat para: (a) ficar com alguém e (b) pedir um Snapchat nu, mas, diferente do que se esperava, (c) mulheres não têm mais chance de enviar imagens nuas, sendo esta chance parecido entre ambos os sexos; e (3) Quanto a diferenças entre comportamento restrito e não-restrito, aqueles com um comportamento não-restrito têm mais chances de usar o Snapchat para (a) ganhar acesso sexual, (b) ficar com alguém e (c) continuar a enviar fotos nuas para manter o interesse de alguém.

Pesquisas citadas nos outros itens desta revisão têm apontado a relevância do gênero na mediação do comportamento de sexting, como em Valiukas *et al.* (2019); ao passo que a orientação sexual, em Carrotte *et al.* (2016) tem sido apontada como uma categoria importante. Para Carrotte *et al.* (2016), quando não heterossexual, existe duas vezes mais chances de reportar uma baixa saúde mental, comparado aos heterossexuais. Estes autores concluíram ainda que, considerando apenas homens, essa proporção fica acima de duas vezes e, considerando apenas mulheres, acima de quatro vezes. Entretanto, consideram que o sexting em si não tem influência direta, mas função de mediação, ou que outros fatores presentes no sexting estão influenciando a saúde mental dos participantes.

2.6 Relação do Sexting com o Corpo

A seguir são descritas duas pesquisas consideradas como principais neste levantamento relacionadas com o corpo, seguidas de seus resultados.

Howard, Klettke, Ling, Krug e Fuller-Tyszkiewicz (2019) estudaram 147 universitárias maiores de 18 anos em duas universidades de Melbourne, Austrália. O procedimento realizado foi on-line, com questionário e *Ecological Momentary Assessment (EMA)*, que consiste no uso de aplicativo de smartphone que disparou para as participantes dez vezes ao dia questionários sobre experiências de sexting e insatisfação corporal. A análise foi realizada com aquelas que completaram pelo menos 50% dos EMAs. Foram medidos no questionário on-line: (1) Dados demográficos, (a) idade (M = 22.23 anos, DP = 4.95), com 83% das mulheres entre 18 e 25 anos, (b) IMC (M = 22.64, DP = 4.20), com 19% da amostra classificada como sobrepeso ou obesa, (c) Naturalidade, sendo australianas (52.4%), asiáticas (27.9%) e britânicas/européias (11.6%), (d) Orientação sexual, sendo apenas heterossexual (60.05%), em sua maior parte heterossexual (21.8%), bissexual (11.6%) e outras (6.55%), (e) Idioma, tendo mais de 82% o inglês como idioma primário, (f) Nível de escolaridade, sendo 49.7% graduadas no Ano 12 (equivalente ao ensino médio) e 27.2% com duplo de graduação, e (g) Status empregatício, com mais de 60% atualmente empregadas; (2) Comportamento de sexting gerais, com três perguntas Sim/Não, baseadas em Reyns, Henson e Fisher (2014), *apud* Howard *et al.* (2019), sobre se no ano anterior as participantes (a) enviaram fotos ou vídeos nus ou quase nus de si mesmas, (b) sentiram-se pressionadas a enviar fotos ou vídeos nus ou quase nus de si mesmas, e (c) receberam uma imagem ou vídeo sexualmente explícito de alguém; (3) Motivações, com uma subescala de 3 itens do *Sexting Motivations Questionnaire* (Bianchi; Morelli; Baiocco; Chirumbolo, 2016, *apud* Howard *et al.*, 2019), com respostas em escala de 5 pontos (1 = nunca, até 5 = sempre); e (4) Insatisfação corporal, pelo instrumento Body Shape Questionnaire - BSQ-8C (Cooper; Taylor; Cooper; Fairburn, 1987, Pook; Tuschen-Caffier; Brähler, 2008, *apud* Howard *et al.*, 2019), com respostas para 8 perguntas em escala de 6 pontos (1 = Nunca, até 6 = Sempre). Foram medidos no EMA: (1) Estado da insatisfação corporal, com a pergunta “Quão satisfeita você está com sua aparência agora?” e resposta em escala de 0 (completamente insatisfeita) até 10 (completamente satisfeita), e (2) Sexting, com perguntas, em itens separadas, de se as participantes tinham (a) enviado imagens sexualmente explícitas delas mesmas usando o seu telefone celular, (b) enviado um sext resultante de pressão, e (c) recebido um sext desde a última vez que foram sinalizadas, com respostas Sim/Não para cada item. Os resultados foram: para o questionário, a insatisfação corporal esteve correlacionada positivamente com pressão para envio de sexts, mas não com frequência de envio de sexts, e, para o estudo EMA, enquanto em

estado elevado de insatisfação corporal, houve entre as participantes menos chance de enviar um sext ou, em alta insatisfação corporal (mas não baixa insatisfação corporal) de enviar um sext enquanto se sentindo pressionada.

Liong e Cheng (2019) estudaram 361 universitários em Hong Kong, China, com finalidade de verificar a relação do sexting com estar confortável com a nudez. Foram utilizadas as medidas: (1) Dados demográficos, no que 70% dos participantes tinha entre 17 e 24 anos, sendo Mulheres = 63.2% e Homens = 36.8%, (2) Sexting, especificamente o comportamento de enviar, pelo telefone celular ou Internet, fotos sexualmente explícitas ou nuas de si mesmo que carregam uma conotação sexual, com a intenção de eliciar excitação sexual em alguém que se conhece pessoalmente, com respostas em escala de sete pontos (1 = Nunca, até 7 = Muito frequentemente), e, para os três itens seguintes, diferentes subitens da escala de McKinley e Hyde (1996) *apud* Liong e Cheng (2019), com respostas em escala de 7 pontos (1 = Discordo fortemente, até 7 = Concordo fortemente), sendo (3) Vigilância corporal, com 8 itens da escala, e.g., “Durante o dia, eu penso sobre como eu pareço muitas vezes”, (4) Vergonha corporal, com 8 itens da escala, e.g., “Me sinto envergonhado de mim mesmo quando não fica um esforço para parecer o meu melhor”, (5) Crenças de controle corporal, com 8 itens da escala, e.g. “Posso pesar o quanto eu devo quando eu tento forte o suficiente”, no entanto, excluindo o item “Eu acho que uma pessoa está presa com a aparência que ela nasceu.”, que teve correlação baixa em relação ao total da escala ($r = -.02$), e (6) Conforto com a nudez, utilizando escala de Weinberg e Williams (2010) *apud* Liong e Cheng (2019) com 10 itens, buscando determinar a extensão com que o indivíduo se sente confortável em situações como, e.g., “Estar totalmente nu enquanto sentado com um outro significativo nu”, respondida em escala de 4 pontos (1 = Não confortável, até 4 = Muito confortável), a qual passou nesta pesquisa por processo de tradução e retradução para validação no idioma chinês. Foram encontradas correlações do sexting com: (a) Vergonha corporal, sendo essa relação mediada pela Vigilância corporal, e (b) Conforto com a nudez, sendo que as Crenças de controle corporal estão correlacionadas com o conforto com a nudez, mas não com sexting, não fazendo uma mediação entre sexting e conforto com a nudez. A vigilância constante dos padrões corporais leva a uma sensação maior de vergonha com o seu corpo; entretanto, as crenças relacionadas ao controle do corpo podem ser mitigadas a favor de um maior conforto com a nudez. Assim, o sexting tanto objetifica (pela vigia constante do corpo) quanto libera (pela possibilidade de maior conforto com a nudez) o corpo. Os autores apontam para a importância de considerar a influência dos padrões

corporais e da sexualização dos corpos na educação sobre o sexting, e.g., o sexting pode ser positivo quando permite a exploração do próprio corpo de um modo mais autônomo.

2.7 Considerações sobre as pesquisas encontradas

Entre adultos de 18-29 anos, o sexting tem sido estudado quando associado com as seguintes questões: abuso digital, comportamento sexual de risco, uso de álcool e drogas, questões de gênero (especificamente as normas de gênero) e orientação sexual (especificamente a visibilidade) e insatisfação corporal.

A pesquisa sobre nudes tem apontado práticas seguras e positivas e outras abusivas com riscos e danos para a saúde mental dos envolvidos (especialmente das vítimas). Entretanto, apesar da correlação entre sexting e abuso digital claramente estar presente na experiência dos participantes destas pesquisas, tem sido difícil encontrar generalizações possíveis por conta da grande variação nas práticas. Esta variação tem sido explicada por fatores relativos ao contexto, especialmente cultura e gênero. Com isso, torna-se importante considerar o contexto da amostra estudada para qualquer consideração acerca do assunto.

Um ponto importante a ser considerado foi o ponto de vista do qual partem as pesquisas sobre sexting. Usualmente, estas pesquisas partem de categorias construídas pelos pesquisadores para uma observação do fenômeno, tendo sido encontrada apenas uma pesquisa qualitativa que busca construir sua compreensão do fenômeno a partir das falas dos participantes. Este ponto de vista pode ser invertido quando se pergunta aos participantes, por exemplo, o que eles entendem como nudes, ou quais os problemas encontrados por eles nesta prática (sem a imposição de categorias pré-definidas). Pretende-se realizar esta construção na presente investigação.

Algumas lacunas foram verificadas. Até onde foi dado aferir, (1) não existem dados sobre sexting em amostra de adultos brasileira; (2) o sexting não tem sido pesquisado com adultos em sua relação com o Uso Problemático de Internet; (3) existe uma escassez de pesquisas qualitativas; e (4) não foram encontradas pesquisas abordando possíveis intervenções. Algumas pesquisas têm apontado a educação como intervenção - especialmente em relação a gênero e orientação sexual -, ao passo que diferentes estratégias de intervenção com UPI encontradas na literatura não foram experimentadas com os praticantes de sexting. Considerando que a atual pesquisa procura explorar em uma amostra brasileira a relação do UPI com o sexting e - embora não objetive

especificamente o estudo de uma intervenção com esta população - existe uma dimensão interventora na etapa qualitativa, o que busca abordar as lacunas apontadas.

Referências Bibliográficas

- Brodie, Z. P., Wilson, C., & Scott, G. G. (2019). Sextual intercourse: Considering social-cognitive predictors and subsequent outcomes of sexting behavior in adulthood. *Archives of Sexual Behavior*, 48(8), 2367–2379. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01497-w>
- Carrotte, E. R., Vella, A. M., Hellard, M. E., & Lim, M. S. C. (2016). Mental health and associated sexual health behaviours in a sample of young people attending a music festival in Melbourne, Victoria. *Community Mental Health Journal*, 52(8), 1082–1088. <https://doi.org/10.1007/s10597-015-9981-2>
- Castañeda, D. M. (2017). Sexting and sexuality in romantic relationships among Latina/o emerging adults. *American Journal of Sexuality Education*, 12(2), 120–135. <https://doi.org/10.1080/15546128.2017.1298069>
- Choi, H., Van Ouytsel, J., & Temple, J. R. (2016). Association between sexting and sexual coercion among female adolescents. *Journal of Adolescence*, 53, 164–168. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.10.005>
- Clancy, E. M., Klettke, B., & Hallford, D. J. (2019). The dark side of sexting—Factors predicting the dissemination of sexts. *Computers in Human Behavior*, 92, 266–272. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.11.023>
- Davis, M. J., Powell, A., Gordon, D., & Kershaw, T. (2016). I Want Your Sext: Sexting and Sexual Risk in Emerging Adult Minority Men. *AIDS Education and Prevention : Official Publication of the International Society for AIDS Education*, 28(2), 138–152. <https://doi.org/10.1521/aeap.2016.28.2.138>
- Dekker, A., & Koops, T. (2017). [Sexting as a risk? : On consensual and non-consensual distribution of personal erotic pictures using digital media]. *Bundesgesundheitsblatt, Gesundheitsforschung, Gesundheitsschutz*, 60(9), 1034–1039. <https://doi.org/10.1007/s00103-017-2595-9>
- Florimbio, A. R., Brem, M. J., Garner, A. R., Grigorian, H. L., & Stuart, G. L. (2018). Alcohol-related sex expectancies explain the relation between alcohol use and sexting among college students. *Computers in Human Behavior*, 88, 205–209. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.07.005>

- Ge, Y., Hu, Y.-Y., Zhang, Z., & Zhang, J.-F. (2014). Effects of psychodrama group counseling on internet addiction and social avoidance in urban left-behind children. *Chinese Mental Health Journal*, 28(6), 458–465.
- Howard, D., Klettke, B., Ling, M., Krug, I., & Fuller-Tyszkiewicz, M. (2019). Does body dissatisfaction influence sexting behaviors in daily life? *Computers in Human Behavior*, 101, 320–326. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.07.033>
- Hudson, H. K., & Marshall, S. A. (2018). Consequences and predictors of sexting among selected southern undergraduates. *International Journal of Sexual Health*, 30(1), 20–27. <https://doi.org/10.1080/19317611.2017.1404540>
- Johansen, K. B. H., Pedersen, B. M., & Tjørnhøj-Thomsen, T. (2019). Visual gossiping: Non-consensual ‘nude’ sharing among young people in Denmark. *Culture, Health & Sexuality*, 21(9), 1029–1044. <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1534140>
- Klettke, B., Hallford, D. J., Clancy, E., Mellor, D. J., & Toumbourou, J. W. (2019). Sexting and psychological distress: The role of unwanted and coerced sexts. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(4), 237–242. <https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0291>
- Klettke, B., Hallford, D. J., & Mellor, D. J. (2014). Sexting prevalence and correlates: A systematic literature review. *Clinical Psychology Review*, 34(1), 44–53. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2013.10.007>
- Kričkić, D., Šincek, D., & Čike, A. B. (2017). Sexting, cyber-violence and sexually risk behaviour among college students. *Kriminologija & Socijalna Integracija*, 25(2), 15–28. <https://doi.org/10.31299/ksi.25.2.2>
- Liong, M., & Cheng, G. H.-L. (2017). Sext and gender: Examining gender effects on sexting based on the theory of planned behaviour. *Behaviour & Information Technology*, 36(7), 726–736. <https://doi.org/10.1080/0144929X.2016.1276965>
- Liong, M., & Cheng, G. H.-L. (2019). Objectifying or liberating? Investigation of the effects of sexting on body image. *Journal of Sex Research*, 56(3), 337–344. <https://doi.org/10.1080/00224499.2018.1438576>
- Matthews, S. J., Giuliano, T. A., Thomas, K. H., Straup, M. L., & Martinez, M. A. (2018). Not cool, dude: Perceptions of solicited vs. Unsolicited sext messages from men and women. *Computers in Human Behavior*, 88, 1–4. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.06.014>
- Medrano, J. L. J., Lopez Rosales, F., & Gámez-Guadix, M. (2018). Assessing the links of sexting, cybervictimization, depression, and suicidal ideation among university

- students. *Archives of Suicide Research*, 22(1), 153–164. <https://doi.org/10.1080/13811118.2017.1304304>
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & The PRISMA Group. (2009). Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Medicine*, 6(7), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Moran, J. B., Salerno, K. J., & Wade, T. J. (2018). Snapchat as a new tool for sexual access: Are there sex differences? *Personality and Individual Differences*, 129, 12–16. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.02.040>
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016a). Not-allowed sharing of sexts and dating violence from the perpetrator's perspective: The moderation role of sexism. *Computers in Human Behavior*, 56, 163–169. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.11.047>
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016b). Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and young adults. *Psicothema*, 28(2), 137–142. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.193>
- Morelli, M., Bianchi, D., Cattelino, E., Nappa, M. R., Baiocco, R., & Chirumbolo, A. (2017). Quando il Sexting diventa una forma di violenza? Motivazioni al sexting e dating violence nei giovani adulti. [When sexting becomes a kind of violence? Sexting motivations and dating violence among young adults.]. *Maltrattamento e Abuso All'Infanzia: Rivista Interdisciplinare*, 19(3), 49–68. <https://doi.org/10.3280/MAL2017-003004>
- Mori, C., Cooke, J. E., Temple, J. R., Ly, A., Lu, Y., Anderson, N., Rash, C., & Madigan, S. (2020). The Prevalence of Sexting Behaviors Among Emerging Adults: A Meta-Analysis. *Archives of Sexual Behavior*, 49(4), 1103–1119. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01656-4>
- Reed, L. A., Tolman, R. M., & Ward, L. M. (2016). Snooping and Sexting: Digital Media as a Context for Dating Aggression and Abuse Among College Students. *Violence against Women*, 22(13), 1556–1576. <https://doi.org/10.1177/1077801216630143>
- Salter, M. (2016). Privates in the online public: Sex(ting) and reputation on social media. *New Media & Society*, 18(11), 2723–2739. <https://doi.org/10.1177/1461444815604133>
- Silva, R. B. R., Teixeira, C. M., Vasconcelos-Raposo, J., & Bessa, M. (2016). Sexting: Adaptation of sexual behavior to modern technologies. *Computers in Human Behavior*, 64, 747–753. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.07.036>

Trub, L., & Starks, T. J. (2017). Insecure attachments: Attachment, emotional regulation, sexting and condomless sex among women in relationships. *Computers in Human Behavior*, 71, 140–147. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.01.052>

Twist, M. L. C., Bergdall, M. K., Belous, C. K., & Maier, C. A. (2017). Electronic visibility management of lesbian, gay, and bisexual identities and relationships in young adulthood. *Journal of Couple & Relationship Therapy*, 16(4), 271–285. <https://doi.org/10.1080/15332691.2016.1238798>

Valiukas, S., Pickering, M., Hall, T., Seneviratne, N., Aitken, A., John-Leader, F., & Pit, S. W. (2019). Sexting and mental health among young Australians attending a musical festival: A cross-sectional study. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 22(8), 521–528. <https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0671>

van Oosten, J. M. F., & Vandenbosch, L. (2017). Sexy online self-presentation on social network sites and the willingness to engage in sexting: A comparison of gender and age. *Journal of Adolescence*, 54, 42–50. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.11.006>

Weisskirch, R. S., Drouin, M., & Delevi, R. (2017). Relational anxiety and sexting. *Journal of Sex Research*, 54(6), 685–693. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1181147>

3 ARTIGO 2 – UM ENCONTRO ENTRE PSICODRAMA E PSICOLOGIA ANALÍTICA: RITUAL E MITOPOESE

Abaixo apresentam-se as bases metodológicas para uma compreensão do psicodrama influenciada pela psicologia analítica⁵.

3.1 Origens do psicodrama junguiano

Não se tem um registro histórico exato do momento de introdução do psicodrama junguiano na comunidade psicodramática. Os primeiros escritos datam da década de 1970. Entretanto, essa aproximação é anterior a esses primeiros escritos. Refazendo este percurso histórico, encontra-se Helmut e Ellynor Barz, casal suíço que formou uma geração de psicodramatistas na Europa e que dirigia seu próprio instituto de psicodrama em Zumikon na Suíça (Beach, 2013). Não é de se surpreender que foi neste instituto que a aproximação entre Moreno e Jung teve sua difusão; afinal, o Instituto C. G. Jung, centro de formação para os analistas, localiza-se a poucos minutos, em Küssnacht, onde havia a possibilidade de também realizar uma formação analítica. Procurando a continuidade dessa linha do tempo, descobre-se que o casal Barz entrou em contato com o psicodrama pelos psicodramatistas americanos Dean e Doreen Elefthery que, por sua vez, fizeram o treinamento de psicodrama diretamente com Jacob e Zerka Moreno.

A formação do psicodramatista junguiano era uma dupla formação: almejava-se o diploma de analista e a experiência do psicodramatista. Em 2013, foi criado um curso de formação específico em Turim, na Itália, o Istituto di Psicologia Analitica e Psicodramma (IPAP). Entretanto, apesar do instituto ter um papel de confluência destas duas teorias, permitindo a formação do psicodramatista junguiano, a particularização entre elas persistia. Essa diferença pode ser observada na dupla afiliação do aluno formado pelo instituto: a filiação acontece simultaneamente tanto com a International Association of Group Psychotherapy (IAGP) quanto com a International Association for Analytical Psychology (IAAP). Entretanto, apesar da tensão entre o fazer psicodramático e o fazer analítico, a confluência com a psicologia analítica⁶ foi reconhecida no psicodrama. Zerka Moreno, coordenando mesa no Congresso da International Association of Group Psychotherapy (IAGP), propôs reunir conferencistas para diálogo entre psicodrama e psicologia analítica. Igualmente, Stephenson (2013), analista

⁵ Este capítulo foi apresentado como artigo na Revista Brasileira de Psicodrama, cuja carta de aceitação para publicação encontra-se no Apêndice 3.

⁶ Utiliza-se o termo psicologia analítica e junguiano(a) como intercambiáveis neste artigo. (N. do A.)

junguiano que estudou psicodrama no instituto do casal Barz, reconhece a existência de tensão no diálogo entre as duas teorias, havendo tanto pontos em que elas podem ser aproximadas quanto outros em que elas são epistemologicamente diferentes. Sugere, contudo, que o diálogo entre psicodrama e psicologia analítica é criativo.

A possibilidade de aproximação entre estas duas teorias acaba sendo tema recorrente quando se discute o psicodrama junguiano. Este artigo efetua uma revisão narrativa de propostas na interface entre psicodrama e psicologia analítica, no objetivo de elaborar uma proposta de aproximação. Propõe que se delimite esta aproximação entre Moreno e Jung ao campo da experiência, ou seja, não se procuram neste momento paralelos conceituais ou convergências teóricas, mas uma leitura simbólica do próprio processo de fazer psicodrama empregando recursos da psicologia analítica. Justifica-se esta revisão pela importância de considerar como tem sido efetuado o diálogo entre psicodrama e psicologia analítica por autores que trabalham na interface do psicodrama junguiano para elaborar uma proposta de atuação que, ao mesmo tempo que se apropria originalmente desta interface, dialoga também com outros autores, inserindo-se em um campo maior do psicodrama contemporâneo.

3.2 Método de revisão

A pesquisa de literatura seguiu o modelo de revisão narrativa, partindo do tema inicial a respeito da compreensão simbólica junguiana/analítica no campo do psicodrama. A revisão narrativa, conforme Green, Johnson & Adams (2006), reporta as descobertas em um formato condensado que sumariza o conteúdo de cada artigo. Possui um viés dos autores, pois a escolha dos textos provém do repertório destes; entretanto, buscou-se a redução deste ao se realizar uma apreciação crítica da literatura. Apresenta-se a literatura relevante sobre um tema amplo, que, segundo Casarin *et al* (2020) é útil na descrição do estado da arte de um assunto específico sob o ponto de vista teórico ou contextual. Este modo de revisão pode ser utilizado para trazer conhecimento à comunidade científica sobre o estado atual das pesquisas do tema abordado.

A presente revisão narrativa partiu do repertório pessoal dos autores, ampliando as buscas com referências indicadas nos textos pesquisados. Foi utilizado como critério inicial para apresentação dos textos a região geográfica de procedência dos autores principais e, ao final, foi feita uma leitura crítica das propostas a fim de tecer princípios norteadores para compreensão do que se entende como psicodrama junguiano. Portanto, o levantamento não representa uma exaustão dos trabalhos referentes ao psicodrama

junguiano no mundo, mas considera que a diversidade de propostas encontradas nesses diferentes autores é um expoente da efervescência criativa que surge no encontro entre psicodrama e psicologia analítica.

3.3 O psicodrama junguiano na América Latina e no mundo

Neste item é realizado um mapeamento de propostas psicodramáticas que se aproximam da psicologia analítica. Foi utilizado o critério geográfico na apresentação das propostas; entretanto, outras organizações também são possíveis, sendo esta escolha realizada por permitir uma ampla apresentação das propostas e autores citados a seguir.

3.3.1 Argentina

Menegazzo (1994) efetua uma leitura do psicodrama composta de três etapas. Descrevendo na primeira parte da obra as origens da representação dramática, explicita as seguintes metáforas culturais como etapas fundamentais da sociedade: (a) razão mágica, em que há uma corporificação por meio da dramatização de aspectos coletivos que, embora identificados em indivíduos, remetem à dinâmica social, (b) razão mítico-religiosa, em que ocorrem manifestações simbólicas destes aspectos nos mitos, pelos quais a representação dramática se expressa culturalmente e (c) razão lógica, em que o resgate de valores individuais permite ao indivíduo não se perder numa ideologia massificada. O papel do psicodramatista, metaforicamente descrito como sendo análogo ao de um mago, é o de facilitar a passagem da razão mágica para a mítica e, na etapa de razão lógica, facilitar o encontro do indivíduo com seus valores. Chega, a partir da descrição das suas origens, na definição da representação dramática como *acontecimento* que possui a faculdade de interessar e comover, ou seja, de mobilizar afetos pelo seu impacto, através do desenvolvimento de uma ou várias ações. Definindo a representação dramática, apresenta também o que entende como instrumentos essenciais desta representação: (a) a mensagem, ou o conteúdo, que se desprende da ação dramática, (b) os atores, que executam essa ação dramática e (c) o auditório, que recebe ativamente a mensagem e age como caixa de ressonância afetiva. Na segunda parte da obra, Menegazzo (1994) desenvolve um paralelo entre estas três etapas de desenvolvimento da sociedade, desenvolvidas na primeira parte da obra, e o conceito de Matriz de Identidade de Moreno (1975). Embora Menegazzo (1994) não situe a sua proposta especificamente no psicodrama junguiano, Jung foi pioneiro ao introduzir uma confluência entre o pessoal e o coletivo na compreensão do desenvolvimento

humano, pressupostos retomados por autores pós-junguianos – como Neumann (1990), que, partindo de uma leitura histórica da cultura, teceu metáforas para descrever o desenvolvimento da consciência individual –, o que situa Menegazzo (1994) como um autor importante para o psicodrama junguiano.

3.3.2 Brasil

Algumas aproximações teóricas têm sido feitas por autores brasileiros, notadamente, Ramalho (2002) e Quilici (2009). Ramalho (2002) considera aproximações e distanciamentos entre Jung e Moreno em quatro aspectos: (1) existencial, (2) epistemológico, (3) metodológico e (4) clínico. No primeiro aspecto, o existencial, embora estes dois autores não tenham convivido presencialmente em seu tempo, considera confluências nas suas biografias: a personalidade intuitiva, a aproximação com o mundo da Arte, a crença no potencial infinito da criatividade, o papel das mulheres em suas vidas, entre outros. No segundo aspecto, epistemológico, considera as aproximações entre as cosmovisões que fundamentam as suas teorias, como a adoção de atitudes perspectivistas e relativistas no conhecimento, aproximação com a fenomenologia e a inserção em uma perspectiva pós-moderna de psicoterapia. No terceiro aspecto, o metodológico, considera pontos de contato que estão presentes nos métodos, discutindo especialmente a relação terapeuta-cliente, compreendendo o conceito moreniano de tele na relação terapêutica através da influência da psicologia analítica e desenvolvendo uma proposta de psicodrama junguiano que reconhece o psicodrama como modo eficaz de realizar uma passagem do imaginário ao simbólico. E, no quarto aspecto, o clínico, busca confluências entre as duas abordagens na prática clínica, descrevendo uma experiência em psicoterapia de grupo e processando a sessão utilizando conceitos de psicodrama, em diálogo com conceitos da psicologia analítica.

Partindo da hipótese de que uma das aproximações ou complementações acontece no campo da arte e da criatividade, Quilici (2009) realizou uma investigação procurando expressões de sombra e persona – construtos junguianos – na experiência de participantes do Psicodrama Público no Centro Cultural São Paulo. Entrevistando esses participantes depois do evento psicodramático, tradicionalmente realizado durante os sábados na capital paulista, buscou nos relatos indícios de contatos pessoais dos participantes com conteúdos sombrios durante a vivência. Encontrou elementos que lhe permitiram concluir que o contato com esses conteúdos pessoais entendidos como sombra no psicodrama é

experimentado por meio de projeções de aspectos de si nos outros participantes durante os jogos e dramatizações.

Ramalho (2010) fez um aporte por meio da caixa de areia no psicodrama. Esta compreende que a caixa de areia pode ser um palco para a dramatização ao criar diálogos utilizando elementos da caixa. Conforme a autora, nesta adaptação da técnica da caixa de areia, desenvolvida originalmente por Kalff, Turner & Kalff (2004), são utilizadas as instruções originais da técnica clássica e, depois de criada a história, propõe-se uma dramatização pelo cliente desta cena que será vivenciada simbolicamente. Colocando-o no papel de cada elemento, ela entrevista o cliente como se ele fosse cada um dos elementos, utilizando também outras técnicas do psicodrama (e.g., inversão de papel, duplo, solilóquio, confronto). Na caixa de areia integra-se a ação dramática. Outras modalidades consistem no Museu Vivo, que utiliza imagens artísticas (Ramalho, 2016), e, na ponte entre psicodrama e contos de fadas, na Jornada do Herói (Corumbá & Ramalho, 2008).

Maciel (2000) propôs um Mitodrama – com a mesma denominação de Guggenbühl (1999) e Sheleen (1986) – embasado em pressupostos dos estágios de desenvolvimento da consciência de Neumann (1990) com modificações propostas por Byington (1983). A *experiência mitodramática* como proposta de intervenção estabelece seis estágios: (1) Uroboros, (2) Grande Mãe, (3) Pai, (4) Puer *versus* Senex, (5) Herói e (6) Coniunctio. Utilizam-se no Mitodrama os seguintes recursos: sonhos, contos de fadas, rituais e criações livres (máscaras e desenhos), empregados dentro de uma sequência de fases que contempla aquecimento, dramatização e compartilhamento. O Mitodrama mescla elementos da psicologia analítica com o psicodrama e, embora conserve a estrutura básica das sessões de psicodrama, permite a utilização de recursos suplementares à dramatização clássica.

Benedito (2002) descreve um atendimento de casal com o uso do psicodrama e da psicologia analítica. Tomando o corpo como um campo simbólico no qual estão expressos os conflitos do casal, convida-os para uma construção de duas imagens representando o sentimento de ambos em uma situação específica. Por meio da técnica psicodramática de inversão de papéis, cria uma oportunidade para que um experimente o lugar do outro e realiza uma leitura simbólica do processo de construção destas imagens, chegando a um diagnóstico simbólico do conflito do casal. Considera as imagens como esculturas corporais no psicodrama, possibilitando uma leitura simbólica acerca do conflito conjugal e da dinâmica do casal.

Oliveira (2013) constrói uma proposta de uso de máscaras no psicodrama a partir dos conceitos junguianos de *persona* e *sombra*. Entende que as máscaras, simultaneamente, expressam *luz* (aspecto espontâneo e criativo) e *sombra* (aspectos ocultos da personalidade, que são inconscientes). A ponte com o psicodrama acontece mediante a máscara utilizada livremente representando um objeto simbólico. Apesar de utilizar os termos *luz* e *sombra*, a autora não faz uma ponte destas duas primeiras noções com os conceitos junguianos, respectivamente, de *persona* e *sombra*.

Fonseca (2010) desenvolve o psicodrama interno, o qual ainda que não se referencie pela psicologia analítica reconhece em Jung uma de suas influências. Embora tendo sido desenvolvido como parte de uma proposta de trabalho chamada psicoterapia da relação, o psicodrama interno permite uma leitura simbólica desta experiência de fechar os olhos e dramatizar com imagens internas. A ponte com a psicologia analítica, apesar de não ter sido realizada pelo autor, pode ser enriquecedora tanto pela compreensão simbólica destas imagens pelo cliente como para o desenvolvimento de estratégias inovadoras para essa modalidade de psicodrama.

Importa, ainda assim, diferenciar psicodrama interno de imaginação ativa, pois essa diferença revela um ponto fundamental de distanciamento entre as teorias psicodramática e analítica: no psicodrama interno existe uma ação dramática, ao passo que, na imaginação ativa, existe uma participação ativa da consciência mediante a observação das imagens emergentes nesta experiência, em que o observador não age dramaticamente, mas somente observa atentamente o desenrolar das imagens internas.

3.3.3 Suíça

Guggenbühl (1999) estruturou uma intervenção que objetiva a resolução de conflitos em grupos e comunidades (especialmente escolas), utilizando estrategicamente a contação de histórias e psicodrama para sensibilização e transformação das relações, que chamou de Mitodrama – o que, apesar de ser denominado pela mesma palavra que os Mitodramas de Maciel (2000) e Sheleen (1986), se trata de uma proposta diferente das outras duas, embora todas as três empreguem o mito na intervenção. Korinteli e Siradze (2016) descrevem que esta intervenção é realizada em sete passos: (1) conversa com os professores, quando se escutam os problemas que estão no ambiente escolar e impressões sobre os alunos e se apresenta o Mitodrama; (2) encontro com os pais, quando se busca a cooperação destes no processo e consentimento para o trabalho com seus filhos; (3) visita na escola, quando se busca ter impressões sobre a cultura e o clima escolares; (4)

condução do mitodrama, feita em 12-15 sessões semanais de duas horas a duas horas e meia de duração, com 10-12 alunos selecionados a partir das etapas anteriores e três psicoterapeutas com conhecimento do Mitodrama; (5) encontros periódicos com professores; (6) acompanhamento ao longo de três meses depois do fim das sessões; e finalmente, (7) encontro com pais e professores para discussão da situação escolar e contraste com os problemas iniciais. Foram realizados estudos clínicos de efetividade desta intervenção (Al-Samarrai, 2012; Guggenbühl, Hersberger, Rom e Boström, 2006; Tiabashvili, Mirtskhulava e Japaridze, 2018).

Stephenson (2013), psicodramatista e analista junguiano atuante em Nova Iorque, organizou artigos de diversos autores abordando a aproximação entre Jung e Moreno. Embora o autor seja norte-americano, foi categorizado aqui por representar o psicodrama junguiano realizado em Zurique. Essa tradição no psicodrama junguiano vem do trabalho de um casal, Helmut e Ellynor Barz, que coordenou um pequeno instituto de formação em psicodrama localizado nos arredores do Instituto C. G. Jung. Esse casal inspirou o desenvolvimento de toda uma geração de psicodramatistas junguianos. Compreendendo o psicodrama como experiência introspectiva, conduziam a sessão de acordo a essa perspectiva. Uma das propostas consistia em circular no aquecimento com o protagonista em sentido horário no centro do grupo e, depois da dramatização, circular em um sentido anti-horário, ritualisticamente. Este elemento foi inspirado na exploração do formato circular do palco psicodramático descrita em Moreno, Rutzel & Blomkvist (2001) e no uso do solilóquio (Moreno, 1975) durante o aquecimento, representando, ao usar os sentidos horário e anti-horário, a introspecção do protagonista para o trabalho dramático e, posteriormente, a volta para o contexto grupal.

3.3.4 Espanha

Na Espanha, Zabala (2009; 2012; 2019; 2020) criou o que denomina de *psicodrama simbólico*. O psicodrama simbólico constitui-se como intervenção estruturada, que se baseia em doze contos de fadas que, para a autora, são fundamentais para a educação simbólica na infância. A escolha dos contos foi realizada com base em sua pesquisa acerca dos contos de fadas e simbolismo psíquico. Estes doze contos são aplicados sequencialmente em escolas - constituindo-se como uma intervenção adequada para o contexto institucional no diálogo entre metodologias educacionais de desenvolvimento emocional e educação em valores. O trabalho foi desenhado e estruturado em três fases: (1) imersão, quando se separam no conto de fadas elementos

essenciais de outros elementos que podem variar conforme diferentes versões do conto, (2) transformação, quando os atores são convidados a reconstruir dramaticamente o conto, realizando mudanças de modo livre ou por consignas e (3) criação, quando ocorre a possibilidade de criar cenas trabalhando com uma linguagem específica (dramática, por exemplo, mas também desenhos ou a contação de histórias), ou deixando aos participantes a livre escolha da sua linguagem. As expressões são consideradas simbólicas, podendo favorecer uma conexão com as vidas dos participantes. Claramente, esta proposta possui uma influência da psicologia analítica por meio da importância dos contos de fadas para a estruturação psíquica, especialmente na infância, e no modo de trabalho com os contos, fazendo um diálogo com o psicodrama que permanece como a estrutura básica das sessões.

3.3.5 Itália

A Itália hoje pode ser considerada a região onde mais se desenvolveu o psicodrama junguiano. Em Turim existe um curso de formação, aprovado pela International Association of Analytical Psychology (IAAP) e pela International Association of Group Psychotherapy (IAGP), realizado no Institute of Analytical Psychology and Psychodrama (IPAP).

São muitas as publicações italianas sobre o assunto, entre as quais se destacam: Gasseau & Gasca (1991), Gasseau & Simonetto (1998), Michelini & Gasseau (2009), Gasseau & Bernardini (2011), Gasseau & Michelini (2012) e Gasca (2012). Diversos artigos têm ainda sido publicados e participações em eventos realizadas, tanto em eventos com maior ênfase na psicologia analítica (IAAP) quanto em psicoterapia de grupo (IAGP).

O psicodramatista junguiano, nesta leitura, é tanto psicodramatista quanto analista junguiano. Compreende-se esta interface por elementos singulares ao psicodrama junguiano, como a mitopoese, que pode ser definida como a potencialidade que todos têm de criar os seus próprios mitos, não ficando dependentes de mitos estabelecidos (como, por exemplo, os mitos gregos) para conseguir organizar o material emergente do seu inconsciente. Defende-se a liberdade de trabalho com o psicodrama, exercitado livremente sem afetações ou qualquer necessidade de modificar a sua estrutura básica para se aproximar da análise; entretanto, utilizando os mesmos conceitos e técnicas morenianos, reconhece-se a influência da psicologia analítica criando uma compreensão singular sobre o psicodrama. Dado que seria muito extenso para esta breve revisão

abordar cada ponto, remete-se ao texto de Gasseau & Gasca (1991) para um esclarecimento de seus pressupostos.

3.3.6 Alemanha

Em Berlim, Heidtke e Neumann-Schirmbeck (2014) relatam uma experiência com adolescentes na psiquiatria em que se aplica o psicodrama moreniano simultaneamente a sessões de análise individual. O psicodrama moreniano atua melhor, de acordo com os autores, no adolescente que acaba de chegar na instituição. Utilizam, assim, o psicodrama moreniano como uma estratégia grupal, fazendo, em paralelo, sessões analíticas individualmente, o que constitui uma estratégia terapêutica eficaz para o acolhimento institucional e de atendimento de adolescentes em psiquiatria.

3.3.7 França

Sheleen (1986) tem como foco o trabalho terapêutico com máscaras. Compreende sua intervenção como uma contribuição original ao teatro, denominando-a de Teatro Arquetípico ou Mitodrama. Integrando elementos do psicodrama e da psicologia analítica, não se identifica restritamente com nenhuma destas duas teorias. O pressuposto das máscaras no denominado Teatro Arquetípico considera que as máscaras estão presentes ao longo da história da humanidade, trazendo a possibilidade de criar e jogar com as máscaras como um modo de aproximar os atores de uma experiência coletiva. Realiza sua intervenção em três etapas: (1) criação de máscaras e outros objetos simbólicos, quando os participantes são convidados, de olhos vendados, a trabalhar com materiais artísticos na criação de objetos que serão depois utilizados na dramatização; (2) criação de jogos teatrais baseados no gesto e de imagens, quando os participantes são convidados a jogar com o gesto teatral, usando as máscaras e outros objetos simbólicos; e (3) nomeação e elaboração das fases anteriores, quando os participantes são convidados a falar sobre as vivências realizadas nas etapas anteriores. Essa intervenção é bastante original e contempla aspectos do psicodrama, especialmente a espontaneidade, improvisação e o uso de objetos simbólicos na dramatização, bem como da psicologia analítica, especialmente o simbolismo arquetípico, atitude de observação ativa durante a criação de objetos simbólicos e compreensão da atitude do ator na dramatização mediante as quatro funções psicológicas.

3.3.8 Estados Unidos

Shaffer (2019) funde em um método de pesquisa a imaginação ativa e a inversão de papéis. Tomando o palco e a pedra como símbolos do psicodrama, simbolicamente realiza, como pesquisadora implicada com o seu objeto de estudo, uma experiência em que os olhos e se imagina como estes dois elementos (palco e pedra), como uma espécie de pré-inversão. Registra por escrito seus pensamentos e sensações, observando ativamente a emergência de imagens durante essa experiência como pesquisadora. No uso da técnica de se colocar no lugar do palco e da pedra, simbolicamente, revela uma influência psicodramática; e, na observação ativa do que emerge na consciência, revela uma influência da psicologia analítica. A autora, cria, assim, um método imaginal que funde elementos do psicodrama e da psicologia analítica.

3.4 Modos de aproximação entre Jung e Moreno: uma leitura crítica da produção escrita no psicodrama junguiano

Podemos localizar inicialmente na literatura dois grandes modos de aproximação entre Jung e Moreno: (1) aproximações teórico-práticas e (2) psicodrama analítico.

Pode-se partir da busca de similitudes entre autores, originando aproximações teórico-práticas nas quais a convergência ocorre pelo uso de recursos importantes da psicologia analítica no psicodrama, ou ainda realizar um paralelo entre conceitos dessas duas teorias. Como postula Ramalho (2002), tanto o psicodrama quanto a psicologia analítica são abordagens de base fenomenológica; assim, certamente, serão encontradas aproximações teórico-práticas.

Em contrapartida, ao invés de procurar uma convergência entre as duas teorias, se podem tomar elementos delas para realizar uma leitura acerca de experiência psicodramática, inovando no seu modo de condução. São propostas ricas e, longe de representarem um mero ecletismo, tornam-se contribuições singulares para a composição de um arsenal psicodramático.

Dentre as aproximações teórico-práticas, o principal destaque a ser aprofundado nesta discussão reside numa busca pela equivalência de termos. Encontra-se na literatura uma tentativa de aproximação dessas duas teorias considerando os termos de uma como equivalentes a termos da outra, e.g., equivalência entre os conceitos de persona e de papel. Embora possam ter semelhanças - especialmente quando se busca compreender a experiência psicodramática pelas lentes da psicologia analítica -, há um cuidado epistemológico a tomar. Desconsiderar elementos importantes da visão de homem ou da construção conceitual dessas teorias arrisca resultar em redução de uma a outra, e.g., se o

conceito de papel, como compreendido por Moreno, e o conceito de persona, em Jung, são tomados como equivalentes, perde-se a construção lógica destes dois conceitos, os quais, apesar de terem aproximações bastante significativas (como no aspecto de que tanto papel quanto persona são anteriores ao sujeito), têm modos distintos para chegar em tal elaboração conceitual (e.g., o papel, em Moreno, antecede o sujeito porque se desenvolve em relação a um contrapapel de outro sujeito, ao passo que, em Jung, a persona antecede o indivíduo, pois é segmento da psique coletiva). Os conceitos das duas teorias não podem ser tidos como equivalentes, pois essas teorias têm fundamentos epistemológicos distintos; assim, um eventual diálogo conceitual precisa ser considerado como um paralelo, com cada olho focado em uma posição epistemológica, sem ser um sistema de equivalências. Um diálogo mais efetivo entre essas duas abordagens poderá ser efetuado no campo da experiência fenomenológica.

Dentre as aproximações práticas, vale organizar os recursos da psicologia analítica que foram introduzidos na prática psicodramática, tais como sonhos, caixa de areia, ou contos de fadas, pelos seguintes autores:

- (1) Trabalho com mitos, Guggenbühl (1991, 1992, 1999) e seus estudos clínicos (Al-Samarrai, 2016; Guggenbühl *et al.*, 2006; Tiabashvili *et al.*, 2018) e Maciel (2000);
- (2) Trabalho com máscaras, Sheleen (1983) e Oliveira (2013);
- (3) Trabalho com contos de fadas, Corumbá & Ramalho (2008) e Zabala (2009; 2012; 2019; 2020);
- (4) Trabalho com o corpo, Benedito (2002);
- (5) Trabalho com a caixa de areia, Ramalho (2010);
- (6) Trabalho com os sonhos, Gasseau & Bernardini (2011);
- (7) Trabalho concomitante com sessões em grupo de psicodrama e sessões individuais de psicologia analítica, Heidtke & Neumann-Schirmbeck (2014).

Um ponto importante a ser discutido constitui-se na originalidade dessas contribuições. Quando se considera a contribuição de Ramalho (2010), por exemplo, distingue-se mais claramente quais elementos remetem à influência analítica (presente no uso da técnica caixa de areia) e quais remetem ao psicodrama (representado na ação dramática); entretanto, em outras propostas – como Sheleen (1983), Gasseau & Gasca (1991), Menegazzo (1994), Guggenbühl (1991, 1992, 1999) e Zabala (2009; 2012; 2019; 2020) –, distinguem-se menos claramente estes limites. Inclusive, alguns deles introduzem novos elementos a ambas as teorias; a originalidade de tais contribuições pede o reconhecimento da sua singularidade.

Nestas propostas, a psicologia analítica não entra no psicodrama apenas como uma ferramenta de análise *a posteriori* ou numa mescla de técnicas de ambas as teorias – mas traz, em contraponto, uma compreensão singular do psicodrama. Dialogando pelas vias do mito e da magia (Menegazzo, 1994) e da mitopoese (Gasseau & Gasca, 1991), realiza-se a seguir uma proposta que aproxima a psicologia analítica do psicodrama por esta via analítico-compreensiva.

3.5 Psicodrama e simbolização

Moreno escreveu pouco sobre simbolização. Cukier (2002) indica uma ocorrência para o termo *simbolização*, quando Moreno (1999, p. 352), referindo-se ao trabalho com aqueles que tinham dificuldade na dramatização, descreveu que: “Nem sempre a ação é essencial ao psicodrama. Dá-se igualmente lugar de destaque à simbolização.”. Cukier (2002) indica outras duas ocorrências para o termo *técnica simbólica*: (1) quando Moreno (1975) define um método que, partindo de uma produção simbólica, propõe eliminar um possível receio de envolvimento pessoal na dramatização; e (2) quando Moreno (1999) sugere a dramatização de um conto de fadas, com o intuito de conseguir que os mais resistentes dramatizem (usa o termo *resistência* em sentido diferente da psicanálise, qual seja, como uma dificuldade relacionada ao desempenho do papel dramático). Recentemente, outras aplicações em contos foram exploradas, e.g., aquecimento (Lopes & Dellagiustina, 2017), efetuando diálogos com personagens de livros (Psalti, 2015), no psicodrama simbólico (Zabala, 2009; 2019; 2020) ou com o desenvolvimento da técnica da realização simbólica (Soliani, 1998).

Considerando que a simbolização tem papel de destaque para Moreno, o conceito foi pouco esclarecido por ele, que deixou esta noção a ser posteriormente desvendada. Como muitos de seus conceitos, a noção de simbolização permite ser lida e compreendida pelo arsenal teórico do psicodramatista, que, tendo uma experiência pessoal no psicodrama, pode compreendê-la sob diferentes lentes. Assim, mesmo que o sentido do termo *simbolização* permaneça distinto no psicodrama e na psicologia analítica, propõe-se uma aproximação com o intuito de uma composição – e não sobreposição – da simbolização nestas duas teorias.

Jung (2013; 1960) considera que a simbolização restabelece o fluxo de energia psíquica, restabelecendo a dinâmica entre consciente e inconsciente; a ausência de simbolização corresponderia ao sintoma – entendido como uma alteração no fluxo de energia psíquica. O símbolo apreende eventos, memórias, e afetos vinculados à história

de vida do sujeito, assim como fantasias espontâneas, apontando sentidos conhecidos e outros ocultos. Assim, o símbolo é aberto, não fica reduzido ao determinismo de significados únicos, mas é revelado de acordo com as associações dos indivíduos. Para ser um símbolo vivo, tem como requisito principal a possibilidade de representar algo para alguém.

Fora a *técnica simbólica*, descrita anteriormente, na teoria moreniana não existe definição precisa de simbolização. Tomando como referência a técnica simbólica, utiliza-se meios indiretos para que o participante obtenha *insights dramáticos* sem que precise se confrontar em cena com eventos de sua história de vida e, posteriormente, refletindo no compartilhamento sobre a experiência de estar em cena, pode integrar essa experiência. Compreende-se que o simbólico, na teoria moreniana, refere-se mais à técnica simbólica descrita por Moreno (1975); ao passo que, na psicologia analítica, a simbolização é um processo criativo em que dinamicamente entram em diálogo aspectos conscientes e inconscientes, tendo em vista uma conexão entre estes aspectos, que é feita no símbolo. Se a noção moreniana de simbólico é ampliada pelas noções de símbolo e de simbolização presentes na psicologia analítica, compreende-se que a simbolização não se trata somente de uma técnica dramática, mas de um processo criativo, que pode ser observado na sessão de psicodrama por meio do percurso realizado pelos participantes para chegar a um insight dramático.

Considerando que, no psicodrama, a simbolização é realizada em processo na ação dramática, propõe-se a seguir uma aproximação entre psicodrama e psicologia analítica pelo caminho do ritual e da mitopoese. O emprego de simbolização se faz presente em trabalhos como o de Menegazzo (1994), correspondendo ao ritual, e Gasseau & Gasca (1991), na mitopoese. A seguir são explorados estes dois trabalhos, considerados importantes na construção de um diálogo entre psicodrama e psicologia analítica.

3.5.1 Ritual

O aspecto ritual no psicodrama foi explorado por Menegazzo (1994). O psicodrama, nesta visão, atua na transição da *consciência mágica*, que localiza as problemáticas sociais nos indivíduos (reconhecidos como bodes expiatórios), para a *consciência mítica*, que simboliza esses conteúdos a partir do referencial dramático. O psicodramatista tem, assim, um papel fundamental na sociedade, na medida em que atua na construção de saídas simbólicas para o sofrimento.

Jung (1988) atribui aos símbolos dimensões individuais e também culturais. O reconhecimento da formação do símbolo como uma construção social é realçado por Colman (2016). O autor ressalta a importância dos rituais como eventos coletivos onde ocorre a apreensão individual de valores coletivos, em estado pré-simbólico, e a transmissão social do símbolo para outros indivíduos, e.g., em eventos esportivos, em que ocorre a transmissão de valores e regras quando cada jogador participa de uma modalidade esportiva, na qual o ritual é o próprio jogo.

De um modo análogo, e como em outras modalidades de teatro, uma exploração do símbolo acontece pelo próprio ritual psicodramático, afastando-se a necessidade de interpretação na dramatização. Essa exploração é possibilitada no psicodrama por aquilo que se entende por realidade suplementar. Moreno (1999) descreve a realidade suplementar como *experiência nova e alargada da realidade*; no entanto, foi Zerka Moreno quem desenvolveu mais esse conceito. Sucintamente, pode-se definir dentro dos escritos desta autora a realidade suplementar como domínio quase místico e alquímico, em que se desfaz uma separação entre consciente e inconsciente (Moreno *et al.*, 2001). Na prática clínica, pode-se perceber essa realidade suplementar como um clima quase onírico que toma conta do ambiente depois da sessão de psicodrama, quando a interação entre os participantes adquiriu uma qualidade simbólica que, ao mesmo tempo que se distancia de uma representação concreta ou literal, possibilitou entre eles um compartilhamento de sentidos que os aproxima uns dos outros, por meio da experiência dramática.

3.5.2 Mitopoese

Descrevendo a técnica simbólica, Moreno (1975) indica o uso de narrativas simbólicas no trabalho dramático, como os contos. Nessa técnica, o *insight* dramático acontece quando os atores se reconhecem enquanto estão desempenhando um papel de um conto, por exemplo, o qual, simbolicamente, remete aos seus conflitos pessoais. A referência para construção de uma noção de mitopoese parte desta técnica simbólica.

A abrangência da mitopoese foi apresentada por Gasseau & Gasca (1991). Compreende-se a mitopoese como a possibilidade que o psicodrama tem para criação de mitos (*poese* significando *criação*). Toda produção simbólica no psicodrama – como a dramatização ou os desenhos – tem a possibilidade de ser compreendida como um mito. Contemporaneamente, os mitos são entendidos também como narrativas (Palomo, 2017). Quando – semelhante à técnica simbólica de Moreno (1975) – um ator em cena reconhece

nela o seu conflito pessoal, abre-se a possibilidade de releitura da situação relacionada a este conflito pessoal. Esta releitura, que foi compreendida por Palomo (2017) como *reinvenção de si*, permite que o ator se torne outro, ou seja, que algo para ele se transforme na experiência psicodramática. Percebendo as cenas criadas na sessão como narrativas míticas, intenciona-se trazer uma possibilidade de que o ator organize esse material com base em sua visão de mundo, ou seja, aqui, o termo mito não remete apenas aos mitos antigos ou a versões contemporâneas, presentes em filmes ou na literatura, mas à capacidade humana de organizar o material inconsciente na forma de histórias que são contadas livremente e que desenham o mito pessoal.

A especificidade de considerar a dramatização como uma narrativa mítica consiste no fato de que ela tem estrutura. No teatro improvisado, não se coloca necessariamente uma estrutura *a priori*, mas reconhecem-se estruturas narrativas que poderão ser aprofundadas para compreender simbolicamente o que emergiu desta experiência. Diversos modelos estão disponíveis para a compreensão do psicodramatista, e.g., arco dramático de Aristóteles (2015) ou a Jornada do Herói de Campbell (1989; 2014); dentre estes modelos, compreende-se que a estrutura narrativa dos sonhos de Jung (2012) permite a consideração do inconsciente dentro de uma estrutura dramática com sucessivas etapas: (1) exposição, (2) desenvolvimento da ação (enredo), (3) culminação ou peripécia e (4) lise, solução ou resultado. Jung (2012) visava por meio do desenvolvimento desta estrutura narrativa dos sonhos compreender o sonho como uma expressão inconsciente, possibilitando a ampliação da consciência (via compensação e complementaridade). Considerando que, muitas vezes, na sessão psicodramática, o psicodramatista convida os atores a sonharem acordados, essa estrutura pode auxiliar a compreensão dos aspectos simbólicos expressos na narrativa mítica. A compreensão dessa narrativa mítica constitui um passo posterior à dramatização. O psicodrama, baseando-se no *insight* dramático, não interpreta narrativas; a compreensão da narrativa se efetua, pelo *insight* dramático, na própria ação dramática. Entretanto, a leitura *a posteriori* da dramatização sob um aspecto simbólico pode revelar atitudes em cena que igualmente estão presentes no cotidiano, sendo também possível efetuar uma conexão da narrativa pessoal com histórias contadas nas distintas sociedades através dos tempos.

3.6 Considerações sobre a influência da psicologia analítica no psicodrama

A produção sobre o psicodrama junguiano encontrou pouca difusão no Brasil, apesar de presente. Em outros países, como Suíça e Itália, essa produção tem sido mais

intensa: atualmente, conta-se com um curso de formação na Itália, que de certo modo deu continuidade ao curso de Zurique, na Suíça. Outros cursos integrando estes dois pensamentos foram propostos, e.g., psicodrama simbólico (em Madri, Espanha), caixa de areia (em Aracaju, Brasil) e de psicoterapia de casal (em São Paulo, Brasil). Esta difusão das diferentes propostas de psicodrama junguiano no mundo acontece conforme os psicodramatistas se apropriam do pensamento analítico e dos seus recursos e podem então efetuar a construção de propostas originais nesta interface. A originalidade das propostas talvez caracterize o psicodrama junguiano como contemporâneo, em que as diversas influências são possíveis na medida em que formam unidades teórico-práticas que poderão ser agrupadas por afinidades. Não existe uma característica única que permita o reconhecimento do psicodrama junguiano, mas diversas propostas com características que confluem no que se pode entender por psicodramas junguianos. Considerando que Moreno (1975) estimula o uso do psicodrama de maneiras diferenciada, entende-se que essas propostas de aproximação pertençam ao campo do psicodrama.

A produção bibliográfica apresentada neste artigo, apesar de muitas vezes ser antiga, pode ser reconhecida hoje em congressos e eventos sobre o assunto. A atividade do psicodrama junguiano, especialmente na Itália, continua ativa, o que demonstra a pertinência deste pensamento diante da necessidade de produção de sentido para problemáticas e demandas contemporâneas. Acredita-se que a sua influência possa aumentar na medida em que a comunidade psicodramática compreenda melhor essa proposta de aproximação e a sua relevância prática.

Pode-se dizer que a influência junguiana no psicodrama, ao tratar da confluência dessas abordagens, afeta tanto uma leitura *a posteriori*, sob uma perspectiva analítico-compreensiva da experiência psicodramática, como adquire uma possibilidade de instrumentalizar novas modalidades de trabalho psicodramático, com a incorporação de elementos como introspecção, recursos imagético-simbólicos e narrativas mitopoéticas. A perspectiva de psicodrama junguiano realçada no presente artigo é embasada no processo de transformação do mito pessoal, entendido como uma narrativa de si, que pode ser transformada na experiência psicodramática. Pelo insight dramático, são buscadas respostas aos conflitos em cena, abrindo possibilidades criativas de enfrentamento. O palco torna-se um *locus* de transformação, conforme as histórias de vida são simbolizadas e, portanto, ele também pode ser simbolizado: o palco *age* como um continente para o ritual dramático, favorecendo a exploração simbólica e o desenvolvimento de visões renovadas sobre a própria história de vida.

Referências Bibliográficas

- Al-Samarrai, L. (2012). Evaluation of Mythodrama Intervention among Middle School Students. In *ProQuest LLC*. Institute for Clinical Social Work.
- Aristóteles. (2015). *Poética* (1ª edição). Editora 34.
- Beach, C. (2013). Junguiano psychodrama. In C. E. Stephenson (Org.), *Jung and Moreno: Essays on the theatre of human nature* (1ª edição). Routledge.
- Benedito, V. L. D. I. (2002). Abordagem simbólica do conflito conjugal: O corpo em cena. *Junguiana*, 20, 87–94.
- Campbell, J. (1989). *O Herói de Mil Faces* (1ª edição). Pensamento.
- Campbell, J. (2014). *O poder do mito* (30ª edição). Palas Athena.
- Casarin, S. T., Porto, A. R., Gabatz, R. I. B., Bonow, C. A., Ribeiro, J. P., & Mota, M. S. (2020). Tipos de revisão de literatura: Considerações das editoras do Journal of Nursing and Health / Types of literature review: considerations of the editors of the Journal of Nursing and Health. *Journal of Nursing and Health*, 10(5), Article 5. <https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>
- Colman, W. (2016). *Act and Image: The Emergence of Symbolic Imagination*. Spring Journal, Inc.
- Corumbá, R., & Ramalho, C. M. (2008). *Descobrimos enigmas de heróis e contos de fadas: Entre a psicologia analítica e o psicodrama*. Profint.
- Fonseca, J. (2008). *Psicodrama da loucura: Correlações entre Buber e Moreno* (Edição revista). Ágora.
- Fonseca, J. (2010). *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo* (Edição revista). Ágora.
- Gasca, G. (2012). *Lo psicodramma gruppoanalitico*. Cortina Raffaello.
- Gasseau, M., & Bernardini, R. (2011). *Il sogno. Dalla psicologia analitica allo psicodramma junghiano*. Franco Angeli.
- Gasseau, M., & Gasca, G. (1991). *Lo psicodramma junghiano*. Bollati Boringhieri.
- Gasseau, M., & Michelini, S. (2012). *L'incontro terapeutico con il paziente psicotico. Nello spazio intersoggettivo del gruppo*. Franco Angeli.
- Gasseau, M., & Simonetto, A. (1998). *Ricerca e formazione nel lavoro clinico con gruppi*. Tirrenia Stampatori.

- Green, B. N., Johnson, C. D., & Adams, A. (2006). Writing narrative literature reviews for peer-reviewed journals: Secrets of the trade. *Journal of Chiropractic Medicine*, 5(3), 101–117. [https://doi.org/10.1016/S0899-3467\(07\)60142-6](https://doi.org/10.1016/S0899-3467(07)60142-6)
- Guerra, E. M. (2008). A técnica psicodramática da “concretização” e suas relações com o desenvolvimento humano. *Ciência & Cognição*, 13(1), 114–130.
- Guggenbühl, A. (1999). *Das Mythodrama*. IKM Guggenbuehl AG Edition Raben-Reihe, Monika Menne.
- Guggenbühl, A., Hersberger, K., Rom, T., & Boström, P. (2006). *Helping Schools in Crisis: A Scientific Evaluation of the Mythodramatic Intervention Approach in Swiss and Swedish Schools*. IKM Guggenbühl AG.
- Hillman, J., Barcellos, G., Capriotti, L., Lima, A. de A., & Sandoval, E. de M. (2010). *Ficções que curam: Psicoterapia e imaginação em Freud, Jung e Adler* (1ª edição). Verus.
- Jacoby, M. (2011). *Encontro analítico: Transferência e relacionamento humano*. Vozes.
- Jung, C. G. (2012). *Ab-reação, análise dos sonhos e transferência Vol. 16/2: Psicoterapia - Parte 2: Volume 16* (9ª edição). Editora Vozes.
- Jung, C. G. (2013). *Tipos psicológicos (OC Vol. 6)* (7ª edição). Editora Vozes.
- Kalff, D. M., Turner, B. A., & Kalff, D. M. (2004). *Sandplay: A Psychotherapeutic Approach to the Psyche*. Temenos Press.
- Lopes, I., & Dellagiustina, M. (2017). Psicoterapia infantil mediada por contos infantis: Estudo de caso na perspectiva do Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 25(1), 28–37. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20170004>
- Maciel, C. (2000). *Mitodrama*. Ágora.
- Menegazzo, C. M. (1994). *Magia, mito e psicodrama* (1ª edição). Editora Ágora.
- Michelini, S., & Gasseau, M. (2009). *Psicoterapia di gruppo nel servizio psichiatrico di diagnosi e cura. Il lavoro delle parole nello spazio transizionale del gruppo*. Franco Angeli.
- Moreno, J. L. (1914). *Einladung zu einer Begegnung*. Commissionsverlag.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama* (1ª edição). Cultrix.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama* (Vols. 1, 2 e 3). Dimensão Editora.
- Moreno, J. L. (1999). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Livro Pleno.
- Moreno, Z., Rutzel, T., & Blomkvist, L. D. (2001). *A realidade suplementar e a arte de curar* (1ª). Ágora.

- Neumann, E. (1990). *História da Origem da Consciência* (5ª edição). Cultrix.
- Oliveira, M. M. T. (2013). O Poder da máscara no Psicodrama: A sombra e a luz. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 21(1), 183–191.
- Palomo, V. (2017). Psicoterapia: Um ritual de reinvenção de si. In E. C. Souza & M. H. M. B. Abrahão (Orgs.), *Tempos, narrativas e ficções: A invenção de si* (1ª edição). EDIPUCRS.
- Psalti, I. S. M. (2015). Psicodrama intuitivo antes de Moreno: Conto de Natal de Dickens. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 23(2), 42–54. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20150006>
- Quilici, M. A. I. (2009). *Dramatização espontânea e psicologia analítica de Jung: Consideração da sombra em um grupo de psico-sociodrama* [Text, Universidade de São Paulo]. <https://doi.org/10.11606/D.47.2009.tde-11082009-080205>
- Ramalho, C. M. (2002). *Aproximações entre Jung e Moreno*. Ágora.
- Ramalho, C. M. (2016). Cores e tintas da tela psicodramática: Onde Moreno e Jung se encontram. In L. Gottlieb & S. Perazzo (Orgs.), *Psicodrama—Apontamentos e criação* (p. 200). FiloCzar.
- Ramalho, C. M. R. (2010). Sandplay psicodramático—Um jogo na interface do psicodrama com a psicologia analítica. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2), 107–117.
- Sechehaye, M. A. (1947). *La réalisation symbolique: Nouvelle méthode de psychothérapie appliquée à un cas de schizophrénie*. H. Huber.
- Sechehaye, M. A. (1956). Le transfert dans la réalisation symbolique. *Rev. fr. psychanal.*, 479–493.
- Shaffer, S. D. (2019). *The Stage and the Stone: Psychodrama, Alchemy, and Jung* [Pacifica Graduate Institute]. <https://search.proquest.com/openview/6acf3a93919ec967d435fdb7a790f5bb/1.pdf?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- Sheleen, L. (1986). *Théâtre pour devenir... Autre*. EPI.
- Soliani, M. L. C. (1998). Realização simbólica e realidade suplementar. In R. F. Monteiro (Org.), *Técnicas fundamentais do psicodrama*. Ágora.
- Stephenson, C. E. (Org.). (2013). *Jung and Moreno: Essays on the theatre of human nature* (1ª edição). Routledge.

- Tiabashvili, T., Mirtskhulava, R., & Japaridze, M. (2018). Mythodrama group psychotherapy approach for adolescents with behavior difficulties. *Problems of Psychology in the 21st Century*, *12*, 95–102. <https://doi.org/10.33225/ppc/18.12.95>
- Vidal, G. P., & Cardoso, A. S. (2020). Dramatização on-line: Psicoterapia da relação e psicodrama interno no psicodrama contemporâneo. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *28*(2), 131–141.
- Zabala, I. H. (2009). El viaje del héroe a través de los doce cuentos. *Anamorphosis*, *7*, 86–92.
- Zabala, I. H. (2012). Lo psicodrama simbolico nel lavoro educativo in età evolutiva: Un modello di intervento che integra lo psicodramma moreniano con i principi della psicologia analitica junghiana. *Psicodramma Classico*, *XIV*(1–2).
- Zabala, I. H. (2019). La transformación a través del Psicodrama Simbólico. *La Hoja de Psicodrama*, *69*, 20–29.
- Zabala, I. H. (2020). *Educar en valores a través de los cuentos: Profundidades simbólicas*. Ariel Publisher.

4 ARTIGO 3 - Circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o Uso Problemático de Internet

O texto a seguir será apresentado como artigo de pesquisa original para revista científica. Em vista disto, Objetivos e Método estão inseridos neste capítulo.

4.1 Introdução

A circulação de nudes tem sido objeto de estudo no campo da ciberpsicologia, especialmente quanto ao uso de redes sociais. Apesar do termo *nude* não ser exatamente inovador, a prática de circulação de nudes continua corrente e possui particularidades que merecem ser pesquisadas com mais atenção. O instituto de pesquisa PoderData estimou que, em 2020, 5% dos brasileiros tiveram ou conhecem alguém próximo que teve seus nudes divulgados na Internet (*Nudes na Internet*, 2021); e a ONG SaferNet realizou, em 2020, 355 atendimentos que tinham como principal assunto a exposição de imagens íntimas, sendo o terceiro tópico mais abordado, seguindo problemas com dados pessoais (2° lugar) e saúde mental/bem-estar (1° lugar).

Para os fins desta pesquisa, parte-se da compreensão do termo *sexting* a partir de seu sentido etimológico, i.e., da união entre os termos *sex* (sexo) e *texting* (mensagens); compreende-se como *sext*, especificamente, a mensagem ou informação circulada, seja nas formas de texto, foto, vídeo ou outras; e, como o termo *nudes*, compreende-se as imagens enviadas no contexto do *sexting*. Apesar da importância do tema, as definições não têm uniformidade em pesquisas sobre o tema (Barrense-Dias, Berchtold, Surís e Akre, 2017) e a variabilidade desses termos prejudica a comparabilidade entre seus resultados, sugerindo os autores que a definição de *sexting* seja pesquisada junto aos participantes das pesquisas experimentais. Barrense-Dias *et al.* (2017) vêem quatro dimensões como importantes para compreender as diferentes definições utilizadas nos estudos:

- **Tipos de mídias:** são considerados texto, imagens e vídeo, sem se mencionar o áudio e encontrando maior prevalência em texto, especialmente quando comparado com as imagens.

- **Ações:** foram definidas duas formas de *sexting* de acordo com as ações: ativa (envolvendo as ações de criar, mostrar, postar, enviar ou encaminhar a terceiros) e passiva (envolvendo as ações de pedir, ser pedido ou receber), com 7.1% a 60%, contraposto a 2.5% a 27.6% de *sexting* ativo.

- **Modo de transmissão:** todos os estudos pesquisados definem sexting como atividade on-line, eletrônica ou virtual, usando a Internet e/ou dispositivos móveis (smartphones, computadores etc.), havendo distinção em alguns estudos entre os conteúdos postados e conteúdos enviados diretamente ao recipiente. Apenas um estudo faz distinção em mostrar presencialmente uma foto de si para outro, que, entretanto, atingiu apenas 1%.

- **Características sexuais:** foram encontrados múltiplos termos, com a maioria dos estudos utilizando os termos sext, sexting, sexy, sexualmente explícito, sexualmente relacionado, sexualmente sugestivo e conteúdo sexual; e alguns utilizando os termos nu (*nude*) ou desnudo (*naked*) e quase ou parcialmente nu (*nude*) ou desnudo (*naked*). Quando especificadas partes específicas do corpo, a frequência caiu de 2.5% para 1%.

Ao passo que na literatura internacional esse comportamento foi extensivamente pesquisado, pesquisas brasileiras ainda são escassas. Cardoso, Falcke e Mosmann (2019a; 2019b) relataram a exposição como a principal preocupação entre adolescentes e seus pais quanto ao *sexting*. Outros autores também problematizaram os efeitos do *sexting* no espaço escolar (Barros, Ribeiro e Quadrado, 2015), a presença de construções de gênero no *sexting* (Feitosa, 2020) e os efeitos do *sexting* no contexto esportivo universitário (Morão, 2017). Manoel, Lordello, Souza e Pessoa (2020), efetuando análise não sistematizada da literatura, constataram a escassez de pesquisas no Brasil e pedem novos estudos para evidenciar como essa prática se manifesta na realidade brasileira.

Não existem dados sobre a frequência de comportamentos relacionados aos nudes no Brasil. Comparativamente, Mori, Cooke, Temple, Ly, Lu, Anderson, Rash e Madigan (2020) encontraram recentemente, em pesquisas relatadas na literatura internacional, as seguintes frequências para adultos entre 18 a 29 anos (M = 20.3 anos): para envio de *sexts*, 38.3%, recebimento, 41.5%, envio e recebimento, 47.7%, compartilhamento com terceiros (sem consentimento), 15%, e, ter seu *sext* compartilhado (sem consentimento), 7.6%. Foram localizados como mediadores das frequências os fatores *gênero* (mulheres em geral têm mais *sexts* vazados) e *status relacional* (solteiros têm frequências maiores); e, conforme suas estimativas, nos últimos anos tem aumentado a frequência do *sexting*. Este aumento da frequência sugere que o *sexting*, como prática influenciada culturalmente, tem sofrido transformações, o que Weisskirch, Drouin e Delevi (2017) descrevem como *cultural shift*, quando o sexting deixa de ser considerado somente como prática de risco e passa a ser parte integrante dos relacionamentos.

Souza e Lordello (2021), revisando a literatura de sexting e violência de gênero, consideram o envio não solicitado de imagens e mensagens como assédio e encontram frequências maiores de vulnerabilidade entre aqueles que recebem imagens de modo não-solicitado, i.e., uso recente de substâncias, menor autoestima e abuso físico ou sexual. Evidenciam que a pressão para a prática do sexting acontece mais frequentemente com mulheres do que com homens. Por pressão, entende-se que o envio não solicitado tem consequência (intencional ou não) de pressionar o parceiro para corresponder a essa expectativa, devolvendo a mensagem recebida com outra mensagem de teor semelhante. Agrega-se a outras formas de pressão, como insistência do parceiro(a) ou a influência dos amigos. Curiosamente, uma das motivações que foram relatadas para essa prática foi exatamente a pressão de parceiros ou pares, o que sugere que o envio de nudes se constitui como uma prática de certo modo esperada ou até naturalizada dentro do contexto dos relacionamentos amorosos. Outras motivações mais relatadas para a prática foram: estar alcoolizado, desejo de correr riscos, curiosidade, enviar fotos como brincadeira, não compreender as fotos ou mensagens como *sexting*, chamar atenção, estar entediado, excitar outra pessoa, ser uma tendência entre jovens e influência de filmes.

Um tema objeto de investigação quando se trata de uso de Internet se refere ao que se entende por “uso problemático”, levantando-se a questão de haver ou não relação entre o uso problemático e a prática de sexting. Não foram encontradas pesquisas no Brasil sobre esta relação. Mas, a respeito de uso de Internet no Brasil, a pesquisa TIC Domicílio 2018 apontou que 70% da população tem acesso domiciliar à Internet. São 126,9 milhões de usuários apenas no Brasil. Destes, 97% acessam a Internet pelo celular e 56% apenas por ele (excluindo outras formas de acesso como computadores). Entre a faixa etária de 16 a 24 anos, são 54% acessando apenas pelo celular e, entre 25 e 34 anos, 52%, totalizando 98% entre ambas as faixas que utilizam apenas o celular ou o celular e o computador para acessar a Internet. Tais dados apontam para o alcance que o uso de Internet tem entre os jovens brasileiros, definindo a relevância desse estudo.

O Uso Problemático de Internet (UPI) foi descoberto em 1997 por Kimberly Young, quando relatou o caso de uma dona de casa que ingressou no serviço chamado de America Online (AOL) sem ter qualquer contato anterior com computadores, depois não realizando mais outras tarefas que habitualmente realizava e apenas operando no ambiente digital. O termo cunhado por ela foi *Internet Addiction*. Desde então, este padrão de uso, (podendo ser considerado um uso mais intensivo) da Internet tem sido discutido com controvérsia pela comunidade científica. Durante a década de 90, se relata

que foi publicado em fórum digital uma crítica contra a existência de uma adição em Internet - *post* que foi contestado por centenas de internautas, relatando um sofrimento associado ao modo como utilizam a Internet. Diante das dificuldades na caracterização deste sofrimento, precisa se reconhecer o sofrimento advindo de certos padrões de uso de Internet, sem patologizar propriamente esse uso - mesmo porque o UPI não se caracteriza somente pela simples quantidade de horas passadas na Internet, mas por outros critérios mais relevantes, como o FoMo (Fear of Missing Out). Atualmente, não se reconhece a existência de uma figura diagnóstica - exatamente pela dificuldade de caracterização.

Em 2019, a OMS reconheceu apenas o uso patológico de jogos digitais através da correlação com o critério diagnóstico de Jogo Patológico. Os estudos atualmente abrangem duas perspectivas: a dificuldade no reconhecimento do Uso Problemático de Internet como figura diagnóstica (embora exista a possibilidade da patologização de comportamentos relacionados ao uso de Internet com o advento desse diagnóstico), por um lado, e o reconhecimento do sofrimento presente em certos padrões no uso de Internet que estão associados a uma necessidade de atenção em saúde mental e, então, como descrevê-los. Destaca-se a afirmativa de Nicolaci-da-Costa (2002), sugerindo que os discursos sobre a tecnologia tendem a ver de modo negativo tudo que foge aos padrões de normalidade ou representa novidade para o comportamento social.

Ainda que existam essas limitações, o conceito de Uso Problemático de Internet é útil para o estudo de sofrimentos relacionados com uso de Internet e para um mapeamento de problemas encontrados neste uso. Importante mencionar – ressaltando que não se pode estabelecer uma relação de causa e efeito entre uso de Internet e sofrimento, mas de bidirecionalidade, ou seja, de uma influência mútua – comorbidades associadas ao Uso Problemático de Internet. Kuss e Lopez-Fernandez (2016) encontraram as seguintes associações em estudos que consideram comorbidades e análises de diagnóstico diferencial relacionadas ao Uso Problemático de Internet: TDAH (14% e 13.3%), Hipomania (7%), Ansiedade / Transtorno Generalizado de Ansiedade (15% e 7.5%), Transtorno de Ansiedade Social / Fobia Social (15% e 10%), Depressão Maior (30% e 3.5%), Distímia (7% e 26.7%), Transtorno de Personalidade Obsessivo Compulsiva (7%), Transtorno de Personalidade Borderline (15%), Transtorno de Personalidade Evitativa (14%), Transtorno Alimentar Compulsivo (2%), Personalidade Anti-social (40%), Outras adições (26.7% - 13.3% Jogo, 10% Álcool, 10% Maconha, 6.7% Nicotina e 3.3% Cocaína) e Transtorno Dismórfico Corporal (3.3%). A fim de obter uma aproximação do que indicaria a existência de um sofrimento associado a esse uso, recomenda-se uma

investigação do padrão de uso de Internet e do seu estado de saúde psíquica. Os padrões de uso de Internet constituem então o ponto de partida para uma compreensão de sujeito e dos seus modos de sofrimento.

Considerando a importância de se pesquisar um fenômeno atual de tanta difusão e a possibilidade de estar em parte associado a sofrimento psíquico, a presente pesquisa parte da pergunta de como são as práticas de circulação de nudes e quais os possíveis sofrimentos envolvidos neste comportamento, considerando uma faixa etária de 18 até 26 anos.

4.2 Objetivos geral e específicos

O objetivo geral é investigar práticas de circulação de nudes e possíveis sofrimentos considerando adultos brasileiros de 18 até 26 anos. São objetivos específicos: (a) mapear as práticas de circulação de nudes e suas motivações em amostra brasileira de 18 até 26 anos, (b) identificar se existe relação do Uso Problemático de Internet com esta prática, (c) a partir de um grupo online de psicodrama junguiano, identificar atribuições de sentido e possíveis sofrimentos nestas práticas.

4.3 Método

Como método de pesquisa utiliza-se o misto de triangulação concomitante, pelo qual o pesquisador coleta concomitantemente os dados quantitativos e qualitativos e depois compara os dois bancos de dados para determinar se há convergência, diferenças ou alguma combinação (Creswell, 2010). Foram participantes do estudo homens e mulheres de 18 até 26 anos que trocam nudes na Internet. Os critérios de inclusão foram: para a coleta quantitativa de dados, ter entre 18 e 29 anos e, para a coleta de informação qualitativa em grupo, (1) ter enviado, recebido e/ou compartilhado nudes, sendo suficiente uma resposta “Sim” para qualquer dessas perguntas no questionário online e (2) manifestação de interesse em participar da etapa qualitativa, sendo suficiente deixar o seu contato no campo correspondente ao final do questionário e instrumento on-line. Não foram estabelecidos critérios de exclusão específicos.

Foram utilizados os seguintes instrumentos: (1) Questionário on-line, elaborado pelo autor a partir de referências da literatura na área, que visa compreender comportamentos relativos ao sexting, e.g., enviar, receber, armazenar (nudes de si ou de outras pessoas) e compartilhar (com terceiros ou em grupos); os questionários mediram: frequência, motivação, pressão e avaliações de risco e de benefício, aplicadas em quatro comportamentos distintos: envio, recebimento, armazenamento e compartilhamento de nudes. (2) Teste de Dependência de Internet (TDI) ou Internet Addiction Test (Young, 1998) em sua versão em português (Conti, Jardim, Hearst, Cordás, Tavares e Abreu, 2012)⁷, aplicado em sua forma online e avaliado de acordo com normas de Young (1998) e Conti *et al.* (2012), e (3) Grupo de psicodrama⁸, utilizado nas vertentes on-line (Junqueira, 2020; Vidal e Castro, 2020; Cardoso Jr., 2021) e incluindo uma abordagem junguiana. Foram utilizadas algumas técnicas psicodramáticas descritas em Cruz *et al.* (2018) - e.g., solilóquio, duplo, espelho –, bem como a realização simbólica (Sechehaye, 1947, 1956; Soliani, 1998).

Como procedimento foram coletados dados quantitativos a partir do questionário e do TDI e informações qualitativas a partir do grupo de psicodrama junguiano, ao qual foi aplicada uma análise de discurso (Bardin, 2011). O procedimento foi realizado em modalidade on-line. Para o questionário, os participantes foram recrutados em redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram e outras) e por e-mail, usando a metodologia de Bola de Neve, em que cada participante indica outros cinco. Usando o Google Forms, foi aplicado o questionário, seguido do Teste de Dependência de Internet. Para o grupo online, foram convidados aqueles participantes do questionário que estavam dispostos a participar de uma oficina online. Inicialmente, havia 32 participantes que declararam seu interesse na oficina ao final do questionário online; destes, 7 responderam à segunda chamada, que foi efetuada por e-mail, resultando em 2 participantes que compareceram efetivamente ao encontro online.

A sessão psicodramática foi planejada em geral conforme as três etapas de Moreno (1975; 1946): (1) Aquecimento, em que se convidou os participantes ao jogo Batizado Mineiro, consistindo em cada um em sua vez dizer o seu nome e fazer um gesto, com entonação, realizando todo o grupo logo em seguida a repetição do nome e gesto,

⁷ O TDI foi validado para o uso na população brasileira por Conti *et al.* (2012) e seu uso foi autorizado nesta pesquisa por mensagem eletrônica.

⁸ O psicodrama centrado no protagonista foi validado para o trabalho com a dependência em Internet por Kooraki, Yazdkhasti, Ebrahimi e Oreizi (2012).

utilizando a mesma entonação (Aquecimento Inespecífico), sendo em seguida realizada uma fantasia dirigida (Fonseca, 2010), em que os participantes foram convidados a fecharem os olhos e, como um filme, visualizarem situações vivenciadas anteriormente em que trocaram nudes e, depois, contarem para o grupo uma dessas histórias (Aquecimento Específico); (2) Dramatização, escolhendo uma das histórias para ser dramatizada pelo grupo, sendo utilizadas as técnicas psicodramáticas descritas em Cruz *et al.* (2018), bem como a realização simbólica (Sechehaye, 1947, 1956; Soliani, 1998) e incluindo o nude como personagem em cena; (3) Compartilhamento, em que se convidou os participantes a contar como foi sua experiência de estar em cena na história escolhida; e (4) Processamento simbólico, etapa não prevista em Moreno (1975; 1946), adicionada para um processamento simbólico da experiência de ter dramatizado o nude (Wahba, 2019), evocando nos participantes uma imagem que representa para eles o nude e perguntando o que se transformou nesta experiência.

Para a análise dos dados quantitativos foi realizada correlação estatística de dados relevantes com a variável independente do resultado do Teste de Dependência de Internet. Foram analisados os dados quantitativos pelo programa IBM SPSS versão 25. Foi adotado o nível de significância de 0,05. As variáveis categóricas foram apresentadas em frequência e percentagem, enquanto variáveis numéricas foram apresentadas pela média e desvio-padrão. Realizou-se análise da correlação de Spearman entre as variáveis numéricas ou ordinais. A interpretação do tamanho do efeito foi realizada conforme proposto por Evans (1996): muito fraca (de 0,00 a 0,19); fraca (de 0,20 a 0,39); moderada (de 0,40 a 0,59); forte (de 0,60 a 0,79) e muito forte (de 0,80 a 0,99). Quanto à análise de informações qualitativas, perguntas abertas do Questionário foram analisadas em categorias e, na sessão de psicodrama, foram transcritas as histórias contadas nas cenas dramatizadas, após o qual foi realizada análise temática e simbólica.

A pesquisa foi realizada de acordo com os requerimentos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos preconizados pela Resolução CONEP 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, pela Resolução CNS/MS 510/2016 e pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP. A parte online de recrutamento foi amparada nas Resoluções n° 466 e n° 510. A pesquisa encontra-se aprovada na Plataforma Brasil sob o n° CAAE 37145820.3.0000.5482⁹.

⁹ O projeto de pesquisa foi apresentado na Plataforma Brasil sob o título “Corpos líquidos: circulação de nudes em jovens usuários de redes sociais e o Uso Problemático de Internet”.

4.4 Resultados

Apresentam-se a seguir os principais resultados do questionário online e da sessão de psicodrama junguiano.

4.4.1 Resultados quantitativos

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra

Variável	Resultado
Idade [M (DP)]	22,9 (2,4) anos
Escolaridade [n(%)]	
Ensino médio completo	57 (60,6%)
Superior completo	31 (33,0%)
Pós-graduação completa	6 (6,4%)
Gênero [n(%)]	
Feminino	62 (66,0%)
Masculino	31 (33,0%)
Não binário	1 (1,0%)
Orientação sexual [n(%)]	
Bissexual	31 (33,0%)
Heterossexual	37 (39,3%)
Homossexual	19 (20,1%)
Outros	7 (7,6%)
Em relacionamento amoroso [n(%)]	44 (46,8%)
Duração do relacionamento [n(%)]	
Até 12 meses	8 (8,5%)
de 1 a 2 anos	12 (12,8%)
Mais que 2 anos	24 (25,5%)

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

A amostra constitui-se pela idade média de 22,9 (DP = 2,4) anos, dos quais 60,6% são formados no ensino médio, 33% formados no ensino superior e 6,4% formados em pós-graduação. Quanto ao gênero, 66% são mulheres, 33% são homens e 1% não-binário. A orientação sexual é em sua maior parte não heterossexual (60,7%), com porcentagem

de 33% bissexual, 20,1% homossexual, 7,6% Outros, e 39,3% heterossexuais. 46,8% estão atualmente em relacionamento, com duração em sua maioria de mais que 2 anos (25,5%), seguido de 1 a 2 anos (12,8%) e até 12 meses (8,5%). A tabela não possui o dado de quem não está em relacionamento, pois é um dado dicotômico.

Considerando o status relacional, 44 participantes (46,8%) encontram-se atualmente em relacionamento amoroso. A duração do relacionamento foi em geral maior que dois anos: dentre os participantes, 24 (25,5%) estão atualmente em relacionamento de mais que 2 anos, 12 (12,8%) entre 1 e 2 anos e somente 8 (8,5%) com duração inferior a 1 ano. 72 (76,6%) já esteve em relacionamento, com duração maior que 2 anos para 30 participantes (41,7%), menor que 1 ano para 26 participantes (36,1%) e entre 1 e 2 anos para 16 participantes (22,2%).

Quando ao modo como os nudes são definidos pelos participantes do estudo, a maior parte compreende o nude como foto ou imagem com conteúdo sensual. A finalidade (sexual ou não) não tem um peso tão grande para a definição desta foto ou imagem como um nude. Quando considerada a totalidade dos participantes, compreende-se os nudes, abrangentemente: (1) sob aspecto do meio, como fotos, imagens, GIFs ou vídeos, (2) sob aspecto do conteúdo, como sensual ou explícito, e (3) sob aspecto da finalidade, como sexo (i.e., para um encontro sexual ou autoestimulação) ou intimidade (i.e., para a sensação de estreitamento de um vínculo amoroso).

Os três aplicativos mais utilizados nos últimos 30 dias foram: para envio, WhatsApp (n=39, 36%), Instagram (n=23, 21%) e Grindr (n=14, 13%) para recebimento, WhatsApp (n=45, 48%), Instagram (n=28, 30%) e Grindr (n=14, 15%); recebimento de nudes não-solicitados, Instagram (n=16, 17%), Grindr (n=15, 16%) e WhatsApp (n=11, 12%); compartilhar nudes com terceiros, WhatsApp (n=13, 14%), Grindr (n=3, 3%) e Instagram (n=2, 2%); e, compartilhar nudes em grupos, WhatsApp (n=5, 5%), Facebook (n=2, 2%) e Telegram (n=2, 2%).

Para a descrição dos resultados, considera-se como comportamentos: (E/R) envio e recebimento de nudes, o envio ou recebimento direto de outra pessoa, (AT) armazenamento de terceiros, salvar nudes de outras pessoas (sejam recebidos diretamente ou compartilhados) em dispositivos eletrônicos (i.e., smartphone, laptop, tablet), (AP) armazenamento próprio, salvar nudes de si em dispositivos eletrônicos (i.e., smartphone, laptop, tablet), (CT) compartilhamento com terceiros, envio de nude recebido para terceira pessoa, (CG) compartilhamento em grupos, o envio de nudes próprios ou de

terceiros em grupo on-line (utilizando WhatsApp, Facebook, Telegram ou outros aplicativos).

Tabela 2: Frequências dos comportamentos de envio (E), recebimento (R), armazenamento (AP/AT) e compartilhamento (CT/CG).

Freq. de Sujeitos	Grupo ER		Grupo A		Grupo C	
	E	R	AP	AT	CT	CG
N (%)	84 (89,4%)	82 (87,2%)	67 (71,3%)	46 (48,9%)	16 (17,0%)	11 (11,7%)
N (%) (30 dias)	45 (47,9%)	56 (59,6%)	-	-	10 (10,7%)	6 (6,4%)

Nota 1. E: Envio; R: Recebimento; AP: Armazenamento próprio; AT: Armazenamento de terceiros; CT: Compartilhamento com terceiros; CG: Compartilhamento em grupos.

Nota 2. Porcentagens [N (%)] calculadas com base no total de sujeitos participantes do estudo.

Os comportamentos relativos à frequência foram organizados em três grupos: Grupo ER, correspondendo ao envio e recebimento, Grupo A, correspondendo ao armazenamento e Grupo C, correspondendo ao compartilhamento. Esta divisão foi feita, pois as categorias presentes nestes grupos são mais bem comparadas entre si do que com as de outros grupos. Quanto a frequência de envio de nudes (E), foi de 89,4%, de recebimento (R), 87,2%, de armazenamento de nudes próprios (AP), 71,3%, de armazenamento de nudes de terceiros (AT), 48,9%, de compartilhamento com terceiros (CT), 17%, e de compartilhamento em grupos (CG), 11,7%. A frequência nos últimos 30 dias foi menor, sendo, para envio de nudes (E), 47,9%, recebimento (R), 59,6%, compartilhamento com terceiros, 10,7% e compartilhamento em grupo, 6,4%. Não foram coletados dados sobre frequência de armazenamento nos últimos 30 dias, pois estes dados não foram considerados relevantes, visto que eles dependem das frequências de envio, recebimento e compartilhamento de nudes. A tabela não apresenta os dados de quem não teve o comportamento, pois são dicotômicos (Sim/Não). No caso de compartilhamento em grupos, os nudes compartilhados nestes grupos são nudes próprios e de terceiros.

Quanto aos recipientes dos nudes foram encontradas as seguintes proporções: para **parceiros românticos**, envio, 31,9%, recebimento, 35%, armazenamento, 18%, e,

compartilhamento, 2%; para **parceiros casuais**, envio, 21.3%, recebimento, 33%, armazenamento, 11%, e, compartilhamento, 2%; para **desconhecidos**, envio, 16%, recebimento, 25%, armazenamento, 11% e, compartilhamento, 2%; finalmente, para **amigos**, envio, 2.1%, recebimento, 5%, armazenamento, 2% e, compartilhamento, 11%. Verifica-se maior frequência de envio, recebimento e armazenamento de nudes em parceiros casuais, parceiros românticos e desconhecidos e maiores frequências de compartilhamento entre amigos.

Tabela 3: Respostas sobre a percepção de risco e benefício no envio, no recebimento, no armazenamento e no compartilhamento de nudes

Respostas	Grupo ER		Grupo A		Grupo C	
	E	R	AP	AT	CT	CG
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
Risco	3,85 (1,28)	-	-	3,53 (1,59)	4,63 (0,85)	3,21 (1,65)
Benefício	3,11 (1,31)	-	-	2,50 (1,55)	1,47 (1,11)	2,26 (1,45)

Nota 1. E: Envio; R: Recebimento; AP: Armazenamento próprio; AT: Armazenamento de terceiros; CT: Compartilhamento com terceiros; CG: Compartilhamento em grupos.

Nota 2. Base de cálculo em escala Likert de 5 pontos.

A percepção de risco / benefício para o envio de nudes foi em média de 3,85 (DP 1,28) / 3,11 (DP 1,31), armazenamento de nudes de terceiros, 3,53 (DP 1,59) / 2,50 (1,55), para compartilhamento com terceiros, 4,63 (DP 0,85) / 1,47 (1,11) e, para compartilhamento em grupos, 3,21 (1,65) / 2,26 (1,45). As maiores discrepâncias são em compartilhamento com terceiros, seguido de compartilhamento em grupos e armazenamento de nudes de terceiros, e, finalmente, de envio. Não foi feita uma coleta de dados sobre o recebimento de nudes e armazenamento de nudes próprios, pois estes dados não foram considerados relevantes; concentrando-se na circulação de nudes, foram priorizados comportamentos em que se tem papel mais ativo nesta atividade. Importante ressaltar que o compartilhamento com terceiros, em geral, não é consentido.

Considerando a frequência de uso de álcool ou outras drogas antes ou durante encontros com aqueles para os quais se envia nudes foi registrada média de 2,26 (DP = 1,38), em escala Likert de 5 pontos.

Dentre o total de participantes do estudo, 10 participantes (10,6%) tiveram conhecimento de que seus nudes foram compartilhados com terceiros sem o seu

consentimento, 49 (59,1%) sentiram-se pressionados a enviar nudes, 40 (42,6%) sentiram-se pressionados a enviar nudes de volta ao receber nudes, 3 (3,2%) sentiram-se pressionados a compartilhar nudes recebidos por eles com terceiros e 36 (38,3%) enviaram nudes sem que lhes fossem solicitados.

Nos últimos 30 dias, 21 (22,3%) acessaram pornografia de 1 a 5 vezes, 12 (12,8%) de 10 a 20 vezes, 11 (11,7%) 40 vezes ou mais, 9 (9,6%) de 5 a 10 vezes e 7 (7,4%) de 20 a 40 vezes. Durante a quarentena, a frequência de acesso a pornografia ($M = 3,27$, $DP = 1,51$) e de troca de nudes ($M = 3,35$, $DP = 1,55$) ficaram em médias semelhantes. Note-se que não foi explicitado o que se considera pornografia, somente perguntado se tiveram acesso, de modo que não se pode concluir em que consiste exatamente o termo pornografia para os participantes.

Tabela 4: Correlações entre as variáveis do questionário, com n referente à quantidade de respostas dos participantes ($p < 0,05$)

Variável 1	Variável 2	n	ρ
Satisfação com próprio nude	Teste de Dependência de Internet	84	-0,26*
Satisfação com próprio nude	Risco no envio de nudes	84	-0,35**
Satisfação com próprio nude	Benefício no envio de nudes	82	0,37**
Satisfação com próprio nude	Frequência de envio de nudes	84	0,24*
Frequência de envio de nudes	Frequência de recebimento não solicitado de nudes	80	0,66**
Frequência de envio de nudes	Risco no envio de nudes	84	-0,25*
Frequência de envio de nudes	Benefício no envio de nudes	82	0,22*
Frequência de acesso a pornografia	Frequência de envio de nudes	84	0,56**
Frequência de acesso a pornografia	Tempo de relacionamento atual	94	0,20*
Frequência de acesso a pornografia	Frequência de uso drogas encontros	82	0,22*
Frequência de acesso a pornografia	Frequência de recebimento de nudes	84	0,40**

Frequência de acesso a pornografia	Frequência de recebimento não solicitado de nudes	84	0,50**
Frequência de acesso a pornografia na quarentena	Frequência de troca de nudes na quarentena	84	0,29*

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

ρ : tamanho do efeito

*: Correlação de Spearman estatisticamente significativa no nível de 0,05 (bicaudal)

** : Correlação de Spearman estatisticamente significativa no nível de 0,05 (bicaudal)

Na tabela 4, quando o valor de ρ for positivo, as duas variáveis mudam no mesmo sentido. Exemplo: quanto maior a idade, maior a percepção de risco de armazenamento de nudes de terceiros. Quando o valor for negativo, as variáveis caminham de maneira oposta. Exemplo: quanto maior a satisfação com o próprio nude, menor a pontuação no TDI (ou, quanto maior o TDI, menor a satisfação com o próprio nude).

Nas correlações da Tabela 4 é possível observar que aqueles com maior resultado no Teste de Dependência de Internet (TDI) são menos satisfeitos com os próprios nudes. Um possível sofrimento relacionado com a dependência em Internet, portanto, é uma baixa satisfação corporal presente na circulação de nudes. Por outro lado, uma satisfação com os próprios nudes está relacionada a maior frequência de envio e maior percepção de benefício, bem como a uma menor percepção de risco. Estes resultados indicam que os nudes estão associados com o padrão corporal, o que pode ser fonte de satisfação ou sofrimento. A satisfação com nudes, na amostra, teve média de 3,63 (DP 1,00), considerando escala Likert de 5 pontos, e o resultado do Teste de Dependência de Internet (TDI) foi, em média, 42,5 (DP 10,9), considerando escala de 0-100 pontos, em que uma pontuação menor que 50 representa maior controle no uso de Internet.

Considerando outras correlações encontradas no questionário, destaca-se a correlação entre as frequências de envio, recebimento e recebimento não-solicitado com percepções de risco e benefício. O aumento na frequência destes comportamentos encontra-se associado a uma maior percepção de benefício e menor percepção de risco. Considerando a frequência de encontros, esta também aumenta quando existe menor percepção de risco no envio de nudes. Importante ressaltar a dinâmica entre essas variáveis não se encontra ainda esclarecida, existindo a possibilidade de que as percepções de risco e benefício tenham uma relação de mediação com estes comportamentos.

Considerando o acesso à pornografia importa novamente ressaltar que pornografia ficou definida pela percepção subjetiva dos participantes quanto ao termo *pornografia*. Ainda assim, aqueles que referem maior acesso a pornografia têm maior frequência de envio, recebimento (inclusive não-solicitado) e uso de drogas ou álcool antes ou durante os encontros. A frequência de acesso à pornografia também está relacionada a maior tempo de relacionamento. Finalmente, durante a quarentena, o aumento no acesso a pornografia corresponde a um aumento na troca de nudes, o que mostra que existe uma relação entre a pornografia e os nudes.

4.4.2 Resultados qualitativos das respostas abertas do questionário on-line

Abaixo são elencadas as frequências de aparecimento das categorias correspondentes nas respostas abertas do questionário on-line. As porcentagens não são representativas da quantidade de sujeitos da amostra, mas se referem à frequência em que as respostas dos participantes remetem às subcategorias em que elas estão inseridas, podendo uma mesma resposta remeter a apenas uma ou mais de uma subcategoria.

Quadro 1: Frequências de respostas para motivações, pressão e percepções de risco e benefício para o envio, recebimento, armazenamento e compartilhamento de nudes

Cat.	Subcategoria 1	Subcategoria 2	Grupo ER		Grupo A		Grupo C	
			E	R	AP	AT	CT	CG
Motivações	Recompensa pessoal	Autoestimulação sexual	5,3%	6,4%	-	-	-	-
		Validação de padrões corporais	21,3%	20,2%	35,1%	11,7%	-	-
		Registro pessoal	-	-	22,3%	27,7%	-	-
		Possibilidade de reenvio	-	-	23,4%	-	-	-
		Proteção da possibilidade de vazamento	-	-	2,1%	2,1%	-	-
		Sem razão	-	-	-	5,3%	-	-
	Recompensa social	Busca de encontro sexual	16,0%	25,5%	-	-	-	-

		Manutenção do interesse sexual do parceiro	31,9%	35,1%	-	-	-	-
		Flerte	36,2%	26,6%	-	-	-	-
		Ganho de status social	-	-	-	-	11,7%	-
		Organização de encontro poligâmico	-	-	-	-	2,1%	-
		Exposição consentida	-	-	-	-	3,2%	-
		Outros	Erro	-	-	-	-	1,1%
Pressão	Poder	Receber aprovação social	9,6%	3,2%	-	-	2,1%	-
		Insistência do parceiro(a)	27,7%	11,7%	-	-	-	-
		Acordo implícito	-	18,1%	-	-	-	-
		Acumulação	-	-	-	-	1,1%	-
	Afeto	Manutenção de vínculo	2,1%	6,4%	-	-	-	-
		Excitação sexual	-	1,1%	-	-	-	-
Percepções de risco e benefício	Risco: Exposição indevida	Não especificado	61,7%	-	-	9,6%	-	-
		Pelo parceiro(a)	18,1%	-	-	4,3%	-	-
		Por terceiros	22,3%	-	-	35,1%	-	-
		Por erro técnico	2,1%	-	-	0,0%	-	-
	Risco: Dano moral ou emocional	Extorsão sexual on-line (<i>Sextortion</i>)	5,3%	-	-	-	-	-
		Possibilidade de comercialização	4,3%	-	-	-	-	-
		Exposição de vingança (<i>Slut-shaming</i>)	4,3%	-	-	-	-	-
		Constrangimento moral /	16,0%	-	-	3,2%	-	-

		Desaprovação social						
		Consequências legais	-	-	-	2,1%	-	-
	Benefício: Expressão da sexualidade	Satisfação erótica	21,3%	-	-	3,2%	-	1,1%
		Formação ou manutenção de vínculos	30,9%	-	-	2,1%	-	-
		Autoestimulação sexual	-	-	-	7,4%	1,1%	-
		Organização de encontro poligâmico	-	-	-	-	1,1%	-
		Acumulação de nudes	-	-	-	-	-	2,1%
		Benefício: Expressão de afeto	Validação de padrões corporais	17,0%	-	-	1,1%	-
	Recordação afetiva		-	-	-	16,0%	-	-
	Flerte		-	-	-	-	4,3%	-
	Formação e manutenção de vínculos afetivos		-	-	-	-	-	4,3%
	Benefício: Segurança da Informação	Proteção da possibilidade de vazamento	-	-	-	4,3%	-	-

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Nota 1. E: Envio; R: Recebimento; AP: Armazenamento próprio; AT: Armazenamento de terceiros; CT: Compartilhamento de terceiros; CG: Compartilhamento em grupos.

Nota 2. Porcentagens calculadas com base na frequência de aparecimento das categorias correspondentes em respostas dos participantes. A quantidade total não reflete o total de sujeitos da amostra.

A principal motivação de recompensa pessoal para envio, recebimento e armazenamento de nudes é validação de padrões corporais; como validação de padrões corporais entende-se a aprovação do corpo de acordo com o padrão social; e, para o armazenamento, o registro pessoal e a possibilidade de reenvio futuro são motivações importantes; como registro pessoal, entende-se o armazenamento de nudes próprios ou de terceiros para fins de consulta no futuro, seja para acompanhamento das transformações corporais ou para lembrar contatos que foram efetuados pela Internet e, como uma possibilidade de reenvio futuro, entende-se o armazenamento de nude próprio para ser reenviado a outras pessoas. Apesar de ser reconhecido como uma prática relacionada à autoestimulação, a autoestimulação sexual corresponde somente a pequena parcela destas respostas. Outra motivação que surge relacionada ao armazenamento de nudes é uma possibilidade de proteção, em que os nudes próprios são armazenados com finalidade de registro dos nudes que estão em circulação e/ou para quem eles foram enviados, ou em que nudes recebidos são armazenados para serem compartilhados sem consentimento caso aqueles nudes enviados a esses recipientes sejam compartilhados sem consentimento.

As principais motivações de recompensa social para o envio e recebimento de nudes são manutenção do interesse sexual do parceiro, seguido de flerte e de busca de parceiro sexual. Para o compartilhamento de nudes, as principais motivações são o ganho de status social, recebendo a aprovação de pares para eventuais parcerias afetivas ou sexuais, a divulgação, compartilhando consensualmente nudes de outras pessoas para aumentar o alcance destes nudes, e a organização de encontros poligâmicos, quando o nude serve para finalidade de organização de encontro, sexual e/ou afetivo, entre três ou mais pessoas. Igualmente, foi relatado também uma ocorrência de erro no compartilhamento de nudes de terceiros, quando nudes recebidos foram erroneamente enviados para outra pessoa.

Quanto à sensação de pressão, a principal razão para a sensação de pressão para envio de nudes é a insistência do parceiro e, para devolver o nude recebido, o acordo implícito, compreendida pelos participantes como uma espécie de regra presente no ambiente on-line (*Netiqueta*) de que ao receber nudes se deve enviar nudes de volta, observando-se relato de certa dificuldade em romper com essa expectativa. A aprovação social, a acumulação de nudes, a manutenção de vínculo e a excitação sexual são razões menos frequentemente relatadas nas respostas dos participantes.

As percepções de risco e benefício estão agrupadas em torno de, para os riscos, exposição indevida e dano moral ou emocional; e, para benefícios, expressão de sexualidade, expressão de afeto e segurança da informação. Entre os riscos, a exposição indevida tem a maior frequência de respostas em risco não especificado, no qual existe a possibilidade de exposição, mas ela não tem uma especificação clara de como pode ocorrer; seguem a possibilidade de exposição por terceiros que venham a ter acesso aos nudes – seja no compartilhamento em sites, grupos, ou na comercialização dos nudes sem consentimento –, possibilidade de exposição pelo parceiro(a), em que o recipiente do nude compartilha com terceiros sem consentimento, e possibilidade de exposição por erro técnico, em que estão inclusos a visualização de imagens por terceiros em dispositivos eletrônicos, o acesso a dispositivos por *hackers* e o compartilhamento de nudes de outra pessoa por erro. Entre o risco de dano moral e social, o constrangimento social é o principal deles, seguido por menções ao *slut-shaming* (compartilhamento de nudes de pessoas com intuito de difamação), *sextorsion* (uso de nudes para extorsão) e a possibilidade de comercialização dos nudes em sites. As consequências legais ligadas a essas práticas são pouco citadas.

Como benefícios principais da expressão da sexualidade estão a formação e manutenção de vínculos e a satisfação erótica. A autoestimulação e a acumulação de nudes foram pouco mencionadas. Finalmente, surge como benefício a organização de encontros poligâmicos, em que os nudes são circulados com finalidade de organização de encontros, sexuais ou afetivos, entre três ou mais pessoas. Como benefícios principais de expressão de afeto, estão, no envio de nudes, a validação de padrões corporais e, no armazenamento, a recordação afetiva. O flerte e a formação e manutenção de vínculos afetivos são benefícios pouco citados. Finalmente, como um benefício de segurança de informação, surge a proteção contra vazamento, em que os nudes recebidos são armazenados com a finalidade de serem utilizados na proteção contra compartilhamentos não-consentidos de nudes enviados.

Quadro 2: Respostas de participantes com indícios de fatores de sofrimento relacionados à circulação de nudes

Categoria	Comportamento	Resposta do participante
Sensação de pressão pela aprovação do outro	Pressão para devolver nudes recebidos	<i>Quando a pessoa manda algo, principalmente sem ser solicitado, é como se você tivesse a obrigação de entrar na conversa ou engajar no sexting. Principalmente porque para negar isso, você teria que se impor e deixar a outra pessoa desconfortável, o que pode ser difícil de fazer.</i>
		<i>Existe uma cultura dentro do tema nude. Que se você recebe você retribui. Mas se não quiser também Só não mandar. Mas essa cultura acaba gerando uma sensação de "pressão".</i>
		<i>Porque ele fazia jogo psicológico dizendo que eu era ingrata e, mais uma vez, que terminaria comigo.</i>
		<i>Para "provar" reciprocidade e atração pelo meu ex companheiro, mas não me sentia confortável com essa forma.</i>
	Motivação para enviar nudes	<i>Meu intuito sempre foi antecipar fotos íntimas para ter aprovação dos parceiros [...].</i>
	Pressão para enviar nudes	<i>A necessidade de aprovação dos parceiros. Geralmente quando se recebe um nude, você se sente obrigado a retribuir por conta da atração que sentiu em relação à descrição do perfil das pessoas.</i>
		<i>Homens, geralmente, são muito insistentes nessas coisas e às vezes nessa insistência a gente acaba cedendo, principalmente porque nisso tem a expectativa da outra pessoa e o medo da rejeição por deixar de fazer algo que a pessoa queira.</i>
<i>É neste relacionamento atual que estou de menos de três meses. Não o conheço muito, então fico com receio. E as coisas se desenrolaram muito rápido entre nós.</i>		

		<i>A insistência do meu ex companheiro em pedir fotos minhas nuas pra "ajudá-lo" a gozar, já que não estávamos nos vendo pessoalmente e não podíamos transar. Se eu não enviasse, ele ficava bravo. Era uma tentativa de evitar esse comportamento.</i>
Condição de sociabilidade	Motivação para enviar nudes	<i>[...] para contribuir com um grupo onde as nudes e as interações a partir delas são o ponto alto da semana e faz eu me sentir viva nesse contexto pandêmico que me priva das relações pessoais. Quem não envia nudes tem poucas chances de evoluir pra um encontro, seja com sexo ou sem.</i>
	Pressão para enviar nudes	<i>Todos mandam, por que eu não? Mas cabe saber se é o que você quer. Saber se botar limites e quando achar conveniente mandar ou não é um critério a se pensar quando se sentir pressionado. (Pressão para enviar nudes) Quando eu era mais nova pensava que nudes eram obrigatórios no diálogo de sedução de sucesso. Relacionamento a longa distância; processo de conhecer alguém é bem comum que haja esse pedido também; o que é bem desconfortável e faz com que você se sinta usado.</i>
	Armazenamento de nudes próprios	<i>Como me sinto insegura em relação ao meu corpo, guardo as vezes mesmo que não sinto que isso seja saudável, pois sempre me comparo com como era.</i>
Adequação aos padrões corporais	Motivação para enviar nudes	<i>[...] uma coisa que reparei é que também era uma forma de buscar aprovação do meu corpo, vindo de outra pessoa.</i>
	Pressão para enviar nudes	<i>Muitas vezes também, existe um padrão de corpo que as pessoas esperam ter, existe uma insegurança em de repente marcar um encontro e a pessoa não gostar do formato da sua genital, sobre algum defeito que você possa ter fora dos padrões e etc.</i>

Medo de exposição indevida	Armazenamento de nudes de terceiros	<i>Para ter como me defender de alguma exposição no futuro.</i>
		<i>Porque eu acho que fazem o mesmo com os meus, porque raramente as pessoas têm o conhecimento ou a delicadeza de ir apagar as pastas internas dos aplicativos nos sistemas operacionais dos celulares.</i>
		<i>Caso apareça o rosto ou uma associação com o nome dela, o risco é de que essa pessoa seja exposta e sofra prejuízos em decorrência dela, no âmbito pessoal, das relações próximas e seus julgamentos morais, ou profissional, caso chegue até este ponto.</i>
	Compartilhamento de nudes com terceiros	<i>A nude foi enviada pra mim, em uma relação de confiança 1:1, quando eu repasso isso para um 3º eu perco totalmente o controle das coisas, e ele pode fazer o que quiser, logo nunca repasso. Se a pessoa quiser a nude, que ela peça a quem me enviou.</i>
	Motivação para enviar nudes	<i>[...] penso no "nude seguro", muitas aspas, que seria ocultando marcas muito possíveis de serem identificadas, como rosto e tatuagem, pois infelizmente sei que todo dispositivo com acesso à Internet nos abre para a rede e que com certeza meus nudes estão armazenados em um grande servidor na china ou na índia [...].</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Foram localizadas quatro categorias de respostas com indícios de sofrimento relacionado à circulação de nudes: (1) Sensação de pressão pela aprovação do outro, com a inclusão de situações em que existe uma sensação de que os nudes são uma condição de aprovação, explícita ou subliminar, nos relacionamentos, (2) Condição de sociabilidade, com situações em que os nudes são vistos como meio ou condição para que ocorra contato social dentro da Internet ou fora dela, (3) Adequação aos padrões corporais, com situações em que a pessoa se sente insegura ou busca aprovação de outros quanto a sua adequação a padrões corporais e (4) Medo de exposição indevida, com

situações em que existe o medo ou a necessidade de proteção de eventual possibilidade de exposição indevida.

4.4.3 Sessão de psicodrama junguiano

A sessão teve a participação de Orlando¹⁰, advogado, e Rebeca¹¹, estilista, ambos com 26 anos e ensino superior completo. Consideram nudes as fotos de roupa íntima ou nu total. Rebeca encontra-se em relacionamento com duração entre 1 e 2 anos e Orlando atualmente encontra-se solteiro, embora já tenha tido um relacionamento, inclusive com quem enviou nudes, com duração entre 6 e 12 meses. Não se sentem muito satisfeitos com seus nudes (Orlando marcou 3 e, Rebeca, 2 na satisfação com os nudes) e acreditam que enviar nudes possui alto risco (ambos marcando 5, a nota máxima). Utilizam o WhatsApp para a troca de nudes. Rebeca compreende que os nudes são trocados em contexto de excitação sexual e Orlando compreende que o envio de nudes tem as seguintes motivações: mostrar o corpo e despertar interesse. Rebeca não salva nudes; Orlando, por sua vez, salva alguns nudes de recordação. Ambos não compartilham nudes de terceiros e não participam de grupos com compartilhamento de nudes. Estão abaixo de 50 no Teste de Dependência de Internet (TDI), indicando que têm controle no uso de redes sociais. Os nomes Rebeca e Orlando foram escolhidos pelos próprios participantes e a sessão teve a participação de um ego-auxiliar.

(a) Aquecimento Inespecífico

A apresentação dos participantes foi realizada através do jogo Batizado Mineiro. Terminando o jogo, o grupo estava relaxado e os participantes à vontade entre si.

(b) Aquecimento Específico

Efetou-se a técnica da fantasia dirigida (Fonseca, 2010). Foi dada a consigna “Feche seus olhos e pense em situações que você troca nudes.”, seguida de “A partir das situações evocadas e vivenciadas, conte uma história para o grupo.”.

- História 1: *Arrependimento* (Orlando)

A situação que eu lembrei foi a mais recente que aconteceu na minha vida nessa questão de mandar nudes, porque devido a ela acabou gerando uma complicação muito maior no meu relacionamento, que acabou. Em agosto do ano passado, eu conversei

¹⁰ Nome fictício.

¹¹ Nome fictício.

com uma garota, eu acabei terminando com a minha namorada, ficamos um mês terminados, sem contato nenhum, fui mandar mensagem pra essa garota, que eu havia saído algumas vezes, mas nunca chegamos nos finalmentes, acabei mandando mensagem pra ela, conversamos normal, e, de repente, num ponto dessa conversa, nós acabamos entrando nessa parte mais sexual. Então vários sentimentos que foram acontecendo, de todas as vezes que a gente saiu e se falou, acabaram aflorando com esse princípio de conversa, mudança de tópico. Então ela começou a me mandar fotos dela e eu também comecei a mandar fotos minhas. Só que, quando isso aconteceu, eu não gostei, porque eu ainda nutria muito sentimento pela minha ex-namorada e eu não achei aquilo certo. Então, fui, tentei, chamei ela pra conversar seriamente, né, fui, expliquei toda a situação, falei que estava recentemente solteiro, mas que ainda gostava muito da minha ex-namorada e que eu queria conversar com ela pra ver se nós ainda teríamos a possibilidade de uma outra chance. Essa outra garota ficou extremamente brava, achando que eu a havia usado para alguma coisa e nunca mais nos falamos. Voltei com a minha ex-namorada, ficamos super bem. E, em dezembro, acabou nosso namoro, no Natal, acabou. E por diversas questões, principalmente por parte dela, que não vem ao caso, no momento, e eu aproveitei esse término pra tirar um tempo pra mim e sentar comigo mesmo pra organizar minha vida e tentar começar meu 2021 bem. Então eu fui, fiz uma autorreflexão comigo mesmo e decidi que muitos pontos da minha vida precisavam mudar, que eu não enxergava, que eu precisava realmente mudar e eu decidi colocar isso em prática. E minha primeira atitude foi pedir desculpas pra qualquer pessoa que um dia eu prejudiquei, que um dia eu já fiz mal. Mande mensagens pra algumas dessas pessoas, pedindo desculpas sinceras, explicando tudo que aconteceu, falando que eu estava em um processo para começar meu 2021 diferente, pra ser uma pessoa melhor. A maioria aceitou tranquilamente, numa boa, até ficaram felizes, e muitos acabaram me pedindo desculpas, porque foi uma via de mão dupla, não fui só eu que prejudiquei, mas também fui prejudicado em alguns pontos, e resolvi mandar mensagem pra essa menina que eu conversei enquanto eu estava solteiro, durante esse mês que eu havia terminado com a minha namorada. Mande mensagem pra ela, expliquei toda a situação, pedi desculpas, fulana, estou pedindo desculpas por tudo que aconteceu, naquele tempo eu não agi certo, é isso, não chamei pra sair, não chamei pra fazer nada, somente pedi mensagem pedindo desculpas. Aí, eu não sei o que se passou pela cabeça dela que ela não acreditou, eu realmente sendo sincero em pedir desculpas, e ela foi mandar toda a conversa que tivemos pra minha ex-namorada. Minha ex-namorada viu tudo aquilo, principalmente as fotos que nós trocamos – não sei se ela mostrou fotos dela também, acredito que só tenha mostrado a minha parte –, minha ex-namorada, nós já estávamos terminados, isso aconteceu no dia 2 de janeiro, que eu tive a conversa com essa garota, e a partir desse momento a minha ex-namorada colocou na cabeça dela que eu a traí, com essa menina. Mesmo estando solteiros na época, ela acha que eu a traí com essa menina. Depois disso, eu parei pra pensar, depois de algumas semanas eu parei pra pensar o quanto, se você for realmente mandar nudes pra uma pessoa, o quanto você precisa ter certeza da pessoa pra quem você vai mandar. É bom, é gostoso, é legal, atíça, dá vontade, mas você tem ali, você está dando pra outra pessoa, como eu posso dizer... Uma arma que ela pode um dia atirar contra você. Você está armando a outra pessoa pra um dia ela te ferir. Então... A partir desse momento, eu peguei trauma. Não consigo mais fazer ou receber.

- História 2: *Desespero* (Rebeca)

Eu ia contar uma história minha, mas depois da história do Orlando eu vou contar a história da minha melhor amiga, porque eu sofri junto com ela e é meio que minha história também. Essa minha amiga foi sempre muito dada, literalmente dada mesmo, de sair dando em cima de qualquer um, e nunca foi de não mandar nudes, ela sempre mandou e sempre recebeu muitos. Até que um dia ela me liga e fala “eu não sei o que

fazer”. Eu perguntei: o que foi? O cara X está me ameaçando, se eu não passar o telefone de uma outra menina pra ele, ele tem fotos minhas, ele entrou no meu Instagram e pegou foto da minha mãe, disse que vai colocar na Internet, eu não sei o que eu faço. Só que ela não mora perto de mim, ela mora em outra cidade. Por isso, você vai sentar na mesa, você vai contar pra sua mãe o que está acontecendo e vocês vão pra delegacia. Porque estão ameaçando ela, o cara sabia que ela tinha namorado, tinha o nome, assim... Ela chegou a ir à delegacia até. O cara apareceu mais umas duas ou três vezes. Mas por algum motivo, depois ele sumiu. [Inaudível] Você não sabe se vai vazar foto sua, você não sabe o que a pessoa vai falar pros outros. E uma coisa, tipo, meio foda é que vai acontecer com qualquer um. Que pode acontecer com qualquer um.

(c) Dramatização

Foi escolhida uma cena junto aos participantes a partir das histórias para que fosse dramatizada. A cena escolhida foi a de Orlando.

Havia cinco personagens em cena: João, Vitória, Orlando, a ex e o nude. Essas personagens foram dramatizadas pelos seguintes atores: Amauri (João, Orlando e o nude), Rebeca (Vitória, a ex e o nude) e Orlando (Orlando e Vitória). Cinco personagens estiveram em cena: João, Vitória, Orlando, a ex e o nude. O papel do nude foi introduzido durante a dramatização com o intuito de, dialogando com as outras personagens, configurar-se um elemento simbólico em cena e estimular a ocorrência de um processamento simbólico no psicodrama.

A dramatização iniciou com a cena da conversa entre Orlando e Vitória. Orlando encontrava-se na casa de seu amigo João. Os dois estavam jogando videogame e depois comeriam no Burger King. Durante a conversa, aparece Amauri no papel de nude. Estava iluminado parcialmente apenas por uma luminária de mesa e comenta livremente que “Eu sempre funciono”. Voltando o foco da cena para a conversa entre Orlando e Vitória, Orlando pede desculpas a Vitória pelo que aconteceu entre eles em agosto. Vitória sugere que vai enviar um nude seu agora para Orlando. Orlando diz que se ela fizesse isso recusaria receber o nude.

Como recurso técnico, nesse momento o diretor congela a cena e entrevista os atores. Orlando conta que a possibilidade de receber os nudes de Vitória deixa ele querendo mais fortemente não receber mais nudes. Vitória, por sua vez, comenta que o envio ou não de nudes depende do contexto da conversa em geral. Finalmente, o nude expressa que se sente usado, mas acredita que chamará a atenção de Orlando.

O diretor descongela a cena e Orlando e Vitória estão conversando. Não conseguem entrar em acordo. Enquanto Orlando pede desculpas para ela – pois agora entender ter um compromisso de ser diferente –, Vitória o pressiona para que continuem

se falando. Mas Orlando não continuar em contato com ela, somente quer se desculpar pelo que ocorrera. Vitória então sugere a ele que vai bloquear e excluir o seu contato.

Novamente, o diretor congela a cena. Orlando conta depois estar muito bem em seu próprio papel nesta dramatização; apesar de Vitória, na situação real, não ter recebido bem o pedido de desculpas. O diretor propõe que Orlando tome o papel de Vitória. Como Rebeca estava pouco aquecida, rodizou os atores, escolhendo Amauri para o papel de Orlando e Rebeca para o papel de nude.

O diretor descongela a cena. Vitória revela ter afeto por Orlando e diz ter se sentido usada quando Orlando apenas entra em contato com ela quando está mal com a namorada. Orlando pede desculpas. Mas Vitória diz que é melhor para ela que não continuem como amigos.

Nesse momento, o diretor pede que Rebeca entre na cena como o nude. Rebeca, utilizando um fundo eletrônico com uma imagem das estrelas no Universo, instiga Orlando a enviar o nude. Orlando, entretanto, recusa, revelando que havia enviado a ela na situação anterior apenas porque estava se sentindo sozinho. Vitória então procura a ex de Orlando nas redes sociais e envia para ela o *print* da conversa em que Orlando lhe enviou nudes. Rebeca toma o papel da ex de Orlando. A ex confronta Orlando ao receber o *print* de sua conversa sugerindo para Orlando que ele está mentindo.

O diretor congela a cena e pede aos atores para eles contarem como estão em cena. Rebeca conta no papel da ex que não confia mais em Orlando. Orlando conta que tem um sentimento de hipocrisia, pois a ex o pressionava para mudar, enquanto ela mesma também precisava mudar; revela que durante o seu relacionamento a ex via suas conversas com suas amigas no WhatsApp. Finalmente, Amauri, no papel do nude, expressa como se percebe na situação: “Eu sou o ingresso do afeto que eu quero receber” – ou seja, para a personagem, erotismo e afeto são distintas faces da mesma moeda.

O diretor convida o protagonista a dar para sua história o fim que ele deseja. Dramaticamente realizando o seu desejo, Orlando esclarece em cena para sua ex que ele não tem pela Vitória o sentimento que tem por ela e que é com ela que ele quer ficar. Sua ex responde que entende, mas que não consegue confiar nele naquele momento. Orlando lhe responde que também entende essa sua posição e que não se orgulha da conversa que ele e Vitória tiveram. Entrando novamente em cena, Amauri, no papel do nude, dirige-se para Orlando e pergunta se ele não quer mais recebê-lo. Mas Orlando diz para o nude que ele foi consequência de algo que não gostou e que não quer mais o nude na sua vida.

Antes de sair de cena, o diretor pediu aos atores uma frase relacionada a suas personagens. Rebeca, no papel de ex, diz “Eu vou me vingar.”; Orlando, no papel de Orlando, diz “Me desculpa.”; e Amauri, no papel de nude, diz “Sou muito mal compreendido.”

(4) Compartilhamento e Processamento simbólico

Os participantes gostaram de ter dramatizado a história narrada. O protagonista, especificamente, relatou que, embora se considere empático, na dramatização pôde ter mais empatia pela ex e pela Vitória. Disse que, se pudesse tirar uma foto que representasse o nude, seria aquela do seu mês de janeiro, que passou dentro do quarto chorando.

(5) Processamento

O tema protagônico da sessão de psicodrama foi busca pelo afeto por meio dos nudes diante da sensação de solidão. O nude surge como um elemento que, ao mesmo tempo que simboliza o erotismo, permite o ingresso para o afeto, ou seja, tem a função de ser um instrumento que possibilita a formação de vínculos afetivos.

Os problemas decorrentes dos nudes – como o vazamento que o protagonista experienciou – surgem do modo como estes afetos são gerenciados na sociedade contemporânea. As fronteiras entre o on-line e o off-line estão difusas e relacionamentos acabam sendo afetados pelo modo como as redes sociais permitem uma circulação de informações que são de ordem íntima. Tudo que se publica na Internet pode se tornar potencialmente público e ser compartilhado com outras pessoas; nesse contexto, uma delimitação entre as esferas privada e pública, especialmente considerando a circulação de informações íntimas, como os nudes, torna-se mais difícil de ser feita. O sentimento de arrependimento surge como desdobramento de uma experiência negativa em que houve a violação da intimidade pela quebra de um acordo de confiança.

O clima afetivo da sessão expressa o medo da exposição da informação. Como uma estratégia de controle, surge o não envio dos nudes, ou seja, se pela experiência negativa se constata que não se pode ter segurança para a continuidade do sigilo do nude depois de recebido pelo seu recipiente, i.e., por ele estar salvo dentro da conversa no aplicativo, então melhor não enviar mais nudes, visto que tal acordo de confiança pode vir a ser rompido. Contudo, isto também representa uma falta de repertório sobre estratégias possíveis de proteção, pois não são relatadas outras estratégias contra a possibilidade de uma exposição indevida.

O nude surge então como um símbolo em que afeto e erotismo estão presentes. Na dramatização, o grupo pôde explorar o papel do nude, quando, colocados neste lugar, experimentaram as diversas funções do nude nas cenas dramatizadas.

No início, o nude surge na penumbra, que simboliza a existência de aspectos mais conscientes e outros mais inconscientes, ou desconhecidos, que estão nele sintetizados. Conforme a dramatização prossegue, a visão inicial de que o nude tem uma função apenas erótica vai dando lugar para a função de vinculação afetiva que o nude permite nos relacionamentos digitais. O erotismo tem um papel de atração do outro para uma relação, entretanto, não existe a intenção de colocar o corpo como um objeto sexual, mas como um estímulo prazeroso que permite a descoberta do outro. Quando o aspecto afetivo surge, simbolizado no nude, é possível compreender o nude como um “ingresso para o afeto”, ou seja, a expectativa de que pelo nude se forme uma relação sexual e também afetiva, ainda que casual, que permite um escape da sensação de solidão. Finalmente, é possível antever a síntese desses dois aspectos – sexual e afetivo –, a qual é feita com a frase “Eu sou o ingresso do afeto que eu quero receber”, dita, neste momento, a partir de duas perspectivas, i.e., do nude (“Eu sou o ingresso do afeto”) e de Orlando (“do afeto que eu quero receber”). Algo comum na dramatização, quando se experimentam múltiplos papéis, é estar entre várias perspectivas, realizando, conforme prosseguem as cenas e os atores se colocam em diversos papéis, uma síntese delas. A simbolização, ou o processamento simbólico, acontece à medida que os participantes, dramatizando, podem expressar pensamentos, sentimentos, ideias e sensações, experimentadas de modo tanto consciente quanto inconsciente, expressando dramaticamente estes conteúdos. Esse processo de simbolização possibilitou ao grupo adquirir uma maior consciência dos sentidos associados ao nude e à situação dramatizada.

4.4.4 Síntese dos resultados

A circulação de nudes corresponde a uma prática predominantemente erótica, considerando as respostas obtidas. O envio de nudes tem como principais motivações: busca de parceiro, manutenção de relacionamentos e o flerte; no caso do armazenamento de nudes, considera-se importante o registro, quando os nudes são de outros, e a comparação com outros nudes, quando os nudes são próprios; e, no caso do compartilhamento de nudes com terceiros, se valida a posição social (comentários recebidos). A autoestimulação e o exibicionismo aparecem como motivações pouco frequentes. A sensação de solidão pode motivar o envio de nudes, e o recebimento de

nudes pode ser um estímulo ou mesmo uma pressão para devolver o nude recebido com o envio de nudes pessoais.

Quando a frequência do comportamento aumenta, diminui a percepção de risco e aumenta a percepção de benefício. Comportamentos percebidos como arriscados, como compartilhamento não-consentido com terceiros, são menos frequentes; comportamentos percebidos como pouco arriscados, como o envio de nudes, são mais frequentes. Uma experiência negativa afeta a percepção de risco e benefício e diminui a frequência do comportamento correspondente, i.e., uma experiência de compartilhamento não-consentido afeta a frequência de envio de nudes no futuro. Os principais riscos apontados foram a exposição indevida e o constrangimento social. Os principais benefícios apontados foram a formação e a manutenção de vínculos, a satisfação erótica e a validação corporal.

Existem quatro grandes temas de categorização de sofrimento: (1) sensação de pressão pela aprovação do outro, (2) condição de sociabilidade, (3) adequação aos padrões corporais e (4) medo de exposição. Foi encontrada apenas uma correlação, relativamente fraca, mas significativa, entre resultado do Teste de Dependência de Internet e satisfação com os próprios nudes. Pode-se compreender disto que uma insatisfação corporal representa um possível sofrimento quando presente maior intensidade no uso de redes sociais e, especialmente, em práticas de circulação de nudes. Outras correlações importantes se deram com as percepções de risco e benefício e as frequências de comportamentos de envio, recebimento e recebimento não-solicitado de nudes (correlações positivas), entre a percepção de risco e a frequência de encontros (correlação negativa) e entre frequência de acesso a pornografia nos últimos 30 dias e uso de álcool e outras drogas antes ou durante os encontros (correlação positiva).

4.5 Discussão

O estudo realizado cumpriu os objetivos propostos e permitiu investigar práticas de circulação de nudes, considerando: (1) motivações para estas práticas e definições de nudes para os participantes (2) percepções de risco e benefício (3) satisfação com os nudes e indícios de sofrimento, e (4) relação com o Uso Problemático de Internet.

Buscou-se na pesquisa explorar quais definições de nudes estão presentes entre os participantes da pesquisa, conforme recomendação de Barrense-Dias *et al.* (2017). Os participantes entendem por nudes: (a) quanto ao conteúdo, mais a sensualidade do que a sexualidade explícita, (b) quanto ao meio, mais as imagens que outras mídias como vídeo

ou GIFs, e (c) quanto a finalidade, compreendem a finalidade como pouco influente para a definição de nudes, citando, entretanto, o sexo e a intimidade como finalidades. Como motivações, para o envio e recebimentos de nudes, estão principalmente a busca de parceiro, a manutenção de relacionamentos e o flerte; para o compartilhamento de nudes, principalmente o status social; e, para o armazenamento de nudes, são dois grupos de motivações: para nudes próprios, principalmente, validação de padrões corporais, registro e possibilidade de reenvio e, para nudes de terceiros, principalmente registro.

Percepções de risco e benefício estão associadas com as frequências dos comportamentos de envio, recebimento e recebimento não-solicitado, no sentido que o aumento na percepção de risco diminui a frequência desses comportamentos. Esta influência da percepção de risco sobre a frequência de comportamentos foi também verificada por Hudson e Marshall (2018). Outras associações foram encontradas, i.e., entre frequência de acesso a pornografia e uso de álcool e drogas antes ou durante os encontros ou entre satisfação com os próprios nudes e resultado do Teste de Dependência de Internet, que ainda não haviam sido relatadas pela literatura. A existência de associações específicas – i.e., acesso a pornografia e uso de álcool e outras drogas – sugerem que certos aspectos que circulam nas práticas de nudes estarão presentes ao mesmo tempo de modo mais frequente na experiência dos usuários.

A seguir, são discutidos os principais aspectos observados nesta pesquisa exploratória em três grandes temas: (1) motivações para a prática, em que são exploradas a função erótica dos nudes na cultura e a relação com a satisfação corporal, (2) riscos e benefícios na circulação de nudes, em que são explorados sensação de anonimato vs. exposição na Internet, o papel dos grupos na circulação de nudes, e (3) indícios de sofrimento associados às práticas de circulação de nudes.

4.5.1 Motivações para a prática: a função erótica dos nudes na cultura ou em Busca de Eros

A definição de nude e as motivações dos participantes sugerem a presença das funções erótica e de formação e manutenção de vínculos nos nudes, no âmbito da cultura contemporânea. Três fortes motivações para o envio e recebimento de nudes foram: busca de parceiro, flerte, e manutenção do interesse sexual, o que indica que os nudes são um tipo de atividade social. Outras motivações mais relacionadas à autoestimulação e exibicionismo também foram registradas, mas são significativamente menos frequentes.

Pode-se dizer que o nude adquire na cultura digital a função simbólica de erotismo. Considerando o papel do erotismo na cultura e, especialmente, na formação dos relacionamentos amorosos, remete-se ao mito Eros e Psiquê (Apuleio, 2009), cujo tema é o relacionamento amoroso. No mito, os primeiros encontros entre Eros e Psiquê acontecem no enquadre de uma experiência erótica: apresentada a seu amado, mas objeto do plano de vingança da mãe de Eros (Afrodite), por conta de sua beleza, Psiquê é visitada por Eros todas as noites dentro de um quarto escuro. Não pode vê-lo. Simbolizando o escuro *nigredo* ou a inconsciência, a experiência erótica somente passa para uma experiência romântica quando Psiquê ilumina Eros com a luz de sua vela e, ao vê-lo, apaixona-se – simbolicamente ferindo-se com a flecha de Cupido, como fez Eros quando viu Psiquê. Possivelmente, o apaixonamento, ou ferir-se com a flecha de Cupido, representa uma importante condição de passagem da experiência erótica para a experiência amorosa – ocorrendo mediante uma consciência de alteridade.

O reconhecimento do outro no relacionamento amoroso estimula a passagem da estimulação sexual para vinculação amorosa; quando os nudes são usados somente para autoestimulação, entretanto, não se desenvolve consciência do outro. O outro acaba representando um objeto nesta situação e a experiência com nudes fica mais limitada a uma dimensão de fantasia sexual em que o outro representa apenas a possibilidade de realização desse desejo. Esta vivência de fantasia sexual que toma o outro somente como objeto é descrita como hipótese de objetificação do outro por Liong e Cheng (2019).

O reconhecimento dos nudes como uma prática erótica traz para primeiro plano a sua dimensão de sensações e estimulação sexual, mas também existe uma dimensão afetiva; sentimentos de solidão podem estimular a troca de nudes diante de uma oportunidade de conexão afetiva. Nesse sentido, a circulação de nudes entre jovens estimula a reflexão sobre caminhos existentes na cultura para formação de vínculos amorosos: os nudes poderão ser ferramenta de conexão para a formação de novos vínculos, mas poderão também se tornar mera repetição de busca de sensações, quando representariam a liquidez nos amores contemporâneos (Bauman, 2004). Essa repetição representa, de um lado, um excesso de erotização sem formação de vínculos – em que Eros é buscado no escuro – e, de outro, a circulação de nudes pode ser um modo presente na cultura digital de desenvolvimento do aspecto erótico, semelhante ao cinema, com suas cenas sensuais, e outros modos presentes na cultura de práticas nas quais a tônica é a sensualidade.

A cultura digital favorece a troca erótica, mas também pode eventualmente promover o outro como objeto. Nessa objetificação, pode haver uma relação dos nudes com a pornografia – entretanto, é importante lembrar que não foi possível explorar o que se entende por pornografia neste estudo. A hipótese a ser explorada, neste caso, é se na relação com a pornografia a função erótica dos nudes leva ao encontro do outro ou se é uma prática mais centrada no autoerotismo.

4.5.2 Motivações para a prática: relação com a satisfação corporal

Um aspecto importante ressaltado na motivação para envio, recebimento e armazenamento de nudes foi a satisfação corporal. Os nudes aqui têm função tanto para acompanhamento do desenvolvimento corporal individual ao longo do tempo – quando armazenados e servindo de registro para uma comparação do desenvolvimento do corpo ao longo do tempo –, quanto para obter aprovação social da adequação do corpo aos padrões corporais vigentes –, quando a aprovação do outro sobre os nudes recebidos tem influência grande na satisfação própria com os seus nudes.

Neste caso, a prática de envio de nudes adquire a motivação de aprovação social. O compartilhamento de nudes de terceiros, por sua vez, também é influenciado pelos padrões corporais, adquirindo a motivação de status social quando os nudes compartilhados refletem esta adequação corporal – recebendo dos amigos uma aprovação pelo interesse despertado daqueles que são considerados adequados aos padrões corporais vigentes. Se esta aprovação tem o efeito imediato de melhorar a satisfação corporal, o efeito ao passar do tempo traz efeito contrário (diminuição da satisfação corporal), posto que essa satisfação depende da aprovação social obtida mediante o envio de nudes e se fazer necessário o envio de mais nudes para a obtenção de nova aprovação social. Assim, a satisfação corporal, nesse caso, é influenciada pelo envio de nudes, constatação descrita por Howard *et al.* (2019).

Conforme descrevem Trub e Starks (2017), o sexting pode estar ligado a um estilo de apego ansioso, em que há relação entre busca de aprovação social e estilo de apego ansioso. O estilo de apego ansioso explicaria o comportamento motivado pela busca de aprovação social. Entretanto, não se pôde inferir pelas informações da presente pesquisa a relação entre essas duas dimensões, o que pode ser objeto de uma futura pesquisa.

Um resultado que chamou a atenção foi a correlação negativa entre o Teste de Dependência de Internet e a satisfação com os próprios nudes. A correlação negativa encontrada aponta para um modo de sentir e vivenciar o corpo em graus de

satisfação/insatisfação, gerando possível sofrimento. Importante lembrar que o TDI foi usado neste trabalho como indicador para sofrimento no uso de Internet e que a satisfação corporal é uma questão abrangente, que compreende desde uma relação com padrões corporais vigentes, existência de condições de saúde até disforia de gênero. Este resultado aponta para a importância de certos padrões corporais no sofrimento relacionado ao uso de redes sociais, especialmente quando são consideradas as práticas de circulação de nudes.

4.5.3 Riscos e benefícios na circulação de nudes: sensação de anonimato vs. exposição na Internet

Existe uma dinâmica entre anonimato e exposição, na prática, que se reflete no modo como os acordos são feitos para a proteção da informação: existem acordos implícitos na troca de nudes, em que receber um nude pede a devolução de outro nude, ou então que um nude compartilhado de modo não-consentido autoriza o compartilhamento não-autorizado do nude daquele que fez esse compartilhamento, criando pactos de confiança para a proteção dos envolvidos contra uma exposição indevida.

A sensação de anonimato desempenha o seguinte papel na troca de nudes: na medida em que o anonimato permeia essa atividade, existe a possibilidade de expor a nudez de modo que a intimidade se encontre protegida. Entretanto, pactos baseados na confiança nem sempre são suficientes para proteger contra uma exposição indevida e, quando esta acontece, ocorre o constrangimento social de ter a intimidade revelada socialmente. Outras estratégias precisam ser utilizadas na regulação da exposição destas informações na Internet. Os dados, entretanto, indicam que outras estratégias são pouco utilizadas: a maioria dos participantes cita como principal aplicativo utilizado para envio e recebimento de nudes o WhatsApp, que é um aplicativo em que as imagens ficam permanentemente disponíveis depois de mantidas na conversa virtual por algumas horas; não se cita a utilização de configurações de segurança para o envio nos aplicativos, como uso de timer ou rastreamento de *prints*, como estratégias de proteção da informação; no estudo, a história contada na sessão de psicodrama mostrou um acordo implícito que foi alterado unilateralmente depois que as imagens não podiam mais ser apagadas. Essa escassez de estratégias de proteção da informação que não dependam de acordos implícitos chama a atenção para uma vulnerabilidade de exposição indevida. Da exposição indevida decorre sofrimento psíquico.

A proteção da informação pela sensação de anonimato nas práticas de nudes ocorre majoritariamente mediante práticas em que se evita a autorreferência, retirando ou omitindo qualquer referência que possibilita a identificação do autor do nude, i.e., rosto, marcas no corpo ou referências de lugares frequentados. Quanto menor o risco percebido para a troca de nudes – e possível constrangimento –, mais frequente a prática. Brody *et al.* (2018) e Clancy *et al.* (2019) apontam que a frequência da prática diminui com a experiência negativa; nesta, a percepção de risco impacta fortemente. A quebra do anonimato representa um aumento do risco de exposição indesejada por aqueles que trocam nudes na Internet.

4.5.4 Riscos e benefícios na circulação de nudes: o papel dos grupos na circulação de nudes

Uma informação incidental que foi colhida na pesquisa – que apareceu como relato indireto, sem ser em 1ª pessoa – e não foi encontrada na revisão de pesquisas realizada foi o modo como ocorre um compartilhamento de nudes em grupos na Internet.

Este compartilhamento pode ser consentido ou não-consentido.

O compartilhamento consentido em geral acontece no contexto de busca de parceiro. O fato de que algumas pessoas autorizam que os próprios nudes sejam compartilhados sugere que esse compartilhamento não acontece por meio do próprio perfil da pessoa em aplicativos de relacionamentos – o que implica que existem outros canais para esse compartilhamento que não são somente os aplicativos de relacionamento (como Tindr ou Grindr). Este compartilhamento, feito geralmente em aplicativos como WhatsApp, tem a intenção de, aumentando a circulação destas imagens, facilitar a busca de parceiros. Considerando que os diferentes aplicativos têm diferentes funcionalidades, esse tipo de compartilhamento tem o risco de sair do controle; i.e., no WhatsApp, o registro das imagens enviadas em uma conversss tem um limite de tempo em que pode ser apagada, o que deixa a imagem disponível; ainda que depois de algum tempo seu autor não consentir mais no compartilhamento, pode ainda ocorrer um eventual compartilhamento não consentido.

O compartilhamento não consentido em geral tem a motivação de posição social. Utiliza-se nudes de terceiros como modo de mostrar com quem se está saindo ou como comentários sociais. Esta relação foi apontada por Johansen *et al.* (2019). O risco reside na possibilidade de constrangimento social, quando esses nudes compartilhados de modo não consentido são usados para práticas como *slut-shaming* ou *sextorsion*. O

compartilhamento dentro de grupos nas redes sociais, neste caso, potencializa a sua circulação, bem como a possibilidade de constrangimento social.

O fato de o compartilhamento não consentido ter como recipiente mais frequentemente os amigos, diferenciando-se dos recipientes dos nudes em outros comportamentos (que são mais parceiros causais e/ou amorosos), pode ser visto sob a ótica da interpretação do mito dos centauros realizada por Zoja (2016). Se amigos compartilham nudes de terceiros para adquirir ou manter uma posição social – especialmente em decorrência de normas de gênero –, haveria possivelmente uma influência de um aspecto coletivo masculino nesse comportamento abusivo, que necessitaria ser reconhecido para não ser reproduzido pelos indivíduos de modo inconsciente.

4.5.5 Riscos e benefícios na circulação de nudes: Indícios de sofrimento associados às práticas de circulação de nudes

Quatro vertentes de indícios de sofrimento são relatadas pelos participantes no questionário: sensação de pressão pela aprovação do outro, condição de sociabilidade, adequação aos padrões corporais e medo de exposição indevida.

A sensação de pressão pela aprovação do outro indica que sofrimento pode ser decorrente de exposição indevida em que os nudes são enviados na presença de uma sensação de solidão e fantasias ligadas a dificuldade na manutenção de relações afetivas e busca de novo parceiro. Na literatura, a relação dos nudes com o estilo de apego foi estabelecida. Enquanto Trub e Starks (2017) sugerem no envio de nudes existe mais frequentemente em mulheres o estilo de apego ansioso – em que o envio de nudes se constitui como modo de enfrentamento de solidão e estresse –, Weisskirch *et al.* (2017) encontraram baixa incidência do estilo de apego evitativo no envio de nudes. Assim, embora ambos sejam apegos inseguros, o apego ansioso foi relacionado a maior frequência de envio de nudes e o apego evitativo foi relacionado a menor frequência de envio de nudes, o que sugere que, embora exista uma busca pela aprovação do outro (relacionada ao apego ansioso), essa é uma prática de risco, em que a sensação de anonimato tem a função de proteger contra a possibilidade de exposição indevida. Considerando a existência de pressão do outro para o envio de nudes, existe a possibilidade de que aqueles com apego ansioso, com a tendência de buscar mais aprovação, respondam enviando nudes quando recebem nudes não-solicitados ou atendam mais frequentemente a solicitações de nudes que são efetuadas sob pressão.

Considera-se neste caso tanto a pressão exercida pelo parceiro quanto aquela efetuada como condição de sociabilidade, i.e., quando o envio de nudes é compreendido como requisito para relações bem-sucedidas ou quando se entende o envio de nudes no recebimento de nudes como uma ética implícita. Ao passo que a aprovação do outro adquire um aspecto mais individualizado, existem também outras formas de pressão social para envio de nudes.

O sofrimento relacionado com a adequação aos padrões corporais mostra uma expectativa de adequação a certos padrões sociais em que o corpo tem protagonismo para aceitação entre pares. Padrões como de corpo *fit* para as mulheres ou ser forte para os homens impactam a percepção que os usuários têm de redes sociais sobre os seus corpos e podem impactar outros comportamentos, como os comportamentos alimentares ou relacionados a exercícios físicos, na expectativa de gerar maior satisfação corporal. O impacto em outras condições, como a disforia de gênero, também é uma possibilidade que ainda não está esclarecida; entretanto, caso existe uma pressão social sobre a adequação do corpo *trans*, a necessidade de adequação aos padrões corporais também impacta a inclusão dessas pessoas na Internet e, especialmente, nas redes sociais e nos aplicativos de relacionamento. A discussão da influência de padrões corporais no comportamento tem sido feita extensivamente dentro da literatura sobre mídia e Internet.

Finalmente, o medo de exposição indevida, relatado como preocupação entre adolescentes e seus pais (Cardoso, Falcke & Mosmann, 2019a; 2019b), ressurge na presente pesquisa entre adultos. Contudo, relatou-se na presente pesquisa o uso de estratégias de proteção da informação baseadas, em sua maioria, em acordos implícitos, o que indica que estratégias de proteção contra a exposição indevida precisam ser desenvolvidas. Além das funcionalidades de aplicativos de redes sociais usados para a circulação de nudes, como limitações de tempo para a visualização ou controle das imagens armazenadas pelos destinatários dos nudes, o modo como usuários fazem pessoalmente a avaliação de risco da situação desempenha papel importante nessas práticas.

Uma estratégia de proteção sugerida na literatura foi que o fato de *estar em relacionamento* protege contra o compartilhamento não-consentido (Dekker e Koops, 2017). Entretanto, compreende-se na presente pesquisa que o status relacional tem influência positiva somente quando existe consistência nos acordos firmados, considerando que as informações qualitativas indicam que pode ocorrer uma quebra do

acordo. Esta constatação corrobora os achados de Valiukas *et al.* (2019) e Wolak *et al.* (2018).

4.6 Considerações finais

A troca de nudes é uma prática de erotização e busca de vínculos, com dose de narcisismo e desejo de exposição, disponível na atualidade. Entretanto, pode ser uma experiência de sofrimento, especialmente quando existe insatisfação corporal (pela exposição a padrões corporais na Internet), ao acionar outras experiências negativas como o constrangimento social (pela exposição indevida, por meio do compartilhamento não-consentido, erro técnico e outras possibilidades), ou despertando a sensação de pressão para a prática (normalmente entre pares ou para obter aprovação social); essas fontes potencialmente geradoras de sofrimento têm impacto negativo na percepção de risco / benefício e na frequência dos comportamentos relacionados com a circulação de nudes. Estas são práticas mediadas por uma percepção de risco, tornando-se menos frequente quando existe uma maior percepção dos riscos de exposição, o que normalmente aumenta depois de uma experiência negativa ou de notícias de experiências negativas.

O caráter polissêmico dos nudes sugere que o nude seja um símbolo; considerando que neste símbolo se expressa Eros, ou o erotismo, diversas facetas dessa experiência humana poderão ser vistas nas práticas que envolvem a circulação de nudes. Desdobram-se nessa experiência aspectos positivos (autoconhecimento, busca de parceiro, estabelecimento de relacionamentos amorosos) e negativos (dificuldades no controle de impulso sexual, repetição compulsiva de encontros sexuais, práticas de difamação e de constrangimento social). Como uma analogia para o papel dos nudes na cultura, pode-se remeter a outras práticas eróticas como estavam representadas em cenas eróticas no cinema, que eram muito populares até os anos 80, ou o *strip-tease*, que ganhou proeminência nos anos 90. A experiência do erotismo tem se desenvolvido para integrar a cultura digital, influenciada por aspectos presentes na própria relação humana com a tecnologia.

Atenta-se para o desenvolvimento de mecanismos de segurança para o controle da informação – como a possibilidade de controle sobre as imagens armazenadas ou a visualização limitada de imagens enviadas – importante para que a segurança da informação não se baseie apenas em acordos implícitos, os quais podem ser alterados expondo os seus usuários à exposição indevida.

A relação entre a insatisfação corporal e o Uso Problemático de Internet indica ser importante o cuidado com usuários que têm uso mais intenso de aplicativos de relacionamento, pois, além da maior exposição a riscos, estes usuários podem estar em sofrimento relacionado ao corpo. O acompanhamento destes usuários e comunicação de informações de saúde, inclusive dentro dos aplicativos, pode auxiliar a diminuir essa problemática. A existência de problemáticas como esta sugere que existe também um grande potencial de contribuição do psicólogo para o próprio desenvolvimento desses aplicativos, especialmente considerando questões como impacto social e relação humana com a tecnologia.

Com respeito ao procedimento de intervenção mediante o psicodrama junguiano, mostrou-se favorável para lidar com comportamentos atuais de difícil acesso e não compreendidos plenamente, ao possibilitar uma revelação simbólica das atitudes, de sentimentos e das motivações que não eram conhecidas antecipadamente ou estavam pouco claras e inconscientes.

Configurou-se na sessão de psicodrama uma pesquisa-ação em que o tema abordado foi pesquisado em colaboração com os participantes do estudo; desse ponto de vista, menos importante fica o número de participantes do que a existência de identificações entre eles – o que permite a formação de uma grupalidade e de uma colaboração entre os participantes (considerando tanto os participantes da pesquisa quanto a dupla funcional de diretor e ego-auxiliar). Pode ser verificado que as variáveis encontradas no questionário estiveram presentes na sessão de psicodrama, onde puderam adquirir novas facetas de compreensão. O psicodrama mostrou ser instrumento valioso para uma pesquisa com métodos mistos. A própria pesquisa em psicodrama é também uma forma de intervenção social.

O presente estudo tem algumas limitações: (a) não teve uma delimitação clara da noção de pornografia dos participantes do estudo em relação aos nudes, (b) foi um estudo exploratório, sem base de comparação na população brasileira, (c) houve dificuldade em encontrar participantes para o grupo, talvez porque os nudes são assunto em que as pessoas busquem baixa exposição. Novas pesquisas poderão levar em conta a natureza sensível do tema, inclusive para uma coleta de dados mais abrangente. Temas interessantes a serem explorados são: a relação com a pornografia ou com a satisfação corporal; a relação com o corpo em jovens que trocam nudes, i.e., percepção corporal; o impacto do registro pelos nudes das transformações corporais ao longo do envelhecimento; o acompanhamento longitudinal dos comportamentos de circulação de

nudes conforme as diferentes idades; a diferença de gêneros e de orientação sexual nesta prática e, especialmente, sua relação com a satisfação corporal; a frequência dos comportamentos e as percepções de risco e benefício; o compartilhamento consentido e não-consentido, especialmente em grupos; a comunicação de informações de saúde e o acompanhamento de usuários de redes sociais como intervenção para a prevenção de comportamentos de risco relacionados à circulação de nudes.

A contribuição das Ciências Humanas para as pesquisas em tecnologia e, especialmente, em Internet pode se tornar um ativismo à medida que busca esclarecer implicações humanas para a organização e divulgação das informações na Internet. Quando a legislação caminha no sentido da privacidade e da proteção das informações pessoais, sem ampla participação da sociedade, o alcance dessas transformações na legislação ficam limitadas. Cabe também à sociedade a tarefa de conhecer essas implicações e pressionar por mudanças, como uma espécie de controle social. Com jovens, dialogar continua sendo o meio mais eficaz de combater problemas no uso de Internet.

Enseja-se assim a continuidade para os estudos do sexting entre brasileiros, com o objetivo de desenvolver manejo em situações de abuso digital ou nas quais estão presentes sofrimentos relacionados ao uso de redes sociais.

Referências Bibliográficas

- Apuleio. (2009). *Eros e Psiquê* (F. Gullar, Trad.). FTD Educação.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (1ª). Almedina.
- Barrense-Dias, Y., Berchtold, A., Surís, J.-C., & Akre, C. (2017). Sexting and the Definition Issue. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 61(5), 544–554. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.05.009>
- Barros, S. da C. de, Ribeiro, P. R. C., & Quadrado, R. P. (2015). Sexting na adolescência: Problematizando seus efeitos no espaço escolar. *Perspectiva*, 33(3), 1185–1204. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n3p1185>
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Zahar.
- Brodie, Z. P., Wilson, C., & Scott, G. G. (2019). Sexual intercourse: Considering social–cognitive predictors and subsequent outcomes of sexting behavior in adulthood. *Archives of Sexual Behavior*, 48(8), 2367–2379. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01497-w>

- Cardoso, A. T., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2019a). Sexting na adolescência: Percepções dos pais. *Ciencias Psicológicas*, *13*(1), 19–31. <https://doi.org/10.22235/cp.v13i1.1806>
- Cardoso, A. T., Falcke, D., & Mosmann, C. P. (2019b). Sexting: Percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, *19*(3), 665–685.
- Cardoso Jr., A. de L. (2021). Stage, scene and body in online psychodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *29*(1), 65–70.
- Clancy, E. M., Klettke, B., & Hallford, D. J. (2019). The dark side of sexting—Factors predicting the dissemination of sexts. *Computers in Human Behavior*, *92*, 266–272. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.11.023>
- Conti, M. A., Jardim, A. P., Hearst, N., Cordás, T. A., Tavares, H., & Abreu, C. N. de. (2012). Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, *39*(3), 106–110. <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000300007>
- Cruz, A., Sales, C. M. D., Alves, P., & Moita, G. (2018). The Core Techniques of Morenian Psychodrama: A Systematic Review of Literature. *Frontiers in Psychology*, *9*, 1263. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01263>
- Dekker, A., & Koops, T. (2017). [Sexting as a risk?: On consensual and non-consensual distribution of personal erotic pictures using digital media]. *Bundesgesundheitsblatt, Gesundheitsforschung, Gesundheitsschutz*, *60*(9), 1034–1039. <https://doi.org/10.1007/s00103-017-2595-9>
- Evans, J. D. (1996). *Straightforward Statistics for the Behavioral Sciences*. Brooks/Cole Pub Co.
- Feitosa, L. de S. (2020). *Desvendando o sexting: Como as construções de gênero impactam a dinâmica das mensagens sexuais*. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40475>
- Fleury, H. J. (2020). Psicodrama e as especificidades da psicoterapia on-line. *Revista Brasileira de Psicodrama*, *28*(1), 1–4. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20203>
- Fonseca, J. (2010). *Psicoterapia da relação: Elementos de psicodrama contemporâneo* (Edição revista). Ágora.
- Howard, D., Klettke, B., Ling, M., Krug, I., & Fuller-Tyszkiewicz, M. (2019). Does body dissatisfaction influence sexting behaviors in daily life? *Computers in Human Behavior*, *101*, 320–326. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.07.033>

- Hudson, H. K., & Marshall, S. A. (2018). Consequences and predictors of sexting among selected southern undergraduates. *International Journal of Sexual Health, 30*(1), 20–27. <https://doi.org/10.1080/19317611.2017.1404540>
- IBM Corp. (2017). *IBM SPSS Statistics for Windows* (25.0) [Computer software]. IBM Corp.
- Johansen, K. B. H., Pedersen, B. M., & Tjørnhøj-Thomsen, T. (2019). Visual gossiping: Non-consensual ‘nude’ sharing among young people in Denmark. *Culture, Health & Sexuality, 21*(9), 1029–1044. <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1534140>
- Kooraki, M., Yazdkhasti, F., Ebrahimi, A., & Oreizi, Hamid Reza. (2012). Effectiveness of Psychodrama in Improving Social Skills and Reducing Internet Addiction in Female Students. *ijpcp, 17*(4), 279–288.
- Manoel, D. F., Lordello, S. R., Souza, L., & Pessoa, A. S. G. (2020). Sexting e adolescência: A emergência de novos temas para a psicologia do desenvolvimento. *Revista da SPAGESP, 21*(1), 37–50.
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama* (1ª edição). Cultrix.
- Mori, C., Cooke, J. E., Temple, J. R., Ly, A., Lu, Y., Anderson, N., Rash, C., & Madigan, S. (2020). The Prevalence of Sexting Behaviors Among Emerging Adults: A Meta-Analysis. *Archives of Sexual Behavior, 49*(4), 1103–1119. <https://doi.org/10.1007/s10508-020-01656-4>
- Nery, M. da P., & Costa, L. F. (2008). A pesquisa em psicologia clínica: Do indivíduo ao grupo. *Estudos de Psicologia (Campinas), 25*(2), 241–250. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000200009>
- Poder360. (2021, fevereiro 22). *Nudes na internet: 5% conhecem ou foram vítimas de vazamento, diz PoderData*. Poder360. <https://www.poder360.com.br/poderdata/nudes-na-internet-5-conhecem-ou-foram-vitimas-de-vazamento-diz-poderdata/>
- SaferNet. (2021, junho 30). *Indicadores Helpline*. #INDICADORESHELPLINE. <https://helpline.org.br/indicadores/pt/>
- Soliani, M. L. C. (1998). Realização simbólica e realidade suplementar. In R. F. Monteiro (Org.), *Técnicas fundamentais do psicodrama*. Ágora.
- Souza, L., Lordello, S. R. M., Souza, L., & Lordello, S. R. M. (2020). Sexting e Violência de Gênero entre Jovens: Uma Revisão Integrativa de Literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 36*. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3644>

- Trub, L., & Starks, T. J. (2017). Insecure attachments: Attachment, emotional regulation, sexting and condomless sex among women in relationships. *Computers in Human Behavior*, 71, 140–147. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.01.052>
- Valiukas, S., Pickering, M., Hall, T., Seneviratne, N., Aitken, A., John-Leader, F., & Pit, S. W. (2019). Sexting and Mental Health Among Young Australians Attending a Musical Festival: A Cross Sext-ional Study. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 22(8), 521–528. <https://doi.org/10.1089/cyber.2018.0671>
- Vidal, G. P., & Castro, A. (2020). O Psicodrama clínico on-line: Uma conexão possível. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(1), 54–64.
- Wahba, L. L. (2019). Entre o universal e o particular: A subjetivação simbólica no método junguiano. In I. Kublikowski, E. M. S. P. Kahhale, & R. M. Tosta (Orgs.), *Pesquisas em psicologia clínica: Contexto e desafios*. EDUC.
- Weisskirch, R. S., Drouin, M., & Delevi, R. (2017). Relational anxiety and sexting. *Journal of Sex Research*, 54(6), 685–693. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1181147>
- Wolak, J., Finkelhor, D., Walsh, W., & Treitman, L. (2018). Sextortion of Minors: Characteristics and Dynamics. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 62(1), 72–79. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.08.014>
- Young, K. S. (1998). Internet Addiction: The Emergence of a New Clinical Disorder. *CyberPsychology & Behavior*, 1(3), 237–244. <https://doi.org/10.1089/cpb.1998.1.237>
- Zoja, L. (2016). *Centauri. Alle radici della violenza maschile*. Bollati Boringhieri.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subjetividade contemporânea abriu espaços para as manifestações de erotismo e de possibilidades de parcerias sexuais, assim como potencializou novos esconderijos para dificuldades de relacionamento. Espera-se que este trabalho contribua para compreender ambas as facetas na prática de sexting e troca de nudes, assim como venha a contribuir para a compreensão e pesquisa do fenômeno abordado, especialmente da relação humana com a tecnologia.

Com respeito à clínica, o campo do psicodrama se enriquece com técnicas que abrangem teorias e práticas múltiplas, sem perder seu embasamento essencial. A modalidade de psicodrama online traz uma inovação de atuação em saúde mental, especialmente ao mobilizar pessoas com dificuldade de contato social para buscarem ajuda quando em sofrimento e isolamento. A Internet como possibilidade de conexão pode também abranger maior alcance de atendimento em psicologia, permitindo acesso a serviços de qualidade pouco disponíveis em localidades remotas.

A relevância de pesquisas clínicas que atendem à comportamentos da cultura contemporânea e às demandas emergentes foi contemplada na presente pesquisa com resultados que suscitam ser importante a continuidade das indagações propostas. Enseja-se que futuros estudos venham se somar aos temas propostos a respeito de técnicas psicodramáticas, uso de Internet com sua variante problemática, erotismo e vinculação entre indivíduos e sexting.

ANEXO 1: Questionário Online

Olá!

Sou Aroldo de Lara Cardoso Jr., mestrando no Núcleo de Estudos Junguianos do departamento de Psicologia Clínica da PUC/SP.

Agradeço seu interesse!

Esta pesquisa trata sobre nudes - padrões de uso e sofrimentos. Ela visa fazer uma construção de dados sobre a prática de nudes no Brasil com o intuito de construirmos uma Internet mais segura.

Sua contribuição será muito importante nesse propósito!

Você pode interromper a qualquer momento a sua participação nesta pesquisa; entretanto, considero importantes as suas respostas em todos os itens.

[Apresentação do primeiro TCLE - Apêndice 1]

1. Data de nascimento: __/__/____

2. Local de residência: (Cidade e Estado)

3. Como você se define atualmente ...

a) Quanto ao seu gênero?

Masculino

Feminino

Outro _____

b) Quanto a sua orientação sexual?

Heterossexual

Homossexual

Bissexual

Outra _____

4. Você se encontra atualmente em um relacionamento?

Sim

Não

5. Faz quanto tempo que você se encontra no seu atual relacionamento?

Menos que 3 meses

De 3 a 6 meses

De 6 a 12 meses

De 1 a 2 anos

Mais que 2 anos

6. As redes sociais são uma de suas principais atividades na Internet?

Sim

Não

7. O que é um nude para você?

(Aberta)

8. Você alguma vez enviou nudes seus para outras pessoas?

Sim

Não

9. Se sim, para que?

(Aberto)

10. Considerando os últimos 30 dias ...

a) Quantas vezes você enviou nudes?

1-5

5-10

10-20

20-40

40+

Não tive essa prática nos últimos 30 dias

b) Quais aplicativos você utilizou para enviar os seus nudes?

WhatsApp

Facebook

Instagram

Snapchat

Twitter

Tindr

Happn

Grindr

Scruff

Her

Outros _____

c) Para quem você enviou nudes?

Parceiro(a) romântico(a)

Parceiro(a) casual

Desconhecido(s)

Outro _____

11. Quão satisfeito você se sente com seus nudes?

1	2	3	4	5
Muito	Insatisfeito	Neutro	Satisfeito	Muito
Insatisfeito				Satisfeito

12. Você acredita que existe algum risco em enviar os seus nudes?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

13. Se sim, quais são os riscos?

(Aberto)

14. Você acredita que existe algum benefício em enviar os seus nudes?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

15. Se sim, quais são os benefícios?

(Aberto)

16. Com que frequência você tem um encontro sexual com quem você envia nudes?

1	2	3	4	5
Nunca				Sempre

17. Com que frequência você usa álcool ou outras drogas antes ou durante estes encontros?

1	2	3	4	5
Nunca				Sempre

18. Você chegou a ter um relacionamento com quem você enviou nudes?

Sim

Não

19. Qual foi a duração deste relacionamento? Caso haja mais de um, considere aquele que durou mais. Caso este seja o seu atual relacionamento, indique novamente sua duração.

Menos que 3 meses

De 3 a 6 meses

De 6 a 12 meses

De 1 a 2 anos

Mais que 2 anos

20. Você alguma vez enviou nudes seus sem que lhe fossem solicitados?

Sim

Não

21. Você alguma vez se sentiu pressionado(a) a enviar nudes seus?

Sim

Não

22. Se sim, o que o levou a se sentir pressionado?

(Aberto)

23. Você recebe nudes que outras pessoas enviam diretamente a você?

Sim

Não

24. Se sim, o que você acredita que as outras pessoas querem quando lhe enviam nudes?

(Aberto)

25. Considerando os últimos 30 dias ...

a) Quantas vezes você diretamente recebeu nudes?

1-5

5-10

10-20

20-40

40+

Não tive essa prática nos últimos 30 dias

b) Quais aplicativos você utilizou para receber estes nudes?

WhatsApp

Facebook

Instagram

Snapchat

Twitter

Tinder

Happn

Grindr

- Scruff
- Her
- Outros _____

c) De quem você recebeu estes nudes?

- Parceiro(a) romântico(a)
- Parceiro(a) casual
- Desconhecido(s)
- Outro _____

26. Você alguma vez recebeu nudes que não solicitou?

- Sim
- Não

27. Considerando os últimos 30 dias...

a) Quantas vezes você recebeu nudes que não solicitou?

- 1-5
- 5-10
- 10-20
- 20-40
- 40+
- Não tive essa prática nos últimos 30 dias

b) Em que aplicativos você recebeu nudes que não solicitou?

- WhatsApp
- Facebook
- Instagram
- Snapchat
- Twitter
- Tinder
- Happn
- Grindr
- Scruff
- Her

Outros _____

28. Você alguma vez se sentiu pressionado a enviar o(s) seu(s) nude(s) de volta quando recebeu nude(s)?

Sim

Não

29. Se sim, por quê?

(Aberta)

30. Você alguma vez salvou nude(s) que tirou de si?

Sim

Não

31. Se sim, para que?

(Aberto)

32. Você alguma vez salvou nude(s) que recebeu de outra(s) pessoa(s)?

Sim

Não

33. Se sim, para que?

(Aberto)

34. Considerando os últimos 30 dias...

a) Quantas vezes você salvou nude(s) que recebeu de outra(s) pessoa(s)?

1-5

5-10

10-20

20-40

40+

Não tive essa prática nos últimos 30 dias

a) De quem eram o(s) nude(s) que você salvou?

Parceiro(a) romântico(a)

Parceiro(a) casual

Desconhecido(s)

Outro _____

35. Você acredita que existe algum risco em salvar nude(s) de outra(s) pessoa(s)?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

36. Se sim, quais?

(Aberto)

37. Você acredita que existe algum benefício em salvar nude(s) de outra(s) pessoa(s)?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

38. Se sim, quais?

(Aberto)

39. Você alguma vez compartilhou nudes que foram enviados a você com terceiros?

Sim

Não

40. Se sim, para que?

(Aberto)

41. Considerando os últimos 30 dias ...

a) Quantas vezes você compartilhou nudes com terceiros?

1-5

5-10

10-20

20-40

- 40+
- Não tive essa prática nos últimos 30 dias

b) Quais aplicativos você utilizou para esse compartilhamento?

- WhatsApp
- Facebook
- Instagram
- Snapchat
- Twitter
- Tindr
- Happn
- Grindr
- Scruff
- Her
- Outros _____

c) Com quem você compartilhou os nudes?

- Parceiro(a) romântico(a)
- Parceiro(a) casual
- Desconhecido(s)
- Amigo(s)
- Outro _____

42. Você alguma vez se sentiu pressionado a fazer esse compartilhamento?

- Sim
- Não

43. Por que se sentiu pressionado?

(Aberto)

44. Você acredita que existe algum risco em compartilhar nudes de terceiros?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

45. Se sim, quais?

(Aberto)

46. Você acredita que existe algum benefício em compartilhar nudes de terceiros?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

47. Se sim, quais?

(Aberto)

48. Alguma vez você soube que um nude seu foi compartilhado?

Sim

Não

49. Você participa de grupo(s) na Internet que têm como finalidade compartilhar nudes próprios ou de terceiros?

Sim

Não

Participo de grupo(s) que não têm essa finalidade, mas onde eventualmente acontece esse tipo de compartilhamento.

50. Considerando os últimos 30 dias...

a) Quantas vezes você compartilhou nudes em grupos que você participa?

1-5

5-10

10-20

20-40

40+

Não tive essa prática nos últimos 30 dias

b) Quais aplicativos você utilizou para compartilhar estes nudes?

WhatsApp

- Facebook
- Instagram
- Snapchat
- Twitter
- Tinder
- Happn
- Grindr
- Scruff
- Her
- Outros _____

c) De quem eram os nudes que você compartilhou?

- Parceiro(a) romântico(a)
- Parceiro(a) casual
- Desconhecido(s)
- Amigo(s)
- Outro _____

51. Você acredita que existe algum risco em participar desses grupos?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

52. Se sim, quais?

(Aberto)

53. Você acredita que existe algum benefício em participar desses grupos?

1	2	3	4	5
Nenhum				Muito

54. Se sim, quais?

(Aberto)

55. Você acessa pornografia?

Sim

Não

56. Considerando os últimos 30 dias, quantas vezes você acessou pornografia?

1-5

5-10

10-20

20-40

40+

Não tive essa prática nos últimos 30 dias

57. Durante a quarentena, você percebeu que sua troca de nudes ...

Diminuiu consideravelmente

Diminuiu um pouco

Continuou igual

Aumentou um pouco

Aumentou consideravelmente

58. Durante a quarentena, você percebeu que seu uso de pornografia ...

Diminuiu consideravelmente

Diminuiu um pouco

Continuou igual

Aumentou um pouco

Aumentou consideravelmente

Agradecemos muito a sua colaboração!

Deixe aqui seu contato caso queira ser informado da realização da etapa qualitativa ou caso queira receber o resultado desta etapa.

E-mail: _____

Facebook: _____

WhatsApp: _____

Indique os e-mails de cinco amigos que você acha que gostariam de participar desta pesquisa: (1) _____, (2) _____, (3) _____, (4)_____, (5)_____.

A seguir aplicaremos o instrumento Teste de Dependência de Internet (TDI). Você pode continuar respondendo ao seu critério.

Caso deseje participar da etapa qualitativa, pedimos que responda o instrumento, pois este resultado será importante no mapeamento dos participantes.

59. Teremos uma etapa qualitativa em grupo online com uso de recursos dramáticos. Você gostaria de participar desta etapa?

Sim

Não

[Apresentação do segundo TCLE - Apêndice 2 - e aplicação do instrumento TDI - Anexo 2]

ANEXO 2: Teste de Dependência de Internet (TDI)

Responda as perguntas abaixo considerando o seu uso de Internet e especialmente de redes sociais.

1. Com que frequência você acha que passa mais tempo na internet do que pretendia?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

2. Com que frequência você abandona as tarefas domésticas para passar mais tempo na internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

3. Com que frequência você prefere a emoção da internet à intimidade com seu/sua parceiro(a)?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

4. Com que frequência você cria relacionamentos com novo(a)s amigo(a)s da internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

5. Com que frequência outras pessoas em sua vida se queixam sobre a quantidade de tempo que você passa na internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

6. Com que frequência suas notas ou tarefas da escola pioram por causa da quantidade de tempo que você fica na internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

7. Com que frequência você acessa seu e-mail antes de qualquer outra coisa que precise fazer?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

8. Com que frequência piora o seu desempenho ou produtividade no trabalho por causa da internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

9. Com que frequência você fica na defensiva ou guarda segredo quando alguém lhe pergunta o que você faz na internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

10. Com que frequência você bloqueia pensamentos perturbadores sobre sua vida pensando em se conectar para acalmar-se?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

11. Com que frequência você se pega pensando em quando vai entrar na internet novamente?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre
-----------	----------	----------------	------------	--------

12. Com que frequência você teme que a vida sem a internet seria chata, vazia e sem graça?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

13. Com que frequência você explode, grita ou se irrita se alguém o(a) incomoda enquanto está na internet?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

14. Com que frequência você dorme pouco por ficar conectado(a) até tarde da noite?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

15. Com que frequência você se sente preocupado(a) com a internet quando está desconectado(a) imaginando que poderia estar conectado(a)?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

16. Com que frequência você se pega dizendo “só mais alguns minutos” quando está conectado(a)?

1	2	3	4	5
Raramente	Às vezes	Frequentemente	Geralmente	Sempre

17. Com que frequência você tenta diminuir o tempo que fica na internet e não consegue?

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Raramente Às vezes Frequentemente Geralmente Sempre

18. Com que frequência você tenta esconder a quantidade de tempo em que está na internet?

1 2 3 4 5
Raramente Às vezes Frequentemente Geralmente Sempre

19. Com que frequência você opta por passar mais tempo na internet em vez de sair com outras pessoas?

1 2 3 4 5
Raramente Às vezes Frequentemente Geralmente Sempre

20. Com que frequência você se sente deprimido(a), mal-humorado(a) ou nervoso(a) quando desconectado(a) e esse sentimento vai embora assim que volta a se conectar à internet?

1 2 3 4 5
Raramente Às vezes Frequentemente Geralmente Sempre

Obrigado pela colaboração!

ANEXO 3: Teste de normalidade das variáveis numéricas e ordinais

Variável	Estatística	gl	p-valor*
Idade	0,947	94	<0,001
Escolaridade	0,875	94	<0,001
Tempo relacionamento atual	0,713	94	<0,001
Duração relacionamento enviou nudes	0,824	72	<0,001
Frequência envio nudes	0,751	84	<0,001
Satisfação nude próprio	0,885	84	<0,001
Risco envio	0,811	84	<0,001
Benefício envio	0,895	82	<0,001
Frequência encontro sexual com quem envia	0,830	83	<0,001
Frequência uso drogas nos encontros	0,813	82	<0,001
Frequência recebimento	0,779	84	<0,001
Frequência recebimento (sem solicitação)	0,658	94	<0,001
Frequência recebimento (terceiros)	0,713	52	<0,001
Risco armazenamento	0,837	53	<0,001
Benefício armazenamento	0,811	53	<0,001
Compartilhamento nudes de terceiros	0,585	36	<0,001
Risco compartilhamento nudes terceiros	0,541	35	<0,001
Benefício compartilhamento nudes terceiros	0,478	35	<0,001
Frequência compartilhamento em grupos	0,591	19	<0,001
Risco compartilhamento em grupos	0,820	19	0,002
Benefício compartilhamento em grupos	0,810	19	0,002
Frequência acesso pornografia	0,830	94	<0,001
Frequência troca nudes quarentena	0,831	88	<0,001
Frequência acesso pornografia na quarentena	0,855	86	<0,001
TDI	0,925	94	<0,001

Tabela 2: Teste de normalidade das variáveis numéricas e ordinais

Nota. gl: graus de liberdade

* teste Shapiro-Wilk

Interpretação:

p-valor $<0,05$: não há aderência desta variável à distribuição normal. Portanto, serão utilizados métodos não-paramétricos para a análise estatística dessa variável

p-valor $\geq 0,05$: há aderência desta variável à distribuição normal. Portanto, serão utilizados métodos paramétricos para a análise estatística dessa variável

ANEXO 4: Transcrição da Sessão de Psicodrama

AQUECIMENTO

Cena 1 - Arrependimento (Orlando)

A situação que eu lembrei foi a mais recente que aconteceu na minha vida nessa questão de mandar nudes, porque devido a ela acabou gerando uma complicação muito maior no meu relacionamento, que acabou. Em agosto do ano passado, eu conversei com uma garota, eu acabei terminando com a minha namorada, ficamos um mês terminados, sem contato nenhum, fui mandar mensagem pra essa garota, que eu havia saído algumas vezes, mas nunca chegamos nos finais, acabei mandando mensagem pra ela, conversamos normal, e, de repente, num ponto dessa conversa, nós acabamos entrando nessa parte mais sexual. Então vários sentimentos que foram acontecendo, de todas as vezes que a gente saiu e se falou, acabaram aflorando com esse princípio de conversa, mudança de tópico. Então ela começou a me mandar fotos dela e eu também comecei a mandar fotos minhas. Só que, quando isso aconteceu, eu não gostei, porque eu ainda nutria muito sentimento pela minha ex-namorada e eu não achei aquilo certo. Então, fui, tentei, chamei ela pra conversar seriamente, né, fui, expliquei toda a situação, falei que estava recentemente solteiro, mas que ainda gostava muito da minha ex-namorada e que eu queria conversar com ela pra ver se nós ainda tínhamos a possibilidade de uma outra chance. Essa outra garota ficou extremamente brava, achando que eu a havia usado para alguma coisa e nunca mais nos falamos. Voltei com a minha ex-namorada, ficamos super bem. E, em dezembro, acabou nosso namoro, no Natal, acabou. E por diversas questões, principalmente por parte dela, que não vem ao caso, no momento, e eu aproveitei esse término pra tirar um tempo pra mim e sentar comigo mesmo pra organizar minha vida e tentar começar meu 2021 bem. Então eu fui, fiz uma autorreflexão comigo mesmo e decidi que muitos pontos da minha vida precisavam mudar, que eu não enxergava, que eu precisava realmente mudar e eu decidi colocar isso em prática. E minha primeira atitude foi pedir desculpas pra qualquer pessoa que um dia eu prejudiquei, que um dia eu já fiz mal. Mande mensagens pra algumas dessas pessoas, pedindo desculpas sinceras, explicando tudo que aconteceu, falando que eu estava em um processo para começar meu 2021 diferente, pra ser uma pessoa melhor. A maioria aceitou tranquilamente, numa boa, até ficaram felizes, e muitos acabaram me pedindo desculpas, porque foi uma via de mão dupla, não fui só eu que prejudiquei, mas também fui prejudicado em alguns pontos, e

resolvi mandar mensagem pra essa menina que eu conversei enquanto eu estava solteiro, durante esse mês que eu havia terminado com a minha namorada. Mande mensagem pra ela, explica toda a situação, pedi desculpas, fulana, estou pedindo desculpas por tudo que aconteceu, naquele tempo eu não agi certo, é isso, não chamei pra sair, não chamei pra fazer nada, somente pedi mensagem pedindo desculpas. Aí, eu não sei o que se passou pela cabeça dela que ela não acreditou, eu realmente sendo sincero em pedir desculpas, e ela foi mandar toda a conversa que tivemos pra minha ex-namorada. Minha ex-namorada viu tudo aquilo, principalmente as fotos que nós trocamos – não sei se ela mostrou fotos dela também, acredito que só tenha mostrado a minha parte –, minha ex-namorada, nós já estávamos terminados, isso aconteceu no dia 2 de janeiro, que eu tive a conversa com essa garota, e a partir desse momento a minha ex-namorada colocou na cabeça dela que eu a traí, com essa menina. Mesmo estando solteiros na época, ela acha que eu a traí com essa menina. Depois disso, eu parei pra pensar, depois de algumas semanas eu parei pra pensar o quanto, se você for realmente mandar nudes pra uma pessoa, o quanto você precisa ter certeza da pessoa pra quem você vai mandar. É bom, é gostoso, é legal, atíça, dá vontade, mas você tem ali, você está dando pra outra pessoa, como eu posso dizer... Uma arma que ela pode um dia atirar contra você. Você está armando a outra pessoa pra um dia ela te ferir. Então... A partir desse momento, eu peguei trauma. Não consigo mais fazer ou receber.

Cena 2 - Desespero (Rebeca)

Eu ia contar uma história minha, mas depois da história do Orlando eu vou contar a história da minha melhor amiga, porque eu sofri junto com ela e é meio que minha história também. Essa minha amiga foi sempre muito dada, literalmente dada mesmo, de sair dando em cima de qualquer um, e nunca foi de não mandar nudes, ela sempre mandou e sempre recebeu muitas. Até que um dia ela me liga e fala “eu não sei o que fazer”. Eu perguntei: o que foi? O cara X está me ameaçando, se eu não passar o telefone de uma outra menina pra ele, ele tem fotos minhas, ele entrou no meu Instagram e pegou foto da minha mãe, disse que vai colocar na Internet, eu não sei o que eu faço. Só que ela não mora perto de mim, ela mora em outra cidade. Por isso, você vai sentar à mesa, você vai contar pra sua mãe o que está acontecendo e vocês vão pra delegacia. Porque estão ameaçando ela, o cara sabia que ela tinha namorado, tinha o nome, assim... Ela chegou a ir à delegacia, até. O cara apareceu mais umas duas ou três vezes. Mas por algum motivo, depois ele sumiu. [Inaudível] Você não sabe se vai vazar foto sua, você não sabe o que a

pessoa vai falar pros outros. E uma coisa, tipo, meio foda é que vai acontecer com qualquer um. Que pode acontecer com qualquer um.

Cena escolhida para dramatização: Cena 1 - Arrependimento (Orlando)

AQUECIMENTO PARA A TOMADA DE PAPEL

Pesquisador: Como é o João?

Orlando: João é um cara extremamente inteligente. Só que ao mesmo tempo que ele é extremamente inteligente, ele é extremamente preconceituoso.

Pesquisador: Em que sentido?

Orlando: Ele é homofóbico.

Pesquisador: Homofóbico?

Orlando: É.

Pesquisador: E faz piadinhas o tempo todo.

Orlando: Não o tempo todo.

Pesquisador: De vez em quando?

Orlando: Ele também é um cara bem sistemático. Ele não se permite sair muito da zona de conforto dele. Então ele não é aberto a novas experiências. Ele também é extremamente machista, bastante, muito mesmo, e super sedentário.

Pesquisador: E se tivesse uma frase que o define, qual seria a frase?

Orlando: Uma frase que o define? Metódico.

Pesquisador: E a Vitória? Como ela é?

Orlando: A Vitória passou por experiências [inaudível] na vida dela. A Vitória foi adotada por um casal muito bom. A Vitória é uma pessoa muito esforçada, muito também dedicada, só que também fica muito em cima do muro, porque a Vitória não sabe se gosta de homem ou de mulher.

Pesquisador: Ela se define como? Bissexual?

Orlando: Sim. Já tendo relacionamentos dos dois lados. Com os dois gêneros. E a Vitória também é uma pessoa que gosta muito de instigar. Mas na hora que a pessoa chega junto, a Vitória recua. Ou seja, a Vitória gosta de provocar, mas não gosta de ser colocada contra a parede.

Pesquisador: Ela provoca, inclusive, sexualmente?

Orlando: Sim. E a Vitória não acredita que as pessoas possam mudar de uma maneira genuína. Não acredita também num pedido de desculpa se for de uma maneira genuína.

Pesquisador: Se tivesse uma frase pra ela, qual seria, que a define?

Orlando: Perdida.

[Amauri fica como João e Rebeca como Vitória. Amauri fica também como Nude quando João não estiver em cena]

Pesquisador: Orlando, vocês estão no quarto do João, na casa dele, e você pega o celular para chamar a Vitória. Eu vou desaparecer aqui simbolicamente pra vocês poderem fazer a cena.

Amauri: Só uma pergunta: como o João te chama?

Orlando: Meninão.

Amauri: Meninão?

Orlando: É. Eu tenho um metro e noventa.

Amauri: Ah, faz sentido.

Orlando: Tá bom.

Amauri: Tá bom.

Pesquisador: Quando quiser entrar em cena, liga o vídeo e, se quiser sair de cena, desliga o vídeo. O palco é de vocês.

DRAMATIZAÇÃO

[Estão em cena João, Orlando e Vitória, enquanto Orlando joga videogame na casa de João e Vitória está em outro lugar]

Orlando: Oi Vitória. Tudo bem?

Vitória: Oi Ma. Tudo, e você?

Orlando: Estou bem, também. Eu vi que você comprou um novo apartamento, parabéns, viu? Eu fiquei muito feliz de ver que você está conquistando suas coisas.

Vitória: Obrigada. Eu trabalhei muito pra conseguir ele. Você sabe!

Orlando: Eu sei o quanto você trabalhou e eu sei o quanto você merece, viu? Principalmente, o quanto você é esforçada e vai atrás do que você quer.

João: E aí, meninão? Está mandando mensagem? E aí, como é que está sendo aí?

Orlando: Não, eu estou conversando com uma amiga minha aqui.

João: Com quem? O que você está... É uma que já está no papo, já?

Orlando: Não, estou só conversando aqui normal com ela

Vitória: E aí, Ma, está fazendo o que?

Orlando: Ah, eu estou na casa de um amigo aqui jogando videogame e daqui a pouco a gente vai sair pra comer.

Vitória: Hm, o que vocês estão jogando de bom?

Orlando: A gente está jogando Skyrim.

João: Não vai prestar atenção aqui, meninão? Vem pra cá e fica aí distraído, pô!

Orlando: Aguenta aí que eu estou resolvendo um negócio. Joga aí.

[João sai de cena]

Vitória: E vocês vão sair pra comer o que?

Orlando: A gente vai no BK daqui a pouco, no Burger King aqui perto da casa dele.

Vitória, eu te mandei mensagem porque eu queria conversar com você sobre uma coisa.

Vitória: Fala.

Orlando: Lembra de tudo que aconteceu com a gente em agosto, que você me mandou foto e eu te mandei foto?

Vitória: Sim.

Orlando: Lembra?

Vitória: Claro que eu lembro.

Orlando: Que bom. Eu sinto que não tive a oportunidade de pedir desculpas do jeito certo naquela época. Então... E aconteceram algumas coisas na minha vida... E eu sentei comigo mesmo, fiz uma autorreflexão e decidi que em 2021 vou fazer tudo diferente. Então, por isso, eu quero pedir desculpas do fundo do meu coração, pelas coisas que aconteceram com a gente lá em agosto.

Vitória: Mas foram coisas boas. Por que você está pedindo desculpas?

Orlando: É que para mim não foram coisas boas. E eu não gostei do rumo que a nossa conversa acabou... Acabou levando.

[Rebeca fica envergonhada]

Rebeca: Calma, que a criatividade está ruim, gente.

Pesquisador: Re, lembra que a Vitória...

Rebeca: Eu sei, estou lendo aqui. Mas é que a criatividade está difícil.

Pesquisador: Ela gosta de provocar e instigar. Então pensa no seu lado provocativo e de instigar... E manda ver.

[Retoma a cena]

Vitória: Qual foi a última coisa que você falou, mesmo?

Orlando: Que eu quero te pedir desculpa do fundo do meu coração por tudo que aconteceu com a gente.

[Nude entra em cena com luminária na sua frente, iluminando-o parcialmente]

Nude: Ah, agora, né? Ah... Estava todo bonitão aqui e agora... Está querendo mudar de ideia! Ah... Cadê? Eu aqui, ó! Eu aqui, ó! Toda peladona. E agora você quer mandar desculpa? Ah, esse negócio está errado aí! Que é isso? Hm.

[Nude sai de cena]

Orlando: Eu... Quero pedir desculpa porque eu não queria ter ... Ter recebido sua foto. Ter visto o que eu vi.

Vitória: Mas você mandou também.

Orlando: Sim. Eu sei que eu mandei. E eu me arrependo muito de ter feito aquilo... Porque não foi legal, não foi uma atitude madura da minha parte.

Vitória: E se eu quisesse continuar mandando?

Orlando: Se você quisesse?

Vitória: Se eu quiser continuar mandando pra você?

Orlando: Eu não vou receber.

Vitória: E se eu mandasse um agora?

Orlando: Eu não, eu não... Eu não ia receber, eu não ia baixar a foto. Eu ia excluir.

Pesquisador: Congela.

Orlando: Eu não quero mais... Não quero mais saber disso.

[Pesquisador entrevista os atores]

Pesquisador: Congela um pouco. Orlando, como você está se sentindo nessa situação?

Orlando: Estou bem. É que eu só estou tentando encaixar tudo que aconteceu de acordo com o que o Amauri e a Rebeca estão fazendo. A interpretação deles.

Pesquisador: E como você está se sentindo dentro dessa situação que a Vitória está pedindo, está perguntando, o que você faria se você recebesse um nude dela agora?

Orlando: Está me fazendo mais ainda nunca mais querer receber um.

Pesquisador: E provocando, ela?

Orlando: Está me provocando, mas não vai conseguir, não.

Pesquisador: Não vai conseguir?

Orlando: Não.

Pesquisador: E você, Vitória, como que você está aí, querendo provocar o Orlando com um nude?

Vitória: Nossa! Eu mandaria. Eu não ia nem perguntar, eu iria mandar! [Risadas] Brincadeira.

Pesquisador: Manda sem solicitar?

Vitória: Não, depende do assunto, né?

Pesquisador: Nude, você...

Rebeca: Mas...

Pesquisador: Ah, desculpa, pode falar.

Rebeca: Não, pode aparecer. É que... É que vai muito do que a pessoa está falando, mesmo.

Nude: Posso aparecer aqui?

Pesquisador: Aparece, nude.

Orlando: Meu Deus.

Nude: Só um minuto. Diga.

[Nude entra em cena com luminária na sua frente, iluminando-o parcialmente]

Pesquisador: Como você está aí com a Vitória ameaçando te enviar por pura pressão para o Orlando?

Nude: Eu sempre funciono. Todo mundo cai no meu papo.

Pesquisador: Você provoca.

Nude: Eu provoço. Eu sirvo pra isso, né? Mas eu sei de uma coisa: eu estou aqui, preenchendo aqui, estou preenchendo, estou preenchendo.

Pesquisador: E como você se sente com essa ameaça, de... Eu vou te mandar pro Orlando, agora?

Nude: Eu sempre tive, né? Às vezes, eu me sinto um pouco usada aqui, nesse papel de manda, não manda, parece um cartão postal! Pô! Mas... Eu sei que eu vou servir de... Pra chamar a atenção.

Pesquisador: Pra chamar a atenção. Do Orlando?

Nude: É. Chamar a atenção do Orlando. Eu sei que ele quer me ver. Eu sei! Mas eu estou me sentindo um pouco usada também, né? Um pouco ruim, às vezes, né?

Pesquisador: Obrigado, nude. Agora eu vou sair de cena e vocês podem continuar essa conversa.

[Retoma a cena]

Orlando: Não, Vitória, eu não quero que você mande, não precisa mandar e, se você mandar, eu vou excluir na hora. Eu estou aqui só para te pedir desculpas, por tudo que aconteceu entre a gente, eu quero ser uma pessoa nova, uma pessoa diferente, melhor, em todo os sentidos, e eu só vim aqui só pra te pedir desculpas, só isso. Eu estou...

Vitória: Você pode ser uma pessoa nova e a gente continuar se falando.

Orlando: Não quero. Eu acabei de terminar o meu relacionamento, eu não estou com cabeça para entrar em outro, nem tão cedo.

Vitória: Você não está num relacionamento, eu ajudo você a esfriar a cabeça.

Orlando: Não, obrigado. Desse jeito, eu não quero. É só isso que eu tenho pra te falar.

Vitória: Posso te bloquear e excluir?

Orlando: Me desculpa por tudo que aconteceu. E fica bem. Se você quiser continuar sendo minha amiga, a gente pode, mas, outra coisa, não mais.

Vitória: Está claro que isso não vai dar certo.

[Pesquisador entrevista os atores]

Pesquisador: Congela essa cena. Como você está, Orlando, nela?

Orlando: Estou bem. Estou bem, Aroldo. Foi exatamente o que eu falei para ela.

Pesquisador: Foi exatamente o que você falou? E ela aceitou tão bem assim?

Orlando: Não.

Pesquisador: O que aconteceu?

Orlando: Ela falou que não acreditava na minha mudança, que eu só iria realmente mudar quando eu parasse de brincar com os sentimentos das pessoas e que eu só mandava mensagem pra ela quando eu term... Quando eu estava mal com a minha ex. E que ela também não se sentia pronta pra voltar a ser minha amiga e conversar comigo normal. E eu falei pra ela, eu falei, não, tudo bem, eu não estou cobrando nada, eu só estou aqui pedindo desculpas pelo que aconteceu, né, por todo o ocorrido, não estou pedindo pra você voltar a ser minha amiga, não estou pedindo pra gente sair, pra gente se encontrar, fazer qualquer coisa juntos, eu só vim aqui, pura e simplesmente, pedir desculpas, só isso. Ah, ela falou, não acredito que você mudou, tarara, tarara... E. uma hora depois, ela mandou toda a conversa que a gente teve pra minha ex.

[Pesquisador convida os atores a tomar outro papel]

Pesquisador: Então, vamos fazer o seguinte: Re, sai um pouquinho de cena e, Orlando, eu vou pedir para você ser a Vitória. Você pode ser a Vitória?

Orlando: Vou tentar.

Pesquisador: Amauri, será que você pode ser o Orlando?

Amauri: Já sou.

Pesquisador: Agora vamos seguir essa conversa, o Orlando sendo a Vitória e o Amauri no papel de Orlando.

[Volta para a cena]

Orlando: Então, Vitória, é isso, eu estou vindo aqui pra te pedir desculpas por tudo que aconteceu, de eu ter aceitado um nude seu, e... Por tudo isso. E eu.. Estou pedindo desculpas sinceras.

Vitória: Ok, Orlando. Sinceramente, eu não acredito que você mudou, porque... Tudo que você fez foi muito babaca, foi muito idiota da sua parte, eu estava lá... Você sabe o quanto eu gosto de você, você sabe o... Você não faz ideia do quanto você... Criou expectativa em cima de mim com aquela conversa, e... Eu não acredito no seu pedido de desculpas, eu acho que você só vai mudar quando você parar de brincar com os sentimentos de outras pessoas, quando você... Parar de imaginar que as outras pessoas são brinquedos... Que

você pode jogar fora a qualquer tempo, e eu não estou pronta para voltar a ser sua amiga e não quero mais conversar com você. Você só me procura quando você está mal com a sua namorada. E eu não sou... Não estou aqui pra ser estepe de ninguém.

Orlando: Eu entendo a sua posição... Eu não estou te pedindo muito, né, muito mais além disso... Eu só vim aqui realmente te pedir desculpas sinceras, porque é o que eu estou sentindo, resolvi voltar um pouco atrás, rever meus atos e estou pedindo desculpas sinceras. Se você não se sentir à vontade de voltar agora de falar comigo, eu até entendo, mas... Eu estou te pedindo desculpas sinceras.

Vitória: Não, está tudo bem. Realmente melhor deixar coisas do jeito que está porque eu não estou pronta pra ser sua amiga. Deixa as coisas do jeito que estão. É melhor assim, principalmente pra mim.

[Pesquisador pede pela entrada do Nude]

Pesquisador: Congela. Rebeca, você pode entrar no papel do nude?

Rebeca: Claro! Deixa eu só colocar outro papel de parede.

[Rebeca muda o seu fundo eletrônico, que era de uma imagem de deserto, para uma imagem do Universo e retoma a cena]

Nude: Vai, me envia, você está querendo mandar pra intrigar lá, eu sei você quer, eu sei que ele quer ver, não perde a chance! Aproveita! Já que vai ser a última chance mesmo, então tenta, corre atrás!

Orlando: Eu acho que ela não está me entendendo que... Eu estou sendo sincero. Eu estou sendo sincero aqui. Mas eu estou fazendo meu papel, né, eu estou enviando... Estou pedindo desculpas pra ela. Eu sei que eu fiz uma coisa... Eu sei que ela está chateada, porque eu procurei ela quando me senti um pouco sozinho, mas...

[Nude sai de cena]

Orlando: Né, estou pedindo desculpas sinceras aqui. Mas estou vendo que ela não está aceitando, não está muito vendo que estou pedindo desculpas mesmo. Não sei o que fazer, né. Fico um pouco chateado, mas estou fazendo a minha parte. Estou fazendo a minha parte.

Vitória: Esse Orlando é um filho da puta.

[Nude aparece na tela]

Vitória: Ele acha que eu sou trouxa, que eu sou idiota.

[Nude desaparece da tela]

Vitória: Ele acha que vindo aqui pedindo desculpas vai resolver tudo que aconteceu. Só me procura quando está mal com a namorada dele. Agora ele vai ver o que é bom. Ele me desprezou naquele tempo, não quis ficar comigo, agora ele vai ver o que é bom. Agora ele vai sentir na pele o que eu senti.

Orlando: O que será que essa menina vai fazer? Será que ela vai fazer alguma coisa? Acho que não, hein.

[Nude entra em cena com fundo eletrônico de Universo]

Nude: Vou passear de chats. Vamos passear de chats!

Orlando: Será que ela vai fazer alguma coisa? Acho que não, acho que ela só está chateada, hein.

[Nude sai de cena]

Vitória: Quer saber de uma coisa? Eu vou mandar toda a conversa que a gente teve pra ex-namorada dele. Pra ela ver quem é realmente o verdadeiro Orlando. Deixa eu adicionar ela aqui no Instagram.

Orlando: Vitória... Então é isso, tá? Eu espero que a gente consiga voltar a se falar. Eu sinto muito mesmo. Desculpa mesmo, tá? Fica bem aí, estou feliz que você conseguiu seu apartamento, você é muito esforçada, e... Eu acho que é isso. Então desculpe mesmo, aí, e... Eu estou aqui se você precisar de mim, tá?

Vitória: Tá bom. Obrigada. Mas não vou precisar, não.

[Pesquisador entrevista os atores]

Pesquisador: Congela um pouquinho. Nude, como que você está aí?

Orlando: O nude já não é mais o nude.

[Nude aparece na tela]

Rebeca: Eu ia mudar, poxa! Eu ia mudar meu papel pra causar mais.

Pesquisador: Você é a ex! Ótimo. Segue. Pode seguir.

[Retoma a cena agora entre Orlando e sua ex, em que Rebeca aparece sobre fundo eletrônico do Universo como no papel de Nude]

Ex: Orlando! Que história é essa que você está saindo com a Vitória? Você estava saindo com ela enquanto a gente estava namorando também?

Orlando: Eu não estou saindo com ninguém. Quem te falou que eu estou saindo com alguém?

Ex: Está na cara! Eu já sei de tudo.

Orlando: O que você sabe, pelo amor de Deus? O que está acontecendo?

Ex: De tudo que você fez!

Orlando: O que que eu fiz?

Ex: Tudo! A Vitória me falou tudo que aconteceu com vocês. Você estava saindo com ela enquanto a gente estava namorando, é isso?

Orlando: Não, eu nunca saí com ela enquanto a gente estava namorando. De onde você tirou isso?

Ex: Pare de mentir! Conta a verdade!

Orlando: Eu estou te falando a verdade! Não tenho por que mentir pra você!

Ex: Não está! Ela está me mandando coisas de vocês antigas!

Orlando: Meu... Se ela está te mandando coisas que aconteceu entre a gente, tudo que ela deve estar mandando pra você aconteceu enquanto a gente estava solteiro, enquanto eu você, a gente estava terminado ... E a gente passou um mês longe um do outro.

Ex: Você está mentindo, Orlando. Eu sei que é de antes disso.

Orlando: Eu não estou mentindo pra você. Eu não tenho por que mentir pra você.

Ex: Eu sentia isso. Eu sabia que era de antes disso!

Orlando: Eu não estou mentindo pra você, eu não tenho pra que mentir pra você. Eu só fui mandar mensagem pra ela pedindo desculpas, eu sentei comigo mesmo e eu decidi

que eu iria fazer diferente no meu 2021 e que eu iria começar o meu ano bem. E eu comecei pedindo desculpas para as pessoas que um dia eu fiz mal. E eu fui... E eu... A única coisa que eu mandei pra ela foi pedindo desculpas por tudo que aconteceu entre a gente. Mas tudo que aconteceu, a gente estava solteiro. E a gente tinha terminado. E eu não te devia satisfação e você não me devia satisfação. Então, eu e você, a gente podia fazer o que quisesse, com quem quisesse, quando quisesse. Agora, se ela está te mandando...

Ex: Já vi que você não vai mudar mesmo!

Orlando: Então, se ela está mandando esse monte de print aí, eu não tenho culpa nenhuma! Eu não te traí, não fiz nada contra você.

[Pesquisador entrevista os atores]

Pesquisador: Congela um pouco.

Ex: Cadê o amigo do Matheus?

Orlando: E foi exatamente isso o que aconteceu.

Pesquisador: Ex, o que você espera que o Orlando mude?

Rebeca: Olha... Ia ser interessante se ele mudasse. Mas o que seria mudar?

Pesquisador: Mudar o que?

Rebeca: Porque... Quando terminar, acabou a confiança, né?

Pesquisador: Então você sente que, quando terminou, acabou a confiança, porque, se ele quisesse ficar com você, ele não deveria ter mandado nudes para outra menina.

Rebeca: Por aí.

Pesquisador: Mandar nudes parece que é a mesma coisa que ficar com outra menina, porque eles não ficaram, né?

Rebeca: Eu diria “dois pesos, duas medidas”.

Pesquisador: Dois pesos e duas medidas?

Pesquisador: E você, Orlando, como está aí, com sua ex pedindo pra você mudar?

Orlando: Um sentimento de hipocrisia. Porque a mudança tinha que partir só de mim, nunca dela.

Pesquisador: E mudar o que?

Orlando: É... É o momento de eu contar a minha história, o que realmente aconteceu?

Pesquisador: É uma longa história?

Orlando: Ou dentro do que... Não... Não tão longa assim. Ainda dentro do contexto do nosso...

Pesquisador: Não, só... O que ela quer que você mude?

Orlando: Ela queria que eu fosse uma pessoa que vivesse só por ela. Eu não podia mais conversar com minhas amigas, eu não podia mais sair com meus amigos... E... Ela só cobrava mudança da minha parte, mas da parte dela não tinha, sabe? Porque... Ela é uma pessoa extremamente ciumenta, desconfiada. Ela achava que eu a traía a torto e a direito, com a torcida do Flamengo e do Corinthians junto, sendo que não era nada disso. Eu nunca menti pra ela, nunca precisei mentir, nunca escondi nada do que aconteceu. Mas ela sempre estava ali, desconfiando, sempre achava que eu tinha outra, que eu ficava flertando com qualquer mulher do meu celular, que eu já tinha ficado com todas as minhas amigas... Então ela me cobrava uma mudança, mas ela também não... Em contrapartida, ela não se cobrava também uma mudança. Porque... Ela sofreu um abandono do pai, quando ela tinha 12 anos o pai saiu de casa e ela teve um relacionamento de 12 anos, onde nos últimos 7 anos do relacionamento ela só foi traída. Então, ela acredita que isso sempre vai acontecer, com qualquer pessoa que ela se relacione. Então ela quer sempre estar no controle, ela queria sempre estar mexendo no meu celular pra ver com quem eu conversava ou deixava de conversar... Queria saber com quem eu já tinha ficado... Essas coisas.

Pesquisador: Nude, você está aí?

Nude: Eu estou.

Pesquisador: Pode aparecer e falar como que você está aí?

[Nude entra em cena com luminária na sua frente, iluminando-o parcialmente]

Nude: Olha... Dependendo de quem eu sou, às vezes é porque eu estou querendo só demonstrar um pouquinho de afeto, né? É isso.

Pesquisador: Você só quer mostrar um pouco de afeto?

Nude: É, ué! Eu estou me mostrando aqui, olha eu aqui, ó! Estou como vim ao mundo, como assim? Quer uma coisa mais íntima do que essa? Eu estou me mostrando, poxa! Um pouco de afeto que eu estou dando. Na verdade, estou querendo receber.

Pesquisador: Você está querendo receber o afeto, é isso?

Nude: Eu sou o ingresso do afeto que eu recebo. Eu sou o ingresso, eu que sou o ingresso.

Pesquisador: O afeto você quer dizer a intimidade?

Nude: Exato. Ué, quem não gosta de mim? Quem não gosta de mim? Todo mundo gosta de mim! Não é? Todo mundo gosta de mim. Vai mentir! Alguém aí não gosta de mim? Todo mundo gosta de me ver, um dia... Ou outro.

[Nude sai de cena]

Pesquisador: Eu queria perguntar, Orlando, essa cena tem um fim ou ela termina assim?

Orlando: Com a minha ex?

Pesquisador: Essa cena que a gente está criando agora.

Orlando: Ela termina.

Pesquisador: Ela ainda tem um fim ainda ou ela termina por aqui?

Orlando: Não, ela termina. [Mãe abre a porta do quarto] Não, mãe, depois eu vou... Desculpa, estou falando com a minha mãe, perdão. [Mãe sai do quarto] Então, Aroldo, essa cena termina assim. Com a minha ex falando um monte pra mim... Falando que só perdeu tempo comigo, que... Eu não a merecia... Que... Eu merecia ser corno a vida inteira... Que eu só desperdicei o amor dela... Que ela fazia de tudo por mim, e eu estava agindo de safadeza nas costas dela... E que... Por fim, ela terminou... A conversa terminou com ela me bloqueando do WhatsApp e do Instagram.

[Pesquisador usa técnica da realização simbólica]

Pesquisador: Então eu queria te convidar a poder dar um outro fim, o fim que você deseja pra essa cena. Como se você pudesse dar qualquer fim pra ela – mas dentro do seu papel de Orlando.

Orlando: O que eu gostaria que tivesse acontecido?

Pesquisador: Isso. Mas dentro do papel, na cena, não só contar o que você quer, mas agir. Pode ser?

Orlando: Pode ser.

Pesquisador: E eu vou convidar o nude a voltar também. Então pode fazer o que você quiser na cena. E dê o fim que você quer pra ela.

Orlando: Tá bom.

[Retoma a cena]

Orlando: É isso. Tudo isso que aconteceu entre mim e a Vitória não significou nada pra mim. Por favor, acredite. Quem eu amo é você, eu não a amo e nunca a amei. Nós só saímos algumas vezes, mas nunca aconteceu nada entre a gente. Das quatro vezes que a gente saiu, a gente só se beijou uma vez. E ela nunca quis nada sério comigo, porque ela sempre estava indecisa se realmente queria me namorar ou se queria namorar uma menina. Então, eu parei de... De... Correr atrás dela. Mas saiba que é de você que eu gosto, que é com você que eu quero ficar junto, que é você que eu amo e é com você que eu quero passar o resto da minha vida, não é com ela, tanto que eu poderia... Tanto que eu preferi ficar com você do que ficar com ela. Porque é de você que eu gosto, não dela.

Ex: Eu até acredito no que você está falando, mas... Eu não sei se eu tenho confiança pra gente continuar junto agora.

Orlando: Eu entendo que você não tenha confiança agora pra gente voltar e ficar juntos. Mas, por favor, acredite que eu não te traí, eu não te traí. Todas essas conversas que eu tive com essa... Com essa... Com a Vitória, foram em um momento em que a gente estava separado, que a gente havia terminado, e, que você não me devia satisfação, você podia ter saído com quem você quisesse e eu também poderia ter saído com quem eu quisesse. Uma vez você me perguntou... O dia que a gente sentou, conversou e decidimos voltar, você me perguntou se eu tinha ficado com alguém. Eu falei que eu não tinha ficado com ninguém, mas que eu tinha feito coisas das quais eu me arrependia demais, coisas das quais eu não me orgulhava. E essa conversa que aconteceu com essa menina foi umas dessas coisas das quais eu não me orgulho.

Ex: Tudo bem, eu acredito.

Orlando: Acho que você pode voltar, Aroldo.

Pesquisador: Nude, você está aí?

[Nude entra em cena iluminado parcialmente pela luminária]

Nude: E eu, como é que eu fico nessa história? Pra que eu sirvo? E agora? E aí, que que eu sirvo agora?

Orlando: Você só serviu pra me fazer enxergar que ficar mandando foto pra outra pessoa não é nada bom e que, se for mandar, tem que ter muita certeza pra quem você vai mandar, porque... Isso é muito perigoso. E acredite: eu não fiquei nada feliz em receber você.

Nude: Ah, então eu sou só um joguinho!

Orlando: Não, você não foi só um joguinho, você foi uma consequência de algo que eu não gostei.

Nude: Hm.

Orlando: E que eu tentei resolver, só que a outra pessoa não teve maturidade suficiente pra entender a situação.

Nude: Entendi. Ah... Mas eu... Posso continuar existindo?

Orlando. Não. Não mais na minha vida.

Nude: Hm. Nem um pouquinho, assim? Alguém que você goste?

Orlando: Nada.

Nude: Entendi.

[Nude sai de cena]

Pesquisador: Fechamos?

Orlando: Fechamos.

[Pesquisador convida os participantes a sair do papel]

Pesquisador: Antes de sair de cena, queria que cada um, no papel que está, Orlando, Vitória e Nude, pudesse dizer uma frase. Então, você diz uma última frase na personagem e sai de cena.

Ex: Eu vou me vingar.

Orlando: Me desculpa.

Nude: Poxa, eu sou muito mal compreendido. Todo mundo não sabe me usar direito! Sou muito mal compreendido.

[Fim da dramatização]

PROCESSAMENTO SIMBÓLICO

Pesquisador: Eu queria agora que a gente ficasse com essa imagem do nude. Como ficou o nude para vocês? Ele ficou diferente ou ele foi transformado?

Orlando: Pra mim totalmente. Pra mim ficou algo... Algo que eu não sinto mais vontade de receber ou de mandar. Não sei dizer, Aroldo, acho que pra mim ficou como... Algo irrelevante, sabe?

Pesquisador: E você...

Orlando: Sério, gente, peguei trauma desse negócio.

Rebeca: Eu entendo.

Orlando: Acho que agora vocês entendem por que eu fiquei traumatizado. Até escrevi isso no questionário, né, Aroldo, o quanto eu fiquei traumatizado.

Pesquisador: E você, Rebeca?

Rebeca: Eu não sou muito de mandar nude. Nunca gostei. Sempre falo isso pra pessoas, porque apesar de todo mundo gostar, sentir, tesão, pra mim é só uma foto. Então eu entendo total o Orlando, eu não faço questão de mandar, de enviar. A maioria das vezes que eu enviei foi porque a pessoa falou manda, vai, eu também mando alguma coisa, mas também nunca fui muito de mandar muito. Tipo, da barriga pra cima.

Pesquisador: E depois dessa experiência que a gente teve com a dramatização em grupo? Como ficou o nude pra vocês? Ele ficou diferente?

Rebeca: Eu vou continuar não enviando. Você pegou duas pessoas que não gostam muito de nude, olha só que legal! Eu não vou falar nunca mais. Igual a menina que eu interpretei, a Vitória, eu gosto de provocar as pessoas, mas... Não é uma coisa que... Gente, só a cara de anjo.

Pesquisador: E você, Orlando? Ficou diferente?

Orlando: Ficou sim. Com a experiência, eu acredito que eu consegui me colocar um pouco no lugar da Vitória e também da minha ex na hora que aquilo aconteceu. Acredito realmente que eu consegui fazer isso, ter essa empatia de me colocar no lugar delas. Não que eu já não tivesse feito isso antes, eu sou uma pessoa muito empática, naturalmente, desde sempre, mas agora com essa dramatização ficou bem mais claro, sabe, a parte da Vitória, a parte da minha ex, de receber aquilo, sendo que ali são fotos do ex-namorado dela, só que recebendo de uma outra mulher, sabe, eu vejo também a Vitória ... Não sei, não digo no sentido de ela se sentir usada, mas acho que no sentido de ela ter se sentido... Ter ficado frustrada, né? Porque a gente estava ali naquela conversa apimentada, aí vamos combinando de se encontrar, ir pros finalmentes e de repente eu falo, ah, me desculpa, mas eu gosto da minha ex. Não que isso justifique a atitude que ela teve, mas eu entendo. Eu entendo a frustração que ela teve.

Pesquisador: Se o nude fosse uma imagem, que imagem seria agora para vocês?

Orlando: Acho que se eu pudesse tirar uma foto, seria do meu mês de janeiro todo, que eu passei dentro do quarto chorando. Todos os dias. Pra mim, seria essa a imagem.

Pesquisador: Ela te evoca outras imagens?

Orlando: Quem, eu? Desculpe.

Pesquisador: Essa imagem evoca outras imagens?

Orlando: Não, ela se expande. Ela se expande pra eu perceber que não preciso daquilo pra conhecer alguém, pra ter vontade de fazer algo com alguém, eu posso deixar as coisas fluírem naturalmente. E que ... O quanto isso me prejudicou e o quanto eu não quero passar por aquela situação de novo, nunca mais na minha vida.

Pesquisador: E você, Rebeca, se o nude fosse uma imagem, que imagem seria agora para você?

Rebeca: Boa pergunta. Não sei. Eu não estou pensando muito não.

Pesquisador: Não vem nada.

Pesquisador: Dê um sentimento para essas imagens. Qual o sentimento, Orlando, da sua imagem?

Orlando: Pra mim é... Posso usar arrependimento de novo?

Pesquisador: Claro.

Pesquisador: Agora uma pergunta para todo mundo: se o nude tivesse um apelido, qual seria o apelido do nude?

Rebeca: Besteira.

Pesquisador: Oi?

Rebeca: Besteira.

Pesquisador Besteira. Vocês concordam?

Orlando: Concordo. Concordo com a Rebeca. Pra mim seria... Sei lá, meu, idiotice.

APÊNDICE 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Etapa Quantitativa

Convido você a participar da primeira etapa da pesquisa **CORPOS LÍQUIDOS: CIRCULAÇÃO DE NUDES EM JOVENS USUÁRIOS DE REDES SOCIAIS E O USO PROBLEMÁTICO DE INTERNET**, realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2020/21. Considero a sua participação muito importante para esclarecer a contribuição da tecnologia nos relacionamentos atuais e para a construção de uma Internet mais segura.

O objetivo desta primeira etapa da pesquisa é investigar alguns fatores associados com a circulação de nudes em adultos jovens com 18 a 29 anos de idade.

Para tanto, será realizado pelo participante o autopreenchimento de um questionário em plataforma digital com duração prevista de 10-15 minutos.

Depois deste questionário, você poderá seguir com o autopreenchimento do Teste de Dependência de Internet (TDI), utilizado no mapeamento da população quanto a sua intensidade de uso de Internet. Você pode escolher responder apenas o questionário - para isso bastando apenas não prosseguir. Se você prosseguir, consente na inclusão destas suas respostas na pesquisa.

Fica esclarecido:

- **Confidencialidade:** todas as informações coletadas nesta pesquisa serão estritamente confidenciais, e serão divulgados apenas resultados gerais, mantendo a privacidade e o anonimato dos participantes.
- **Pagamento:** a instituição ou qualquer participante não terá despesa alguma ao participar desta pesquisa e não haverá retorno financeiro por sua adesão.
- **Participação:** a participação é de caráter voluntário, não obrigatório e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo para a instituição ou participante.
- **Risco:** A pesquisa é considerada de risco baixo. Se houver algum incômodo ou desconforto emocional no decorrer da pesquisa, o pesquisador coloca-se à disposição para oferecer informações, orientações e encaminhamento psicológico.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da PUC-SP. O comitê é o órgão responsável por revisar, fiscalizar e verificar que a presente pesquisa se enquadra dentro dos parâmetros éticos necessários, nos termos das Resoluções CNS/MS no 510/2016 e no 466/2012. Caso tenha alguma dúvida, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética – PUC-SP, sala 63-C Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes - Tel./FAX: (11) 3670-8466.

Declaro que tenho mais de 18 anos e entendi o objetivo e o procedimento da pesquisa; minhas dúvidas foram esclarecidas e concordo voluntariamente em participar da pesquisa, bem como autorizo o uso dos dados para os fins declarados.

Sim

Não

Contato do pesquisador: aroldocj@gmail.com

Contato da orientadora: lwahba@pucsp.br

APÊNDICE 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Etapa Qualitativa

Convido você a participar da segunda etapa da pesquisa CORPOS LÍQUIDOS: CIRCULAÇÃO DE NUDES EM JOVENS USUÁRIOS DE REDES SOCIAIS E O USO PROBLEMÁTICO DE INTERNET realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2020/21. Considero a sua participação muito importante para o esclarecimento da contribuição da tecnologia para os relacionamentos e construção de uma Internet mais segura.

O objetivo desta segunda etapa da pesquisa é levantar os principais problemas envolvidos na circulação de nudes em adultos jovens com 18 a 29 anos de idade, especialmente quando consideramos um padrão de uso de Internet mais intensivo. Para tanto, será realizada oficina com uso de recursos expressivos dramáticos (Psicodrama Junguiano). Esta oficina tem previsão de duração de 3-4 horas. A oficina será gravada e transcrita posteriormente e serão utilizados os dados obtidos no questionário online e TDI, previamente consentidos, na produção do estudo misto quantitativo-qualitativo.

Fica esclarecido:

- **Confidencialidade:** todas as informações coletadas nesta pesquisa serão estritamente confidenciais, e serão divulgados apenas resultados gerais, mantendo a privacidade e o anonimato dos participantes.
- **Pagamento:** a instituição ou qualquer participante não terá despesa alguma ao participar desta pesquisa e não haverá retorno financeiro por sua adesão.
- **Participação:** a participação é de caráter voluntário, não obrigatório e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem prejuízo para a instituição ou participante.
- **Risco:** A pesquisa é considerada de risco baixo. Se houver algum incômodo ou desconforto emocional no decorrer da pesquisa, o pesquisador coloca-se à disposição para oferecer informações, orientações e encaminhamento psicológico.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da PUC-SP. O comitê é o órgão responsável por revisar, fiscalizar e verificar que a presente pesquisa se enquadra dentro dos parâmetros éticos necessários, nos termos das Resoluções CNS/MS no 510/2016 e no 466/2012. Caso tenha alguma dúvida, você poderá entrar em contato com o Comitê de

Ética – PUC-SP, sala 63-C Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes - Tel./FAX: (11) 3670-8466.

Declaro que tenho mais de 18 anos e entendi o objetivo e o procedimento da pesquisa; minhas dúvidas foram esclarecidas e concordo voluntariamente em participar da pesquisa, bem como autorizo o uso dos dados para os fins declarados.

Sim

Não

Contato do pesquisador: aroldocj@gmail.com

Contato da orientadora: lwahba@pucsp.br